

# **Mulheres Transexuais, Transgender e Cross-dresser: Trajetórias de vida, emoções e resiliências entre Imigrantes e Refugiadas em Barcelona**

Versão Final Após Defesa

**Herdene Vitória Vital Ribeiro**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Donizete Aparecido Rodrigues  
Co-orientador: Prof. Doutor Marcos de Araújo Silva

**Janeiro de 2023**



## **Declaração de Integridade**

Eu, Herdene Vitória Vital Ribeiro, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M10621 da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 10 / 10 / 2022

*Herdene Vitória Vital Ribeiro*

Herdene Vitória Vital Ribeiro



# Dedicatória

No trabalho de conclusão de carreira, dediquei a todas as mulheres que marcaram minha vida. Por coincidência talvez, todas com identidades cisgénera. Minha mãe é a primeira delas, Maria Rosinete de Oliveira Vital que fez esse sonho se tornar realidade, que investiu saúde mental, esperança, confiança e dinheiro para que esse mestrado fosse real. Não posso deixar de mencionar um homem cis que também acreditou, acolheu e investiu nesse sonho, meu pai José Marinho Ribeiro.

Nesse trabalho, amplio a todas as mulheres, independente da identidade de gênero e orientação sexual, as imigrantes, refugiadas, europeias e latinas que participaram desse trabalho e construíram a minha identidade como mulher empática, solidária e mais humana que me torno a cada dia.

Dedico este trabalho a minha mãe de santo e melhor amiga Michikó Julia, por segurar minha mão durante todo o processo, cuidando de mim e da minha mãe espiritualmente. A única pessoa que mesmo com todas as responsabilidades do mundo, me oferece choques de realidade, apoio incondicional e fé.

Também dedico aos meus guias e protetores espirituais, que conhecem o meu coração e minha essência melhor do que eu mesma, que Graças ao nosso bom, Deus, me ajudaram, me protegeram, me apoiaram a estar aqui e não permitiram que eu esquecesse meu propósito. Meu trabalho é dedicado a vocês que me ensinam a ter coragem de lutar pelos meus sonhos e por esses estudos, Seu Boiadeiro Estrela Dourada e Dona Cigana do Pandeiro. Aos meus Orixás, ao despertar todos os dias e a vida.

Dedico a pessoa que me incentivou a cruzar o oceano, a viver em outro continente e que não tenho ideia do porquê de ter chegado e permanecido na minha vida. Dedico a pessoa que me acompanha desde o meu intercâmbio para o México em 2019, que construiu um capítulo irreal nessa trajetória de mestrado. Qualquer palavra dedicada a ela é pouco, comparada a tudo que tem feito para me ajudar. Vais a seguir sendo importante independente de qualquer coisa, mi Ana Palomo.



# Agradecimentos

Agradeço com todo coração à confiança que depositou em mim o meu orientador Prof. Doutor Donizete Aparecido Rodrigues.

Agradeço ao meu coorientador e amigo Prof. Doutor Marcos de Araújo Silva, que me respondia às 23h50 ou 3h da manhã, sendo paciente, cuidadoso, parceiro e me ajudou a contactar tantas pessoas boas em Barcelona, que compreendeu a missão deste trabalho e sempre me incentivava dizendo que “o esforço vale a pena”.

Agradeço a todos os professores doutores e doutoras que fizeram parte dessa caminhada e contribuíram para o meu desenvolvimento profissional e pessoal: Donizete Aparecido Rodrigues, Maria João Leitão Simões Areias Pereira, Amélia Maria Cavaca Augusto, Catarina Sales Barbas de Oliveira, Antónia do Carmo Anginho Barriga, Nuno André Amaral Jerónimo, Nuno Miguel Cavaca Augusto, Domingos Martins Vaz e Alcides Almeida Monteiro, o meu muito obrigada as senhoras e aos senhores.

Agradeço a todas as participantes desse trabalho. Ativistas, não ativistas, todas que abriram os seus corações e as suas histórias a uma completa desconhecida, com fé de que eu poderia colaborar com esse grãozinho de areia em benefício de uma comunidade tão invisibilizada e tratada sem nenhuma humanidade.

Agradeço às minhas raízes, a Universidade Federal do Amazonas, sem a minha história nesse lugar, sem o apoio, as parcerias e a equipe das Relações Internacionais da UFAM de 2018 a 2021, eu não conseguiria chegar na UBI e realizar esse mestrado.

Agradeço aos meus professores preferidos, Professora Maria Rosinete de Oliveira Vital e Professor José Marinho Ribeiro, meus pais! Eu sou vocês, eu sou o esforço de vocês e ainda que eu seja completamente diferente dos senhores, eu agradeço todos os dias por serem vocês, os meus pais. Vocês são minha base e obrigada por acreditarem em mim!

Agradeço a Deus e a toda minha família de santo Ilé Áse Ìyá Omi Ním que me enviaram força e energias positivas, que se preocupavam e rezavam para que eu fizesse um bom trabalho e cumprisse essa etapa.

Agradeço aos meus amigos e amigas que me apoiaram, incentivaram e celebraram a minha vinda a Portugal e a minha perseverança de seguir em frente mesmo com tantas dificuldades. Agradeço a minha família principalmente pelo apoio do meu tio e orações das minhas tias, das minhas primas e primos.

Agradeço a minha linda Ana Palomo por fazer parte desse capítulo da minha vida com todos os dramas que compartilhamos antes, durante e depois da pandemia do Covid-19. Me has creído cuando yo no creía en mí misma. Obrigada menininha!

Agradeço ao Sr. Benito Rigueira que tornou possível o contato com as interlocutoras, sempre com muita paciência e respeito com elas e comigo. Agradeço com todo coração a Sra. Laura Soto por me acolher em sua casa em Barcelona junto a minha orientadora e conselheira Sra. Angels Torregrosa e que dizia “escreve, faz teu trabalho”, “não faz mais nada”, “só escreve”, “tens que olhar o melhor para ti”, “seja feliz”, *ia ustedes muchas gracias!*

Existem muitas pessoas que merecem estar nesses agradecimentos, que sem elas eu não haveria conseguido sair do Brasil em 10 de outubro de 2020. Estávamos no meio da pandemia e mesmo assim todas elas embarcaram nesse sonho e me ajudaram sem pedir absolutamente nada em troca. É no mínimo curioso pensar que estou realizando a entrega deste trabalho 2 anos depois, no dia 10 de outubro de 2022.

É importante estar preparado e preparada para escutar seus familiares te criticando por correr atrás dos seus objetivos e por desconhecidos vibrarem e ajudarem na sua felicidade.

Eu valorizo a gentileza, solidariedade e a empatia, são coisas que aprendi da minha mãe porque ela sim, faz tudo por todos (principalmente por mim) e sem pedir absolutamente nada em troca. Por isso agradeço a Sr. Tácio Cerutti, Sra. Alessandra Agulham e ao Vitor de Santa Catarina. Ao Sr. Mario e ao Sr. Toni de Curitiba. A Tia Wania Costa, a Ana Clara Costa, a Waleria Costa, ao Leonardo Mazo que me acolheram em São Paulo por mais de três meses durante a pandemia. Ao Sr. Nilo Sergio que junto com sua filha, minha amiga Alana Rodrigues, me acolheram na casa deles, na Covilhã. Também agradeço aos meus psicólogos que voluntariamente me atendiam, o doutor Francesc Verdugo Pradillo de Barcelona e doutora Renata Cunha de Braga. Nos momentos mais sombrios me faziam refletir sobre mim mesma, meus pensamentos, vivências com muito profissionalismo e empatia. Sem o excelente trabalho de vocês, este estudo não estaria pronto na data correta. A todos vocês os meus mais fortes agradecimentos. Sem o apoio verdadeiro e genuíno de vocês, nada disso seria possível.

Por fim, agradeço a Barcelona, cidade que me aventurei por essa investigação e a Covilhã que sempre será minha casinha interiorana.

## **Prefácio**

*“Luchamos en una sociedad para que las mujeres sean tratadas como personas”*

Djamila Ribeiro

*“Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”*

Clarice Lispecto

*“Não deixe de sonhar e de construir o seu sonho”*

Luana Monteiro

*“O esforço vale a pena”*

Marcos de Araújo Silva

*“Los limites están donde tú quieras ponerlos”*

Ana María Palomo Pérez



## Resumo

Introdução: As mobilizações por reconhecimento e direitos sociais que envolvem a heterogênea coletividade LGBTQIA+ foram iniciadas nos chamados “distúrbios de Stonewall” (ocorridos em Nova York em 1969) e contaram com a participação emblemática de pessoas transexuais, transgênero e cross-dresser. Ou seja, o ativismo LGBTQIA+, desde os seus primórdios, teve pessoas trans como protagonistas, que reivindicaram (e continuam reivindicando) pelos direitos que circunscrevem a diversidade sexual e de gênero não somente para si próprias, mas para toda a coletividade LGBTQIA+, extremamente diversa em termos identitários e geograficamente dispersa. Uma das razões de escolha desta temática é de caráter idiossincrático, ou seja, como mulher imigrada na Europa, desde que comecei a compreender as realidades LGBTQIA+, desenvolvi sentimentos de empatia pelas lutas em defesa da diversidade sexual e de gênero. Além disso, acreditamos que ainda existem poucos estudos que reflitam sobre as dinâmicas reivindicações das pessoas trans dentro e fora da América Latina e Europa na contemporaneidade.

Comumente negligenciadas, as mulheres trans encontram-se, em sua maioria, em variadas situações e graus de vulnerabilidade social (sobretudo após a pandemia de covid-19 ocorrida nos anos de 2020-2022) e, por conta disso, emoções e sentimentos como angústias, medos e traumas (entre outros), costumam fazer parte das suas vidas, particularmente em ambientes marcados pela transfobia sistêmica, frutos da heteronormatividade e do cispatriarcado. Sociologicamente, estas condições são circunscritas pela interseccionalidade (ou convergência de preconceitos), pois a maioria das interlocutoras que integram a amostra desta investigação, além dos estigmas intrínsecos às vidas de pessoas trans imigrantes ou refugiadas de origem sul-americana (ou do leste europeu) em uma metrópole do Sul da Europa, também sofrem discriminações relacionadas ao classismo, racismo, machismo, misoginia, homofobia, sexismo, capacitismo ou devido aos estigmas relacionados às participações de parte destas pessoas no mercado do sexo. Tais desafios exigem a construção constante de estratégias de resiliência para enfrentar esta complexa conjuntura sociocultural e tentar sobreviver a ela.

Nesse sentido, este estudo agora apresentado versa sobre as trajetórias de vida dessas mulheres trans imigrantes e refugiadas em Barcelona, uma cidade emblemática para a coletividade LGBTQIA+ na Europa, por conta do seu pioneirismo (junto a outras metrópoles como Londres e Paris) nas lutas contra a homofobia e a transfobia. Para isso iremos considerar, entre outras questões, aspectos jurídicos relacionados às dificuldades para legalização em um país da União Europeia (no caso a Espanha), para

inserção no mercado de trabalho formal, para superar as consequências sócio-econômicas trazidas pela pandemia de covid-19, entre outras questões. Assim, esta investigação irá concentrar-se em refletir sobre as estratégias de sobrevivência de mulheres transexuais, transgêneros e cross-dresser de origem estrangeira na cidade de Barcelona.

**Objetivos:** Um dos objetivos centrais desta investigação foi também avaliar a eficácia de algumas políticas sociais elaboradas pelo Ajuntament (câmara municipal) de Barcelona, pela Generalitat (governo regional) de Catalunha e voltadas para a coletividade LGBTQIA+ (especialmente mulheres trans) e imigrante no sentido de promover suas respectivas integrações sociais, de lutar contra a transfobia e de diminuir os impactos da pandemia de covid-19 nas vidas destas imigrantes e refugiadas, que já tinham as suas vidas majoritariamente marginalizadas em termos de moradia, acesso aos serviços públicos de saúde, educação formal e acesso aos cursos de qualificação e inserção profissional.

**Metodologia:** Foi feita uma investigação etnográfica, netnográfica, bibliográfica e documental explorando a literatura pertinente à temática assim como algumas teorias sociológicas sobre estudos de gênero, emoções e interseccionalidades. Foram realizadas entrevistas exploratórias com interlocutores qualificados e a construção de um caderno de campo como forma de fortalecer as pesquisas que foram iniciadas em outubro de 2021 e finalizadas em abril de 2022.

**Resultados:** Com base nos dados coletados, as políticas públicas, na sua grande maioria, voltadas para as mulheres trans imigradas e refugiadas em Barcelona, não conseguem atingir os seus objetivos e são percebidas pelas interlocutoras como ineficazes. Tais percepções ocorrem, entre outros fatores, devido ao fato de que muitas mulheres trans somente conseguem conhecer os programas governamentais e as ajudas sociais quando se integram ao ativismo LGBTQIA+ e partimos do pressuposto que essa não deveria ser a via de regra. Todas e todos deveriam ter livre escolha de converter-se ou não em ativistas, tal participação não deveria ocorrer objetivada pelos interesses em receber apoios governamentais e ajudas públicas. Além disso, é importante salientar que uma das razões desta ineficácia são que os canais de interlocução do governo de Barcelona, majoritariamente, não conseguem promover diálogos simétricos entre estas mulheres trans imigrantes e refugiadas com as esferas públicas governamentais e, com isso, não conseguem verdadeiramente empoderá-las. Outra razão é a inexistência de um controle em relação ao cumprimento das legislações já existentes. Por exemplo, caso as normativas jurídicas existentes fossem seguidas e aplicadas corretamente por parte

de empresas privadas na contratação dessas mulheres, as taxas de desemprego entre mulheres trans seriam menores. Verificou-se também que parte dos funcionários das repartições públicas que deveriam acolher os cidadãos sem qualquer tipo de discriminação por conta de orientações sexuais, identidades ou expressões de gênero, muitas vezes possuem um comportamento LGTBQIA+fóbico, racista e/ou xenófobo. É importante destacar que às oito trajetórias de vida que serão apresentadas e refletidas em profundidade, todas elas vivenciaram alguma modalidade de discriminação interseccional. Os binarismos e os preconceitos em relação ao gênero afetam negativamente a sociedade como um todo (e não apenas a população LGBTQIA+), pois além de restringir (ao invés de ampliar) os direitos de cidadania, altera as dinâmicas familiares e laborais e desencadeia uma série de sentimentos como medos, inseguranças, frustrações, raiva, tristezas, baixa-estima e transtornos como ansiedade, depressão e diversas modalidades de TOC (transtorno obsessivo-compulsivo) entre muitas outras sensações que afetam a saúde mental, as emoções e as identidades dessas pessoas.

Conclusão: Partindo dessa premissa a sociedade está marcada pela definição dos papéis e das expectativas sociais do que seria correto para um homem e mulher, a verificação do esclarecimento científico atual, indica que as recomendações abordadas beneficiariam as mulheres transexuais, transgender e cross-dresser se houvessem mais políticas públicas pautadas em diversidade, equidade, igualdade; em uma educação que neutra desde a infância e que seja capaz de auxiliar na construção social dos indivíduos; na não rejeição do feminino e supervalorização do masculino, deve ser realizado o desenvolvimento de projetos com pautas de respeito, dinâmico e com mecanismos de expansão, com maiores possibilidades de integração e não somente no aspecto laboral, mas sim de envolver voluntariados, ócio, ação social e diferentes elementos que ajudem as mulheres trans a estarem integradas na sociedade em que vivemos. Este trabalho foi realizado também como forma de reivindicar a assistência a necessidades básicas de segurança para essas mulheres trans imigrantes e refugiadas que estão fugindo de uma situação de violência física e/ou violências simbólicas (interinstitucionais, interseccionais, como xenofobia e a misoginia). Todas merecem ter oportunidades, merecem serem escutadas e tratadas com dignidade.



## **Palavras-chave**

Mulheres Trans; Mulheres Transexuais; Cross-dressing; Imigração; Refugio; Transfobia.



# Abstract

Introduction: Mobilizations for recognition and social rights involving the heterogeneous LGBTQIA+ community began in the so-called “Stonewall riots” (which took place in New York in 1969) and had the emblematic participation of transsexuals, transgenders and cross-dressers. In other words, LGBTQIA+ activism, from its beginning, had trans people as protagonists, who claimed (and continue to claim) for the rights that circumscribe sexual and gender diversity not only for themselves, but for the entire LGBTQIA+ collective, which is extremely diverse in terms of identity and geographically dispersed. One of the reasons for choosing this theme is idiosyncratic, that is, as an immigrant woman in Europe, since I began to understand the LGBTQIA+ realities, I developed feelings of empathy for the struggles in defense of sexual and gender diversity. In addition, we believe that there are still few studies that reflect on the dynamic claims of trans people inside and outside Latin America and Europe in contemporary times.

Commonly neglected, trans women are mostly in various situations and degrees of social vulnerability (especially after the covid-19 pandemic that occurred in the years 2020-2022) and, as a result, emotions and feelings such as anguishes, fears and traumas (among others) are usually part of their lives, particularly in environments marked by systemic transphobia, fruit of the heteronormativity and cis patriarchy. Sociologically, these conditions are circumscribed by intersectionality (or convergence of prejudices), since most of the interlocutors who are part of the sample of this investigation, in addition to the stigmas intrinsic to the lives of trans immigrants or refugees of South American or Eastern European origins in a southern European metropolis, they also suffer discrimination related to classism, racism, misogyny, homophobia, sexism, ableism or due to stigmas related to the participation of some of these people in the sex market. Such challenges require the constant construction of resilience strategies to face this complex sociocultural conjuncture and try to survive it.

In this sense, this study now presented, deals with the life trajectories of these trans immigrant and refugee women in Barcelona, an emblematic city for the LGBTQIA+ community in Europe due to its pioneering spirit (along with other metropolises such as London and Paris) in the struggles against homophobia and transphobia. For this we will consider, among other issues, legal aspects related to the difficulties for legalization in a country of the European Union, in this case Spain and for insertion in the formal job market to overcome the socio-economic consequences brought by the covid-19 pandemic. Thus, this investigation will focus on reflecting on the survival strategies of

transsexual, transgender and cross-dressing women of foreign origin in the city of Barcelona.

**Objectives:** One of the central objectives of this investigation was also to evaluate the effectiveness of some social policies developed by the Ajuntament (municipal council) of Barcelona, by the Generalitat (regional government) of Catalunya aimed at the LGBTQIA+ community (especially trans women) and immigrants in the sense to promote their respective social integration, to fight against transphobia and to reduce the impacts of the covid-19 pandemic on the lives of these immigrants and refugees, who already had their lives mostly marginalized in terms of housing, access to public health services, education, qualification and professional insertion courses.

**Methodology:** An ethnographic, netnographic, bibliographical and documentary research was carried out, exploring the literature relevant to the subject, as well as some sociological theories on gender studies, emotions and intersectionality. Exploratory interviews were carried out with qualified interlocutors and the construction of a field notebook as a way to strengthen the research that began in October 2021 and ended in April 2022.

**Results:** Based on the data collected, public policies aimed at trans women immigrants and refugees in Barcelona, for the most part, fail to achieve their goals and are perceived by the interlocutors as ineffective. Such perceptions occur, among other factors, due to the fact that many trans women only get to know government programs and social aid when they are part of LGBTQIA+ activism and we assume that this should not be the rule. Everyone should have a free choice to become activists or not, such participation should not be objectified by the interests of receiving government support and public aid. Furthermore, it is important to point out that one of the reasons for this ineffectiveness is that the communication channels of the Barcelona government, for the most part, are not able to promote symmetrical dialogues between these trans-immigrant and refugee women with the governmental public spheres and, therefore, they are not able to truly empower them. Another reason is the lack of control in relation to compliance with existing legislation. For example, if existing legal regulations were followed and correctly applied by private companies in hiring these women, unemployment rates among trans women would be lower. It was also found that part of the employees of public offices that should welcome citizens without any type of discrimination on account of sexual orientation, gender identities or expressions, often have an LGTBQIA+phobic, racist and/or xenophobic behavior. It is important to highlight that all of the eight life trajectories, that will be presented and

reflected in depth, experienced some type of intersectional discrimination. Gender binarisms and prejudices negatively affect society as a whole (and not just the LGBTQIA+ population), as in addition to restricting (rather than expanding) citizenship rights, it alters family and work dynamics and triggers a series of feelings such as fears, insecurities, frustrations, anger, sadness, low self-esteem and disorders such as anxiety, depression and various modalities of OCD (obsessive- compulsive disorder) among many other sensations that affect the mental health, emotions and identities of these people .

Conclusion: Based on this premise, society is marked by the definition of roles and social expectations of what would be appropriate for a man and woman, the verification of current scientific clarification indicates that the recommendations addressed would benefit transsexual, transgender and cross-dressing women, if there were more public policies based on diversity, equity, equality; in an education that is neutral from childhood and that is able to assist in the social construction of individuals; in the non-rejection of the feminine and the overvaluation of the masculine, the development of projects with respectful, dynamic guidelines and with expansion mechanisms must be carried out, with greater possibilities of integration and not only in the labor aspect, but also involving volunteers, leisure, action and different elements that help trans women to be integrated within the society in which we live. This work was also carried out as a way to claim assistance for basic security needs for these trans immigrant and refugee women who are fleeing a situation of physical violence and/or symbolic violence (inter-institutional, intersectional, such as xenophobia and misogyny). Everyone deserves to have opportunities, to be heard and be treated with dignity.



## **Keywords**

Trans Women; Transsexual Women; Cross-dressing; Immigration; Shelter; Transphobia.



# Índice

<b>Parte I- Enquadramento Teórico.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1- Introdução.....</b>	<b>3</b>
1.1 Objetivos Gerais e Específicos.....	4
1.2 Classificação e Inserção no Ramo da Sociologia do Género e da Sexualidade.....	5
<b>Capítulo 2- Métodos e Técnicas.....</b>	<b>7</b>
2.1 Técnica de Pesquisa Netnográfica.....	7
2.2 Técnica de Pesquisa Documental.....	8
2.3 Técnica de Pesquisa Etnográfica Prospectiva.....	8
2.4 Coleta de Dados.....	9
<b>Capítulo 3- Enquadramento Teórico.....</b>	<b>11</b>
3.1 Estado da Arte.....	11
a) Introdução a Construção social da Xenofobia, Migração e Refúgio (Dados retirados do caderno de campo de 3 de dezembro de 2020).....	11
b) Racismo.....	14
c) Papéis de Género e a Cadeia Simbólica.....	15
d) Transexuais e Transgender (ou Transgénero).....	17
e) Transfobia e a Teoria Queer.....	18
f) Cross-dressing e Cross-dresser.....	19
g) Sociologia das Emoções.....	20
3.2 Justificativa do Tema da Dissertação.....	22
3.3 Apresentação dos Principais Conceitos.....	24
3.3.1 Corpo Teórico.....	24
a) Agência e Estrutura (Anthony Giddens).....	24
b) Resiliência, Violência Simbólica e Estigma Social (Pierre Bourdieu e Erving Goffman).....	26
c) Teoria Queer, Género Fluído e Transexualidade (Judith Butler e Richard Miskolci).....	27

d) Teoria Sociológica das Emoções (Thomas J. Scheff, Arlie Russell Hochschild) .....	31
e) Teoria da Cadeia Simbólica (Olga Viñuales).....	32
f) Pessoas Refugiadas: definições sociológicas e particularidades.....	35
g) Pessoas Imigrantes: definições sociológicas e particularidades.....	37
h) Metodologia de Pesquisa Sociológica.....	38
i) Cross-dresser.....	39
3.3.2 Problemática da Dissertação.....	42
<b>Parte II- Corpo da Dissertação.....</b>	<b>45</b>
<b>Capítulo 4- Apresentações e Trajetórias de Vida LGBTQIA+ em contextos de     refúgio e migração: mulheres Trans e Cross-dresser em Barcelona.....</b>	<b>47</b>
4.1 Apresentação de vida: interlocutora Ohana de Honduras e interlocutora Kiara de El Salvador, reflexões sociológicas sobre refúgio e asilo político.....	47
4.2 Apresentação de vida: interlocutora Liz da República Tcheca, reflexões sociológicas sobre medos e angústias e frustrações.....	49
4.3 Reflexões sociológicas sobre explorações intra-étnicas e lutas por reconhecimento social, liberdade e auto-afirmação: interlocutora Yolanda do Peru.....	50
4.4 Apresentação das interlocutoras Manu (México), Vida (Bolívia) e Sara (Uruguai), reflexões sociológicas sobre resiliências.....	51
4.5 Apresentação de vida: interlocutora Eider, reflexões sociológicas sobre interseccionalidade e anticapacitismo.....	54
4.6 Análise sociológico sobre a entrevista realizada e formulários aplicados.....	56
4.6.1 Relatório e análise das entrevistas.....	56
4.6.2 Apresentação dos resultados mais importantes coletados através do formulário.....	115
4.6.3 Informações posteriores a data de apresentação da Dissertação (13 de Dezembro de 2022).....	122

<b>Capítulo 5- Conclusão Final.....</b>	<b>123</b>
<b>Capítulo 6- Bibliografia.....</b>	<b>127</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>137</b>
Anexo 1- Entrevista semi estruturada utilizada.....	137
Anexo 2- Formulário estruturado utilizado.....	139
Anexo 3- Permissão utilizada para gravação de áudio.....	147



# Lista de Figuras

Figura 1. Conferência virtual com Andrés Scagliola em 15 de maio de 2021. ....	15
Figura 2. Professora Dra. Olga Viñuales no dia 23 de março de 2022. ....	17
Figura 3. Cadeia Simbólica Heterossexual .....	33
Figura 4. Cadeia Simbólica Homossexual .....	34
Figura 5. Video conferência realizada pela Fundação GAG com JesúsTomillero .....	42
Figura 6. Video conferência pública realizada pela Associação GAG com Paola Mejía e Mónica Domínguez.....	43
Figura 7. Encontro aberto ao público realizado pela Associação GAG no espaço Fundació Enllaç em Barcelona apresentado pela psicóloga Gimena González.....	43
Figura 8. Encontro Aberto ao público realizado pela Associação GAG no espaço Ateneu Lharmonia em Barcelona apresentado pela autora Herdene Vitória Vital Ribeiro .....	44
Figura 9. Confraternização após apresentação da autora da dissertação Herdene Ribeiro .....	44
Figura 10. Encontro com a Interlocutora Manu no dia 10 de março de 2022 .....	52
Figura 11. Gráfico 1. Grau de Escolaridade das Interlocutoras.....	115
Figura 12. Gráfico 2. Emprego e Desemprego I.....	116
Figura 13. Gráfico 3. Emprego e Desemprego II .....	117
Figura 14. Gráfico 4. Emprega ou Desempregada na condição de Imigrante, Refugiada e Nacional.....	118
Figura 15. Gráfico 5. Imigrantes, Refugiadas e Nacionais que conhecem programas Governamentais de Emprego ou Trabalho.....	118
Figura 16. Gráfico 6. Sentimento de discriminação.....	119
Figura 17. Gráfico 7. Discriminação antes e durante a Pandemia do Covid-19.....	120

## Lista de Tabelas

Tabela 1. Categoria Motivação.....	56
Tabela 2. Categoria Dificuldades em um País Estrangeiro .....	62
Tabela 3. Categoria Identidade antes da mudança .....	68
Tabela 4. Categoria Dificuldades.....	73
Tabela 5. Categoria Vivência .....	79
Tabela 6. Categoria Condições de Trabalho .....	82
Tabela 7. Categoria Discriminação Laboral.....	86
Tabela 8. Categoria Situação de Trabalho.....	90
Tabela 9. Categoria Aceitação e Discriminação.....	92
Tabela 10. Categoria Pandemia .....	97
Tabela 11. Categoria Motivação, Eider.....	100
Tabela 12. Categoria Dificuldades em um País Estrangeiro, Eider.....	101
Tabela 13. Categoria Identidade antes da mudança, Eider.....	102
Tabela 14. Categoria Dificuldades, Eider.....	103
Tabela 15. Categoria Vivência, Eider .....	105
Tabela 16. Categoria Condições de Trabalho, Eider .....	106
Tabela 17. Categoria Discriminação Laboral, Eider .....	106
Tabela 18. Categoria Situação de Trabalho, Eider.....	107
Tabela 19. Categoria Aceitação e Discriminação, Eider .....	107
Tabela 20. Categoria Pandemia, Eider.....	108
Tabela 21. Nível de Escolaridade.....	116

Tabela 22. Emprego e Desemprego.....	116
Tabela 23. Relação entre Nível de Escolaridade x Emprego e Desemprego.....	117
Tabela 24. Relação entre ser Nacional e Imigrante x Emprego e Desemprego.....	118
Tabela 25. Relação entre ser Nacional e Estrangeira x Conhecimento de programas governamentais que oferecem apoio para encontrar trabalho.....	119
Tabela 26. Relação entre sentir discriminada por ser uma mulher trans x Imigrante, Refugiada e Nacionais .....	119
Tabela 27. Relação entre sofrer Discriminação antes e durante a Pandemia do Covid-19.....	120

## Lista de Acrónimos

LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgéneros
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexuais, Asexuais e variantes
HIV ou VIH	Vírus da Imunodeficiência Humana
SIDA ou AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ILGA	Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo
TRANS	Transexuais, Transgender o Transgéneros
ACATHI	Asociación D´Immigrants e Refugiadas LGTB
GAG	Asociación Grup d´Amics Gais, Lesbianes, Trans, Bissexuals, Intersexuals, Queer, +
ONGs	Organizações não governamentais
UBI	Universidade da Beira Interior



## **Parte I- Enquadramento Teórico**



## Capítulo 1- Introdução

Os sentimentos constituíam dimensões consideradas "naturais" para cada ser humano, mas, desde as últimas décadas do século XX, sociólogos e estudiosos de sociologia, estão interessados em saber em que medida as emoções são construídas a partir das realidades e como elas interferem na constituição social ou na percepção dessas realidades. Refletir sociologicamente sobre as emoções significa analisar como as pessoas ou grupos sociais se sentem, exteriorizam ou ocultam suas emoções e como esses sentimentos constroem suas cosmologias, valores, culturas, identidades e relações de alteridade (Lupton, 1998; Turner, and Stets, 2005, 2006; Wouters, 2007).

A pandemia de covid-19 (que se iniciou em dezembro de 2019) aumentou a vulnerabilidade e a pobreza de grupos sociais que já eram marginalizados. Na Espanha e no mundo, um dos grupos mais vulnerabilizados e que sofrem exclusão social é aquele formado por pessoas trans refugiadas e refugiados e/ou imigrantes LGBTQIA+<sup>1</sup>. Consequentemente, as emoções que essas pessoas se depararam durante a pandemia (2020-2022), foram ainda mais fortes, dadas que muitas não puderam contar com o apoio familiar e de amigos, tendo suas vidas ainda mais precarizadas e, em muitos casos, até mais expostas ao vírus, pois pelo menos 5 das interlocutoras relataram que tiveram que desrespeitar os confinamentos, sair de casa e assim sobreviver através da prostituição.

Mostrar as dificuldades em abordar as interlocutoras, criar com elas vínculos de confiança, perceber seus sentimentos e emoções durante a pandemia de covid-19 foi, entre outros, obstáculos vividos pela autora. Em outras palavras, é necessário refletir aqui sobre o processo de construção dessa metodologia de pesquisa sociológica sobre diversidade sexual e de gênero no contexto da pandemia (2020-2022); metodologia esta que teve que adaptar-se às realidades empíricas, constantemente alteradas pelo surgimento das variantes do coronavírus.

---

<sup>1</sup> Essa sigla designa pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e transexuais, queer (ou gênero fluido), intersexuais e assexuais. O sinal de mais (+) designa a inclusão de variações dentro dessas identidades sexuais, orientações de gênero ou identidades de gênero, como pansexuais ou pessoas que não se identificam com nenhum gênero e preferem ser chamadas de "agênero". Pessoas trans podem ser transgender ou transexuais. Transgender são aqueles que sentem que o sexo atribuído a elas ao nascimento (por seus órgãos genitais, cromossomos e hormônios) não coincide com o gênero com o qual se identificam. As pessoas transexuais também sentem essa discordância entre seu sexo biológico e sua identidade de gênero, mas decidiram passar por um processo de transição médica e/ou psicológica (que pode incluir tratamentos hormonais ou cirurgias) em direção ao sexo/gênero com o qual se identificam. Existem pessoas trans binárias (que se sentem como homem ou mulher) e pessoas trans não binárias (que rejeitam os binários de gênero e não se identificam nem como homens, nem como mulheres).

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa de mestrado foi percebido que não só as emoções das interlocutoras estavam sendo dinamizadas ou reconstruídas pelo cenário pandêmico, mas também pelas suas próprias emoções. Por isso, acredita-se que a sociologia das emoções tem sido essencial para melhor compreender essas interlocutoras e as suas realidades empíricas, seja em contextos políticos e socioculturais, que essas mulheres do coletivo LGBTQIA+, –especificamente imigrantes e/ou refugiadas e nativas transexuais, *transgender* e *cross-dresser*– estavam vivendo, sentindo e criando estratégias para sobrevivência. O tema foi escolhido devido à vontade de compreender as características dessa população numa cidade reconhecida como uma das capitais LGBTQIA+ da Europa, além de realizar uma análise mais profunda sobre as trajetórias de vida de oito interlocutoras-chave. O trabalho se classifica em Sociologia do Gênero, da Sexualidade e das Migrações. Foram preenchidos 25 formulários por interlocutoras, a fim coletar dados que pudessem revelar as principais dificuldades que essas mulheres encontram e ser interpretados para conduzir a uma melhor compreensão dos objetivos.

## **1.1 Objetivos Gerais e Específicos**

O objetivo geral desta dissertação foi buscar uma compreensão sociológica de um grupo de imigrantes e refugiadas trans e cross-dresser em Barcelona.

Os objetivos específicos alcançados através do formulário e das investigações empíricas foram:

- a) Identificar se as políticas sociais e os projetos de integração social vigente em Barcelona alcançam e ajudam a população trans e cross-dresser de origem imigrante.
- b) Verificar se existem ou não estratégias desenvolvidas pelas interlocutoras para enfrentar a transfobia da sociedade barcelonesa e também das esferas governamentais que deveriam dar atenção a essas pessoas e as suas especificidades em Barcelona;
- c) Apontar os impactos das políticas sociais de atendimento a comunidade trans e cross-dresser refugiada e imigrante antes e durante a pandemia da covid-19;
- d) Visibilizar as dificuldades e estratégias de sobrevivência que as mulheres trans e as pessoas cross-dresser enfrentam cotidianamente em uma sociedade como a barcelonesa, que em sua maioria, privilegia as pessoas que seguem os padrões cisgênero e heteronormativo.

Partimos da premissa de que a maioria dos estereótipos e preconceitos dirigidos às pessoas trans e cross-dresser se origina do desconhecimento sobre suas realidades e esta investigação pretende, junto com inúmeras outras: colaborar na produção de conhecimento sobre esta marginalizada e heterogênea parcela da sociedade contemporânea, pois entendemos que os desconhecimentos dificultam a criação de

empatias, respeitos e solidariedades da maioria da sociedade anfitriã em relação a essa população imigrante e integrante do coletivo LGBTQIA+. O trabalho etnográfico (pesquisa de campo) foi realizado na cidade de Barcelona devido ao grande número de pessoas imigrantes e refugiadas transexuais, transgéneros e cross-dresser presentes naquela metrópole da Catalunha, uma das regiões mais ricas e industrializadas do Estado espanhol.

## **1.2 Classificação e Inserção no Ramo da Sociologia do Género e da Sexualidade**

Os primeiros estudos sobre género e sexualidade na sociologia foram definidos na primeira metade do século XX e foram construídos principalmente a partir da Teoria dos papéis de género: isto é, o que seria adequado ao comportamento de mulheres e homens; os perfis de cada um dos sexos; como se construíam a dominação e legitimidade dos sistemas patriarcais e os ideais de “superioridade” masculina a condição feminina. Os livros clássicos: “*Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*” de Margaret Mead e “*A dominação masculina*” de Pierre Bourdieu, abordam de forma precisa a temática.

Segundo Tamanini (2020), por exemplo:

“O século XX institui o tema da sexualidade, no campo teórico de abordagem sociológica e de outras áreas das ciências humanas, e o demarca no interior da existência de duas percepções distintas: o construtivismo social e o essencialismo. [...] Sua base é uma estrutura dual e binária e tem como resultado uma leitura determinista do sexo e de sua função social como instituição normativa [...] a partir dos anos 60, a sexualidade começa a ser dissociada de sua redução à reprodução e ao casamento e a essa estrutura dual [...] vale ressaltar o importante lugar dos estudos culturais para a sociologia, como também para os estudos de género e sexualidade. As noções de multiplicidade e provisoriedade dos sujeitos trouxeram desconstruções das relações de funcionalidade, semelhança ou divergência [...] Apresenta-se nelas a ideia da diferença, articulada contextualmente, nas lacunas de sentido entre as fronteiras culturais. Por último, importa fazer menção à teoria queer, construída a partir dos estudos culturais norte-americanos, que é tomada como contraponto crítico aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e à política identitária dos movimentos sociais, conforme já sinalizado. Oferece-se, deste modo, uma possibilidade criativa à compreensão da forma como a sexualidade estrutura a ordem social contemporânea e produz-se a crítica ao fato de que, até a década de 1990, as ciências sociais

tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade [...] ”  
(Tamanini, 2020, p. 15-20).

O que significa que o gênero e a sexualidade dentro da sociologia sofreram muitas transformações ao longo das décadas e essas transformações tiveram como um dos seus resultados novos desafios para as gerações seguintes de *sociólogas/os*: a responsabilidade de tentar oferecer novas perspectivas frente às novas formas encarar os processos de mudança social envolvendo o gênero e a sexualidade. Segundo Tamanini (2020), os estudos sobre sexualidade ainda estão extremamente ligados a lógica da intimidade, a sociologia das emoções e até mesmo a vida privada e isso não deveria ser considerando completamente uma transformação de olhar a forma que se interpreta, se estuda e investiga a sexualidade. “Não se trata só de saber teoria, é preciso fazer teoria, deixar o conteúdo das realidades sociais e humanas falar com a teoria, desfazer a teoria, interpor novas perguntas às teorias e produzir respostas pertinentes” (Taminini, 2020, p.22-23).

É importante que haja uma permanente desconstrução em relação à sexualidade socialmente construída e interpretada nas últimas décadas do século XX e as novas problemáticas que a cercam nessas primeiras décadas do século XXI, além de colocar outros pontos de vista em perspectiva. Ademais de combater o racismo, o classismo, o machismo, a misoginia, o capacitismo<sup>2</sup> e as outras fobias relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero e problematizá-las, a fim de que possamos caminhar rumo à isonomia jurídica e à equidade social, para todas e todos, independentemente de serem ou não membros da coletividade LGBTQIA+. Com isso, poderão ser construídas perspectivas para a compreensão de que a xenofobia e a transfobia, que afetam diretamente as interlocutoras desta investigação, não constituem uma luta somente das pessoas trans, mas sim de todas as pessoas que lutam por sociedades verdadeiramente democráticas, mais justas e igualitárias.

---

<sup>2</sup> Capacitismo é o termo usado para denominar as discriminações que sofrem as pessoas que possuem alguma deficiência, seja física ou mental (Bordignon e Rizzon, 2021).

## Capítulo 2- Métodos e Técnicas

Dadas as informações do estudo e das perspectivas teóricas escolhidas, a metodologia indicada para alcance dos objetivos deste trabalho foi a qualitativa, o que permitiu “*várias possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais. Em busca de um melhor entendimento do contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada*” (Godoy, Arilda Schmidt, 1995, p.21) e permitindo à análise de forma micro e macro sociológica através da análise da trajetória de vida de um (ou mais) indivíduo(s) de cada categoria. Além de possibilitar uma caracterização geral da comunidade levantando dados “*a respeito de um certo grupo que se constitui no grupo estudado*” (Projeto Acadêmico, 2019), nesse caso as pessoas transexuais, transgender e cross-dresser na cidade de Barcelona.

Durante o período da pesquisa, foi construído um caderno de campo, como forma de permitir que os detalhes das entrevistas não se perdessem devido os vastos dados coletados e como forma de oportunizar uma análise mais profunda das histórias de vida de cada interlocutora.

Além das entrevistas com as interlocutoras, (como apresentadas no capítulo 4), foram realizadas entrevistas exploratórias com o diretor do centro LGBT em Barcelona, com o presidente da associação Acathi e com a administradora da fundação EnFemme, que firmaram um termo de que não seriam identificados. Mesmo não utilizando essas entrevistas em sua totalidade, elas contribuíram de forma significativa para o enriquecimento e compreensão das realidades LGBTQIA+.

Também foram realizadas entrevistas com interlocutores qualificados como a Professora Dra. Olga Viñuales e o professor Dr. Marcos de Araújo Silva. Tivemos a contribuição de dois homens transexuais; porém, como o trabalho foi majoritariamente guiado pela realidade das mulheres trans, essas informações serão divulgadas posteriormente em outro trabalho dedicado exclusivamente à realidade e vivência de homens transexuais e transgênero. Totalizando 30 entrevistados e mais 2615 minutos de entrevistas gravadas.

### 2.1 Técnica de Pesquisa Netnográfica

A Netnografia é abordagem metodológica especializada em “etnografia que utiliza comunicações mediadas por computador [...] Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais etc.” (Silva, Suelen, 2015, p.339). Baseado

no autor do livro *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online* (Kozinets, Robert, 2014), a primeira parte da coleta de dados consistiu em copiar “diretamente de comunicações mediadas por computador dados da página, blogs, sites da comunidade ou grupo observado” (Silva, Suelen, 2015, p.339), apoiada pela segunda parte da coleta, que foi composta de dados extraídos por meio de interações com os membros levantados por meio de entrevistas por e-mail, dispositivos de mensagens eletrônicas presentes em redes sociais da internet, preenchimento de formulários (Silva, Suelen, 2015).

## **2.2 Técnica de Pesquisa Documental**

É um tratamento metodológico de documentos que são primordiais para riqueza dos estudos (Pimentel, Alessandra, 2001) e de informações que possibilitem uma amplitude de entendimentos e “cuja compreensão necessita contextualização histórica e sociocultural [...]”. Ela também acrescenta “na dimensão do tempo à compreensão do social [...] que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução os indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades” (Cellard, 2008 as cited in Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p.2).

A análise documental também busca:

“identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (CAULLEY apud LÜDKE e ANDRE, 1986:38); “A técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas” (Helder, 2006, pp. 1-2 as cited in Sá-Silva et al., 2009, p.2).

Assim, esta modalidade foi efetivada através da análise de documentos, tais como manuais, decretos, informações em páginas oficiais de organismos governamentais na internet, leis e demais documentos que são produzidos pelo poder público de Barcelona no que se refere aos atendimentos e às políticas sociais de atendimento para comunidade LGBTQIA+.

## **2.3 Técnica de Pesquisa Etnográfica Prospectiva**

A etnografia prospectiva visa “reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana, engajando-se na percepção que se obtém através de experiências, nas percepções dos contrastes sociais, culturais e históricos”, segundo Rocha e Eckert (2006, p.2). Como em qualquer outra pesquisa, a ética na Etnografia é fundamental. Possuindo quatro passos importantes, é preciso “identificar-se e informar os constituintes relevantes sobre a pesquisa; pedir permissões apropriadas; obter consentimento quando necessário; citar e

Mulheres Transexuais, Transgender e Cross-dresser: Trajetórias de vida, emoções e resiliências entre Imigrantes e Refugiadxs em Barcelona  
dar o devido crédito aos membros”, assim como a netnográfica (Kozinets, 2014, p.132).

## 2.4 Coleta de Dados

Foi aplicado um formulário com uma série ordenada de perguntas que foram respondidas pelas informantes. Estas perguntas foram fechadas (duas escolhas de sim ou não) e de múltipla escolha (fechadas com uma série de respostas possíveis) sendo preenchidas por interlocutoras que se definiam, em termos de identidade de gênero, como transexual, *transgender* e/ou *cross-dresser*. Nesses formulários, tais interlocutoras responderam, além de informações básicas sobre suas vidas, também sobre seus sentimentos e vulnerabilidades em relação a ser migrante e/ou refugiada no mercado de trabalho, na esfera da saúde e da educação formal (escolaridade) em Barcelona. O trabalho visou abordar também os percentuais ligados às questões de identidade gênero e tratamentos diferenciados quando se trata de tentativas de integração social, representação política, ajudas sociais e políticas de igualdade, entre outros.

Na entrega do plano de trabalho da dissertação estava definido que a amostra seria de 10 pessoas. Realizamos algumas modificações dadas as circunstâncias e vicissitudes que se apresentaram durante as pesquisas empíricas.

a) AMOSTRA: foi realizada uma amostra de 25 pessoas pertencentes a esse segmento da população LGBTQIA+, que preencheram o formulário devidamente e onde 8 delas aceitaram contribuir com seus relatos e trajetórias de vida através de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas, a fim de ampliar o entendimento das realidades de cada uma.

b) CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: mulheres trans e pessoas *cross-dresser* que performam feminilidade, independente de suas orientações sexuais e nacionalidades - algumas interlocutoras, ainda que tenham adquirido a nacionalidade espanhola, definiam a si mesmas como “imigrantes” ou “refugiadas” e salientavam que mesmo tendo deixado de ser imigrante “no papel”, continuavam a ser estigmatizadas e a não ser reconhecidas socialmente como integrantes da sociedade barcelonesa. Devido o contexto do trabalho passar-se em Espanha, 14 delas eram da Catalunha e uma de outra região espanhola. Oito delas imigrantes de diferentes países (Venezuela, México, Peru, República Tcheca, Bolívia, Itália, Uruguai) e 2 refugiadas (Honduras e El Salvador).

c) CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: pessoas cisgéneras ou que não se definiam como

transexuais, transgêneros ou *cross-dresser* não participaram da pesquisa porque não se enquadravam no perfil estabelecido na amostra, que previu priorizar pessoas cujas identidades de gênero não fossem marcadas pela cisnormatividade.

Todas e todos que participaram responderam as mesmas perguntas, evidenciando-se os posicionamentos divergentes, antagonicos e similares das interlocutoras e entre os outros interlocutores qualificados. No início do formulário, foram todos informados de que a única identificação seria através da orientação sexual, idade e nacionalidade, omitindo-se nomes ou quaisquer tipos de informações pessoais. A publicação deste formulário foi através de grupos do aplicativo de mensagens *WhatsApp* e pela participação e visita da autora em algumas ONGs que ajudam pessoas LGBTQIA+ na área metropolitana de Barcelona. As informações foram digitalizadas e comentadas para melhor utilização e os dados obtidos foram inseridas em planilhas dinâmicas do programa Excel no intuito de obtermos as porcentagens de pessoas que se sentiram afetadas por suas condições de migrante ou de refúgio e asilo político, além da identidade de gênero distinta da cisnormatividade.

## Capítulo 3- Enquadramento Teórico

### 3.1 Estado da Arte

#### **a) Introdução a Construção Social da Xenofobia, Migração e Refúgio (Dados retirados do caderno de campo de 3 de dezembro de 2020)**

A Europa Ocidental é um dos principais atrativos de migração das últimas décadas. A ONU estimou que de 2010 a 2019 houve um aumento de mais de 50 milhões de pessoas imigrando internacionalmente, passando de 214 milhões para 272 milhões de migrantes internacionais. Em 2019, a Europa e a Ásia receberam cada uma, 82 milhões e 84 milhões de imigrantes internacionais, respectivamente. Estes dados foram publicados na página virtual da Onu News, no dia 27 de novembro de 2019<sup>3</sup>.

Com a crise do Welfare State (ou Estado de Bem-estar social) - e o aumento das políticas de austeridade impostas após a crise financeira de 2008 -, houveram taxas crescentes de desemprego, diminuição da renda e precarização dos serviços públicos relacionados à saúde, educação formal e moradia. A partir da década de 1980, uma série de políticas de bem-estar social com caráter universalista foram diminuídas e substituídas por outras, com caráter mais neoliberal, que afirmam que os indivíduos devem ser responsáveis por si mesmos, sem contar com a ajuda do Estado. Isso ocorre, por exemplo, quando os indivíduos das classes médias se esforçam para obter serviços privados de saúde e segurança social, o que incentiva o individualismo e enfraquece os laços de solidariedade (Araujo, 2013).

De acordo com o Professor Faber Paganoto, em um vídeo disponibilizado pela internet, se existem menos investimentos do Estado em políticas públicas e ações sociais, ocorre um significativo aumento na taxa de desemprego. Muitos imigrantes que estavam em empregos sem muito prestígio social (como garçons, pedreiros, cuidadores, etc.) nos países do sul da Europa deixaram de ser invisibilizados e passaram a ser vistos, por segmentos das sociedades anfitriãs, como uma “ameaça” que estaria colaborando nos processos de precarização laboral e diminuição dos ordenados<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1696031>. Acesso em 29 de setembro de 2022.

<sup>4</sup> Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JWBcbk4XMqI>. Vídeo disponível na internet e acesso no dia 27 de setembro de 2022.

De acordo com informações obtidas durante uma aula pública, proferida pela professora Amélia Augusto, na Universidade da Beira Interior, no dia 29 de outubro de 2020, os países de economias mais fortes decidem o “destino” dos países pouco desenvolvidos, gerando um descontentamento financeiro e de qualidade de vida em alguns cidadãos, que acabam por sentir a vontade de migrar para um “lugar melhor”, seja de forma legal ou ilegal. Com o aumento das desigualdades é criada uma categoria de novos excluídos “os sem abrigo”, “os sem teto”, “os sem terra” e os “sem papéis” que seriam os imigrantes ilegais.

Não se pode deixar de mencionar aquelas pessoas que não possuem poder de escolha. Os refugiados ou exilados políticos são todos aqueles que, por algum motivo de discriminação ou ameaça de sua integridade física e até ameaças de morte, precisam refugiar-se em algum país que os acolha. A interlocutora Kiara, que possui os status de refugiada, afirmou durante a entrevista, concedida no dia 12 de abril de 2022, que os refugiados, na maioria dos casos, não possuem poder de escolha e somente após conseguir o estatuto de residência permanente e/ou nacionalidade poderão retornar ao seu país de origem. Para conseguir a nacionalidade do país que o acolheu, a espera é de em média de 5 a 10 anos dependendo do país que os acolhe.

O professor Donizete Rodrigues, numa aula pública, proferida na Universidade da Beira Interior, no dia 29 de abril de 2021, afirmou que os refugiados são todos aqueles que fogem de perseguições em contexto de conflito, merecendo a proteção do direito internacional através da concessão de asilo por países de acolhimento. Essa evacuação do país de origem ocorre devido não poder viver no seu país, ou seja, por condições naturais ou de guerra (estado de calamidade), crise econômica, conflito religioso, étnico ou pela identidade de gênero e orientação sexual.

Na prática, isso não é bem assim, pois existem inúmeras solicitações por parte de africanos e latinos que pedem refúgio durante muitos anos e não obtém uma resposta. Em 2011, havia cerca de 3420 requerentes de asilo extracomunitários na Espanha. Em 2015, esse número cresceu para 14780 e, em 2020, 88530 requerentes de asilo. Uma variação de mais de 499%, de 2015 a 2020 (Oliveira, Catarina, 2022, p.36).

Catarina Oliveira (2022, p.45-47) afirma que a Espanha é o segundo país que mais se destaca como um dos que mais profere decisões na UE27<sup>5</sup>, mas isso não significa que sejam decisões favoráveis:

---

<sup>5</sup> UE27 é a abreviatura para União Europeia composta de 27 países, depois que o Reino Unido saiu da União Europeia em 31 de janeiro de 2020.

“na segunda posição passa a constar a Espanha (125 mil decisões em 2020, representando 24% do total de decisões proferidas na UE27), mostrando um incremento substantivo (em 2019 proferiu 58 mil decisões, quando ocupava a quarta posição e representou 10,7% das decisões da UE27, e em 2018 apenas representou 2% das decisões” [...] Em 2021, a Espanha, que passa a ser a terceira (com 71 mil), diminuindo bastante o universo de decisões proferidas que acompanha também em uma quebra nos pedidos de proteção. [...] Nota-se que os países com maior número de pedidos de asilo apresentam, globalmente, taxas de decisão positiva relativamente mais baixas [...] na Espanha (66 em 2019, mas desce abruptamente para 41 em 2020 e 29 em 2021). [...] Em 2021 a Espanha está presente entre os países que mais apresentaram taxas de recusa, com 71%.

Quando se trata de outros europeus, como, por exemplo, os ucranianos, existe mais empatia em buscar o entendimento de suas realidades para acolhê-los. Essa afirmação é baseada na parceria entre FRA (Agência Europeia de Direitos Fundamentais) em cooperação com a FRANET<sup>6</sup>, que lançaram um questionário *online* para captar as experiências e opiniões das pessoas que conseguiram fugir da guerra na Ucrânia. Esse questionário está sendo aplicado de forma simultânea na Espanha e em outros 9 estados membros como Estônia, Alemanha, República Tcheca, Hungria, Itália, Polônia, Eslováquia, Bulgária e Romênia (Dados retirados do Observatório Espanhol de Racismo e Xenofobia do Governo Espanhol, 2022<sup>7</sup>).

E como a imigração e o estatuto de refugiado se cruzam com as questões de gênero? É importante destacar que a interseccionalidade complexifica ainda mais as questões ligadas ao gênero ao relacioná-lo com outras categorias de opressão como a classe, a etnicidade, a orientação sexual, a identidade de gênero e, como no caso deste estudo, com a imigração e estatuto de refugiado de algumas interlocutoras.

A xenofobia é um sentimento de medo, aversão, desprezo pelo imigrante, é o pensamento que aflora em algumas pessoas nativas em relação a uma não nativa, como se ela pudesse “roubar direitos” ao chegar. Os imigrantes seriam indivíduos desejosos de aceder a relações de cidadania e isso acarretaria resistência as pluralizações étnicas. “São os defensores extremados do “orgulho branco” em estratos populacionais relevantes e politicamente organizados ou ainda não, capazes de criar ou aproveitar incidentes críticos para relançar a xenofobia e o conflito inter-ético aberto” (Bastos et al. 2006, p.31).

<sup>6</sup> FRANET é uma rede de investigação multidisciplinar pertencente a European Union Agency for Fundamental Rights.

<sup>7</sup> <https://www.inclusion.gob.es/oberaxe/es/destacados/index.htm>. Acesso em 29 de setembro de 2022.

Quando se atrela a realidade das nossas interlocutoras mulheres trans e *cross-dresser*, não binárias, pobres e com alguma incapacidade física, esses fatores serão as principais razões de desigualdade social, discriminação e até para o ódio.

## **b) Racismo**

Segundo afirmou o professor Donizete Rodrigues, durante uma aula pública proferida, na Universidade da Beira Interior, no dia 15 de abril de 2021, o racismo ocorre quando um indivíduo sofre discriminação devido sua aparência e características físicas. A pessoa racista possui um sentimento de superioridade, buscando a separação física do outro. Quanto mais distante e diferente a cultura da pessoa imigrante seja da nacional, maior a possibilidade de discriminação.

A Espanha, é um país com uma sociedade multiétnica, com organizações políticas diferentes e onde cada região autônoma, tenta estabelecer (em respeito à constituição) um bom convívio e respeito à unidade nacional. A interlocutora Manu, em entrevista no dia 7 de março de 2022, e a interlocutora Vida, no dia 22 de abril de 2022, atestaram que quando se trata do processo migratório de indivíduos das ex-colônias, esse bom convívio é mais difícil de se estabelecer. Ainda durante a aula, do dia 15 de abril de 2021, o professor Donizete Rodrigues afirmou que isso ocorre principalmente se existem ideais etnocentristas, onde sucede a valorização da nação e do país em detrimento de outras culturas.

Se essas pessoas migrantes e refugiadas possuem características não normativas como ser uma pessoa trans ou que pratica o *cross-dressing*, sofrerá ainda mais. O racismo que mais prejudica as migrantes e refugiadas é o estrutural. Segundo Andrés Scagliola, em uma conferência pública e virtual, proferida em 15 de maio de 2021 e transmitida pelas redes sociais da associação GAG, uma ONG barcelonesa, que luta pelos direitos da população LGBTQIA+, o racismo estrutural se manifesta não somente através das relações sociais, mas através das organizações estatais e das políticas públicas que não alcançam ou beneficiam verdadeiramente essa população, como, por exemplo, o fato de que mulheres trans que chegam a Espanha e ainda apresentam o nome de batismo em masculino, devido seus países não possuírem políticas que permita o uso legal do nome social, ao chegar no país como imigrantes e refugiadas, não podem mudar suas documentações para o nome social, permanecendo com aquele que não corresponde a sua identidade de gênero. Os e as imigrantes transexuais, transgender e *cross-dresser* em Barcelona não podem mudar seus nomes. Scagliola também afirma que os direitos deveriam ser iguais entre todos porque quando só está dedicado a alguns, se torna um privilégio.



**Figura 1.** Conferência virtual com Andrés Scagliola em 15 de maio de 2021<sup>8</sup>. Nota: A autora da dissertação encontrava-se na Covilhã (Portugal) e os demais presentes na conferência estavam em Espanha, Alemanha, Uruguai e México.

### **c) Papéis de Género e a Cadeia Simbólica**

Em 23 de março de 2022, a antropóloga Olga Vñuales compartilhou, através de uma entrevista, informações e explicações a respeito dos papéis de género ou *roles de género*. A autora afirma que são expectativas sociais que variam de uma cultura a outra. Dentro da psicologia social, disciplina ministrada por ela na Universitat de Barcelona, é a relação e interação com o outro condicionando os pensamentos, sentimentos e condutas. Então os papéis de género são essas expectativas geradas de acordo com a cultura em que se está inserido e inserida, e aí chegamos ao género porque os papéis definem como deve ser o comportamento dos seres humanos.

---

<sup>8</sup> A conferência virtual tem como nome “*Violència cap a persones LGTBI a Amèrica Llatina*”. A càrrec d’*Andrés Scagliola*”. A autora da dissertação possui autorização da Associação GAG para inserir esta imagem neste estudo. Está imagem encontra-se na rede social *Facebook* da associaçào barcelonesa.

Connell e Pearse (2015) afirmam que o conceito de gênero está baseado nas diferenças culturais entre homens e mulheres (gênero), a partir da dicotomia de fêmea e macho (sexo), existindo uma certa normativa biológica que pressupõe que os componentes corporais determinam diferenças culturais (Tavares; Mohr; Ramos, 2021).

O sexo, pela visão da medicina alopática hegemônica, se centra nos genitais, mas como isso não é o suficiente, como nos casos de atletas mulheres que apresentam um maior nível de testosterona ou apresentam cromossomas XY ou YXX ou homens que apresentam XYY. Isso significa dizer que a biotecnologia e as teorias sócio-antropológicas de gênero alteraram significativamente o que antigamente (principalmente até a década de 1950) estava aceito pelas sociedades majoritárias como sendo condutas sexuais “corretas” e as identidades ou expressões de gênero que cada pessoa deveria desempenhar seguindo como base os genitais e seus cromossomos. Ou seja, tais teorias de gênero, bastante influenciadas pela ideia de desconstrução de Jacques Derrida, juntamente com os avanços da biotecnologia, permitiram que estas visões extremamente reducionistas sobre gênero, e que eram baseadas sobretudo na genitalidade, perdessem paulatinamente credibilidade nas vertentes mais progressistas do mundo científico ocidental, como afirmado no livro *Transexualidades: otras miradas posibles*, do autor Miquel Missé (2014).

Ainda em entrevista concedida para a autora desta dissertação, em 23 de março de 2022, a antropóloga Olga Viñuales afirmou que, na sua opinião, os gêneros são culturais, sociais e variáveis. Tavares et al. (2021) e Fausto-Sterling (1993 e 2000) afirmam a existência de três tipos de gêneros<sup>9</sup> independente de macho e fêmea e dentro das condições intersexuais<sup>10</sup>. Isso deveria ser o suficiente para questionar os determinismos da cadeia simbólica. Viñuales, se baseia nas condicionantes socioculturais, na transexualidade e no “transgenerismo” para afirmar que essas duas identidades são evidências que completam os questionamentos e as formas como a cadeia simbólica tradicional em relação aos gêneros é construída e apresentada, ainda nos dias atuais, como normativa, isto é, como o “padrão”, pelos segmentos mais conservadores das sociedades ocidentais.

De acordo com Viñuales, esta “cadeia simbólica” obriga uma heterossexualidade com relação sexual genital entre mulher e homem, feminino e masculino, e essa dualidade não poderia ser quebrada e aqueles que não cumprem com ela, deveriam ser considerados

---

<sup>9</sup> São elas a) Hermafrodita Verdadeiro ou herms, que possuem testículos e ovários; b) Pseudo-hermafrodita masculino ou merms, que possuem testículos e alguns aspectos femininos (sem ovários); Pseudo-hermafrodita feminino ou fermes, que possuem ovários e alguns aspectos masculinos (sem testículos) (Fausto-Sterling, 1993).

<sup>10</sup> Intersexuais são pessoas que não possuem seus aparatos sexuais e órgãos reprodutivos bem definidos, possuindo ambiguidades.

“estranhos”. Na visão desta autora, os conceitos que mantêm essa dualidade é a prática sexual, o gênero, a orientação sexual e o sexo, todas elas vinculadas entre si.



**Figura 2.** Professora Dra. Olga Viñuales no dia 23 de março de 2022<sup>11</sup>. Nota: A autora da dissertação realizou a entrevista na casa da Professora Dra. Olga em Barcelona.

#### **d) Transexuais e Transgender (ou Transgénero)**

Segundo as autoras Silva, Bezerra et al. (2015 p.365), essa ideia do binarismo “está associada à relação direta entre as categorias sexo (biológica) e gênero (psicossocial)”. Seguindo esta linha, pode-se identificar duas experiências: homens transexuais, que nascem com órgão genital feminino e buscam o reconhecimento social no gênero masculino; e mulheres transexuais, que nascem com órgão genital masculino e buscam reconhecimento no gênero feminino, Bento (2012).

Antes das definições do próximo tópico, é importante ressaltar que para cada uma das sociedades, e para cada recorte e tempo em que vivemos, ser homem e ser mulher significa algo diferente e ressaltar que gênero é um processo de socialização, é desempenhar um papel de gênero (Simone de Beauvoir no claro pensamento de que “ninguém nasce mulher e sim, se torna mulher”. Essa frase encontra-se no seu clássico livro “O Segundo Sexo”). Portanto, possuir ou não determinado órgão genital, não deveria ser a justificativa para obrigar que as pessoas desempenhem papéis de gênero ao qual não se identificam, já que

---

<sup>11</sup> Esta imagem foi autorizada pela científica Dra. Olga Viñuales para que pudesse ser inserida neste trabalho.

o corpo físico não define género e sexualidade. No livro *El género desordenado*, de Miquel Missé e Gerard Coll-Planas (2010), está evidente que essa obrigatoriedade de desempenhar papéis de género foi principalmente gerada pelos discursos médicos que regulam a vida de pessoas transgéneros e transexuais.

Acreditamos que a estrutura de pensamento binário condiciona e tenta controlar as sociedades, não somente em relação às sexualidades, mas, também, em oposições, como, por exemplo: o bem e o mal, a luz e escuridão, preto e branco, estrangeiros e nacionais, homem e mulher. Assim, defendemos que é importante considerar que toda estrutura de pensamento é multifacetada, o que permite que algumas coisas sejam vistas, valorizadas, aceites, rejeitadas e/ou até questionadas, e outras não.

Pensando desse modo, é importante adquirir novos conhecimentos e questionar o porquê de continuar a seguir ideologias ultrapassadas e rígidas que podem prejudicar outras pessoas, cerceando suas liberdades individuais. A forma como as pessoas trans vivenciam as partes “sexuadas” (relacionadas ao género) dos seus respectivos corpos são intrinsecamente e mais profundas do que a percepção de certo ou errado (Cromwell, 1999).

#### **e) Transfobia e a Teoria Queer**

Podemos de acordo com os dados apresentados até agora, trabalhar com a hipótese de que na etimologia da palavra transgénero, ser trans significa “ir além”, isto é, caracterizar uma pessoa como transgénero é afirmar que ela foi além das dicotomias de género, assim como transexual é ir além do sexo.

O “T” na sigla LGBTQIA+ é extremamente diverso e refere a um universo heterogêneo ou de transgeneridade. Pessoas transexuais são aquelas que passam por uma “transição” biomédica que inclui cirurgias e hormônios, com o fim de adequar seus aparatos biológicos às suas respectivas identidades de género. O artigo “A Tribo LGBTQIA+: tentativa de caracterização sociológica (Parte I)”<sup>12</sup>, do Professor Donizete Rodrigues, em parceria com o Professor e antropólogo Marcos de Araújo Silva, publicado em 18 de fevereiro de 2022 na revista *Visão*, expõe também que pessoas transgénero, assim como as transexuais, não se identificam com os aparatos sexuais e biológicos de nascimento. Entretanto, as pessoas transgénero não sentem necessidade de realização das cirurgias de redesignação dos aparatos sexuais e biológicos.

---

<sup>12</sup> Fonte: <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/sociologia-do-quotidiano/2022-02-18-a-tribo-lgbtqia-tentativa-de-caracterizacao-sociologica-parte-i/>. Acesso em 11 de abril de 2022.

Nesse estudo, entendemos que a transfobia configura “além de” mais uma “fobia” que significa medo e rechaço, também um ódio patológico, aversão baseada ou “justificada” pela intolerância e não aceitação pelas expressões e identidades de gênero que não se enquadram nos padrões conservadores impostos pela cisnormatividade.

O termo ‘queer’ surge como forma dinâmica e processual de representar os seres humanos que não se identificam com os padrões binários de gênero, concedendo liberdade para que elas próprias possam (des)construir suas identidades e expressões de gênero. A teoria *queer* parte do trabalho de Judith Butler (1990) e de Michel Foucault (1999), que formam um conjunto de contestações sobre as relações entre sexo, gênero, desejo e a preocupação com as formas e as configurações não típicas (de gênero, de sexo e desejo) que desafiam o que era majoritariamente aceito como “natural” (Butler, 1990 *as cited in* Davidmann, 2010). O termo *queer*, desde a década de 1990, é utilizado como um “termo-guarda-chuva” para designar as identidades sexuais e de gênero que estão além dos padrões e se expandem para incluir a possibilidade de fluidez e rechaçar os determinismos em relação ao gênero, sejam estes determinismos biológicos ou socioculturais.

Como já mencionado anteriormente, a medicina alopática hegemônica, em muitos casos, tentou usar as características sexuais das pessoas para definir e estabelecer quais eram as condutas que deveriam ser consideradas corretas, baseando-se nos aparatos sexuais de cada um e tendo como apoio a ideia de gênero/sexo/biologia.

Partindo dessa perspectiva, para uma pessoa transexual ser aceita pela sociedade majoritária, a cirurgia genital passaria a ser um requisito fundamental para as identidades transexuais e, assim, foi difundida a ideia de que essas pessoas teriam “nascido no corpo equivocado” (Davidmann, 2010). Essa ideia de “corpo equivocado” parte de discursos moralistas e conservadores, baseados em suposições equivocadas de que a sexualidade das pessoas trans seriam “anormais” (Jason Cromwell, 1999).

#### **f) Cross-dressing e Cross-dresser**

*Cross-dressing* é a ação, o conjunto de práticas e formas que uma pessoa se expressa através do vestir-se; com roupas, adereços e acessórios do gênero oposto ao designado pelo nascimento e que, por motivos indeterminados, gosta e se sente bem com as corporalidades e performatividades baseadas na contestação da cisnormatividade. O ou a *cross-dresser* são as pessoas, os sujeitos que praticam estas performatividades com a intenção de comunicar e transmitir suas expressões de gênero, seja através das artes ou da vida cotidiana. Mas como referir-se a essas pessoas? Não existe consensualidade e em

alguns textos sócio-antropológicos os autores e as autoras utilizam artigos não bem definidos: o cross-dresser, ou um cross-dresser, a cross-dresser ou uma cross-dresser.

O grupo *cross-dresser* é extremamente heterogêneo, podendo ser praticado tanto por homens quanto por mulheres, apesar de que a prática é mais observada em homens heterossexuais cis gêneros ou homens gays, bissexuais, pansexuais e assexuais cisgêneros, que sentem vontade de explorar seu lado feminino. Também é realizado por pessoas que ainda estão em fase de descoberta, adaptação e identificação do seu desejo e vontade de se tornar e corresponder a identidade de gênero que se sente melhor e mais feliz. Todos e todas são apenas pessoas que sentem vontade de usar roupas ou adereços do sexo oposto, não realizando mudanças corporais como terapias hormonais e/ou cirurgias, afirmam as autoras Skeggs (2010), Serra (2015) e Vartabedian (2018), que trabalham com as temáticas de travestimento, *cross-dressing* e transexualidade.

Na tese doutoral de Serra (2015), uma das interlocutoras afirma que existe uma sensação de conforto, de estabilidade no “*vestir-se* para escapar de situações de conflito” o que não deixaria de ser uma estratégia de sobrevivência mental para aquelas que se sentem incômodas em ter que somente desempenhar um papel de gênero.

### **g) Sociologia das Emoções**

É importante realçar que a utilização da Sociologia das Emoções nesse trabalho ocorre devido o fato de que, historicamente, a sociologia clássica não abordava com tanta frequência as emoções como componente chave na sociabilidade entre os seres humanos. Afirma Alastuey (2000, p. 146) que “a sociologia, a ciência do estudo das lógicas de ação social e das estruturas sociais, dispensou por quase duzentos anos, uma dimensão humana tão intimamente vinculada a sociabilidade como aquela que se constitui por afetos, paixões, sentimentos ou emoções” (traduzido pela autora)<sup>13</sup>.

Quando se tratam de tomadas de decisão, afetos, paixões, poder, status, prestígio, depressão, vergonha; sentimentos e emoções estão conectados diretamente com as percepções que cada ser humano (influenciado ou não pela opinião de terceiros) pode sentir. Os sentimentos e as emoções presentes nas interlocutoras estarão identificados no decorrer deste estudo e daí a relevância de abordar a teoria, sobretudo porque são sentimentos vinculados diretamente a forma como são tratadas por outras pessoas, pelas

---

<sup>13</sup> “la sociología, ciencia del estudio de las lógicas de acción social y de las estructuras sociales, ha prescindido durante casi doscientos años de una dimensión humana tan íntimamente vinculada a la sociabilidad como la constituida por los afectos, las pasiones, los sentimientos o las emociones” (Alastuey, 2000, p 146).

políticas públicas, pelos sistemas de saúde e segurança, por seus familiares e em quaisquer ambientes que estejam inseridas.

Um conceito importante que deve ser trazido antes de aprofundar um pouco mais na Sociologia das Emoções é o de Norbert Elias, exposto em “O Processo Civilizador” e “Configuração da Civilização” (1994). Esse processo civilizador é marcado pela *Natureza* e pela *Cultura*, quando Elias realizou um aprofundamento histórico para compreender os padrões de comportamento e da expressão da sensibilidade. Cumprir com certas normas passou a constituir um fator crucial para uma pessoa ser considerada “civilizada” e isso significa ter uma auto-regulação e, entre outras coisas, aprender a controlar a impulsividade.

Esse resgate das emoções humanas leva a outro conceito chamado de “Figuração e Configuração” que de acordo com um vídeo disponibilizado pelo canal Sociologia Animada pertencente ao Instituto Federal do Paraná (IFPR) na plataforma *YouTube*, explica que tudo acontece através de um processo social, nada está pronto, nada surge do nada e as coisas que se originam na sociedade decorrem de um processo social, através de um contexto histórico. Para Elias, é importante deixar em evidência que os indivíduos não são seres isolados e a sociedade controladora, o que existe são figurações e configurações sociais<sup>14</sup>.

Aplicando o conceito de Figuração e Configuração a este estudo, pode-se observar que as interlocutoras seriam pertencentes a um grupo que precisa se comportar de determinada forma, diante de outras pessoas (sejam elas também LGBTQIA+ ou heterossexuais, com os próprios nacionais daquele país e de outros países). A margem de manobra das interlocutoras, aplicando o conceito de Elias, é limitada porque vivem com muitas outras pessoas que também se encontram marginalizadas e possuem necessidades específicas, o que interfere na construção dos seus objetivos e na tomada de decisões.

Todos esses conceitos estão completamente conectados a temática do trabalho quando partimos do pressuposto que as interlocutoras apresentaram as mesmas dificuldades como falta de segurança, fome, necessidade de acolhimento, de ter uma casa, entre outras. São desprovidos que vem das particularidades da vida de cada uma delas e que também são influenciadas pelos diferentes padrões culturais, que desencadeiam emoções e respostas diferenciadas diante de situações similares.

---

<sup>14</sup> Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cnMABPdTgcg>. Vídeo disponível na internet e acesso no dia 20 de setembro de 2022.

Quando aplica-se a perspectiva analítica de “civilização” para a realidade das interlocutoras, percebe-se que, através do conceito de Elias, existem teias de interdependência humana e vínculos sociais, econômicos e emocionais que concatenam sentimentos de coletividade e solidariedade com outras pessoas LGBTQIA+ com as quais se identificam e que consolidam sentimentos de pertença. Tais vínculos e sentimentos as une, exemplificando, a decisão e ação de migração (ou fuga) e/ou solicitação de refúgio que realizaram, baseadas em urgências e experiências particulares que as levaram a concretizar essas determinadas condutas de deixarem seus países de origem para tentar sobreviver ou viver com mais dignidade em outros.

A necessidade de segurança e de compreensão, por exemplo, são carências presentes na vida da maioria das interlocutoras, cada uma em diferentes fases de suas vidas, mas com demandas e desafios semelhantes. Porém, a partir do momento em que o contexto sociocultural em que se encontram não é mais aquele em que se estavam habituadas, entra em ação o “processo civilizador” (Elias, 1994), onde a pessoa (para ser considerada) “civilizada” deve saber como comportar-se nas mais diversas ocasiões (em um velório, em aniversários, no ambiente de trabalho, em um país que não é o seu de origem, em situações de injustiça).

Já dentro da Sociologia das Emoções, e complementar aos pensamentos de Elias, encontram-se as *Normas sociais e estrutura social*, de Hochschild (1975), onde os fatores sociais não estão somente presentes antes ou depois mais sim durante a experiência de uma emoção (Hochschild, 1983). As emoções estariam diretamente orientadas pela ação e condicionadas pelas nossas próprias expectativas prévias. As normas indicam a intensidade, a direção e a duração do sentimento e esse deve possuir uma legitimidade seja ela moral ou socio-situacional.

Esses conceitos serão melhor apresentados e vinculados no decorrer deste estudo.

### **3.2 Justificativa do Tema da Dissertação**

Como já mencionado anteriormente, acreditamos que ainda existem poucos estudos que reflitam sobre as dinâmicas reivindicações das pessoas trans dentro e fora da América Latina e Europa na contemporaneidade e a autora desenvolveu sentimentos de empatia pelas lutas em defesa da diversidade sexual e de gênero. E também o seguinte questionamento motivou a autora: “porque algumas pessoas sentem o ‘direito’ de depreciar, discriminar e violentar, física e simbolicamente, sem sentimentos de culpa, outros seres humanos por serem culturalmente, racialmente ou etnicamente diferentes ou

por apresentarem ou exporem uma orientação sexual, identidade de gênero ou expressão de gênero que não sigam a heteronormatividade ou que questionem o cispatriarcado?”

Além disso, uma das razões de escolha desta temática é de carácter idiossincrático, ou seja, a autora possui um lugar dentro do campo empírico: pois é uma mulher mestiça (descendente de negros e indígenas brasileiros), imigrada e pertencente ao heterogêneo coletivo LGBTQIA+ como uma pessoa pansexual. Tais fatores fizeram com que a autora deste trabalho desde sua adolescência sentisse identificação pelas lutas em defesa da diversidade sexual e de gênero. Sendo assim, não se trataria apenas de mais um trabalho sobre pessoas LGBTQIA+ e sim de um trabalho investigativo produzido por uma pessoa integrante desta coletividade. Todas as práticas de transfobia e discriminações que essas mulheres imigrantes e/ou refugiadas passam, fizeram a autora sentir-se parte da problemática em seu sentido amplo, principalmente ao realizar as entrevistas e verificando que existe, na cidade de Barcelona, uma forte interseccionalidade, isto é, convergência de preconceitos (xenofobia, transfobia, homofobia, machismo, misoginia, sexismo, racismo, classismo, etnocentrismo, etc.).

Um das frases de impacto para autora e que salientou a temática da dissertação foi ao realizar a entrevista com a interlocutora Vida no dia 22 de abril de 2022, esta compartilhou que teve que escutar que “*los inmigrantes son marroncitos pero despectivamente*”, que na tradução literal seria os “imigrantes são desdenhosamente marronzinhos”. Desdenhar significa mostrar desdém, desprezar com altivez, demonstrar falta de consideração ou apreço por algo ou alguém, tratar com falta de empatia e possui como sinônimos desconsiderar, depreciar, desfazer, menosprezar, rebaixar, subestimar, humilhar, esnoabar, etc.

Assim, a autora percebeu que a temática da dissertação era extremamente pertinente, necessária para a sociedade em geral e não apenas para sua formação acadêmica em particular. A autora deste trabalho é uma mulher imigrante, latina, mestiça, vinda do norte do Brasil, mas precisamente do Estado do Amazonas, ou seja, a autora é uma pessoa “marronzinha” e extremamente orgulhosa de suas raízes negras, latinas e indígenas.

### 3.3 Apresentação dos Principais Conceitos

#### 3.3.1 Corpo Teórico

##### a) Agência e Estrutura (Anthony Giddens)

Quando Giddens tenta reformular os fundamentos da sociologia (assim como Bourdieu), que antes eram Indivíduo e Sociedade, substitui pela dinâmica da Agência (capacidade do indivíduo de agir, de ser um agente que toma uma ação) e estrutura (que existe na medida em que a ação do agente se realiza, pois é na agência que a estrutura conseguiria se consolidar).

Isso quer dizer que antes era privilegiada a ideia de que é a sociedade que impõe aos indivíduos as obrigações que devem cumprir ou a liberdade de qualquer vínculo. O indivíduo realizaria uma ação de forma subjetiva. Giddens, portanto, conseguiu reestabelecer uma ligação mais próxima entre essas variáveis. A estrutura passa a ser os recursos ou regras que os agentes devem abrir mão para ter uma ação.

As interlocutoras por exemplo, sentem a necessidade contínua de elaborar *agência*, isto é, um conjunto de ações que articulam e que lhes permitam enfrentar as limitações ou dificuldades impostas pelas estruturas sociais, obter recursos financeiros, realizar uma ação (uma agência) concreta para tentar mudar de vida, emigrar e com isso, adquirir importantes conquistas como por exemplo, segurança para manter suas integridades físicas. Aplicando os conceitos de Giddens, elas estariam dinamicamente tentando adaptar as regras e recursos que dispõem ou com os quais convivem, para sair de seus países de origem, (migrando, estando distante de familiares, amigos, muitas vezes de alguma estabilidade financeira, etc.) e, conseqüentemente, enfrentar as estruturas sociais que, de diferentes formas, restringiam ou limitavam suas lutas por uma maior autonomia, liberdade, empoderamento e reconhecimento social.

Giddens também explica que a ação não necessariamente precisa ser tomada por um agente, de forma controlada e intencional, ao contrário, existem fatores que não se podem medir ou controlar as ações. Isso é evidente quando, por exemplo algumas interlocutoras relataram que não puderam assumir suas identidades de gênero quando ainda estavam em seus países de origem porque sabiam que sofreriam terríveis conseqüências (exclusões sociais, violências físicas e simbólicas, risco de morte, etc). Quatro interlocutoras comentaram que por não terem podido vivenciar ou expressar suas identidades de gênero desde a infância ou adolescência e terem sofrido repressões constantes das suas famílias e

das sociedades em que viviam, na atualidade carregam consigo transtornos psicológicos como depressão ou ansiedade, traumas e problemas de autoestima.

A proposta de Giddens é de que exista uma racionalização ou ação reflexiva para que se possa chegar a um controle, expressando assim discursivamente o que motiva e onde se quer chegar com uma determinada ação no sentido de alterar ou de “encaixar-se” melhor em alguma estrutura social específica. Nesse sentido, quando as interlocutoras falam sobre suas lutas e estratégias para viver e expressar livremente suas identidades de gênero, elas estão a falar sobre lutas em defesa de suas cidadanias, pois os direitos LGBTQIA+ fazem parte dos direitos humanos. Embora diversos grupos de extrema direita ou (neo) fascistas dentro e fora da Europa tentem negar isso e transmitir a ideia errônea de que os direitos sexuais e relacionados à diversidade de gênero seriam restritos às esferas “privadas” da vida de cada um. Quando na realidade, as lutas por maiores igualdades de gênero (envolvendo todos os gêneros) fazem parte intrínseca das lutas históricas pelo fortalecimento dos valores democráticos e pelo respeito às diversidades que são constituintes das sociedades contemporâneas.

De acordo com um vídeo disponibilizado pelo canal Sociologia Animada pertencente ao Instituto Federal do Paraná (IFPR) na plataforma YouTube, cada pessoa possui uma consciência prática e isso orienta nas ações individuais dos sujeitos. Mesmo assim, essa reflexão necessária para ação se torna mais interessante quando se trata de tomadas de decisão de qualquer natureza. Também é importante mencionar o novo contexto social de modernidade acompanhado de reflexividade, que acarretaram na Alta Modernidade. As partes constitutivas da modernidade são o industrialismo, o poder militar, o capitalismo, o controle de informações e a supervisão social. E porque é importante abordar esse conceito? Porque somente podem integrar-se as nações, os grupos sociais que possuem essas características e essa estrutura composta<sup>15</sup>.

Outra característica para fazer parte da alta modernidade é a desafixação do espaço tempo onde estes são diminuídos. Disponibilizado no mesmo vídeo anteriormente citado, antes nas sociedades pré-modernas, existia a relação *espaço tempo* profundamente vinculadas e elas cercavam as práticas sociais de forma homogênea, na modernidade isso não passaria. Antes haviam mais tradições por parte de alguns indivíduos de determinadas culturas e agora, na contemporaneidade, a maioria das estruturas são reavaliadas, contestadas e transformadas. Isso faz com que, mesmo de forma involuntária, os agentes tenham um maior controle sobre suas ações, o que gera uma *modernidade reflexiva*, que contesta e enfrenta com mais veemência atitudes errôneas consideradas “tradições” e que costumam

---

<sup>15</sup> Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=eYVIR3dmynY>. Acessado em 20 de setembro de 2022.

ainda hoje serem “justificadas” por alguns segmentos sociais, como atitudes e comportamentos racistas, “festejos” machistas ou sexistas, ou ações que procuram “justificar” comportamentos misóginos e LGBTQIA+fobicos ou outras ações que antes eram consideradas “naturalizadas” por partes significativas das sociedades. Assim, quanto maiores forem as possibilidades de agência, de interferir e alterar as estruturas sociais, maiores serão os graus de reflexividade crítica e capacidade de *mudança social* (Giddens, 2003).

## **b) Resiliência, Violência Simbólica e Estigma Social (Pierre Bourdieu e Erving Goffman)**

A maioria das pessoas LGBTQIA+, em destaque as *Trans* e as *cross-dresser*, sofrem com os estigmas, estereótipos e desconhecimentos. É importante frisar que a noção de estigma que se tem atualmente é oriunda da Grécia Antiga (Goffman, 1963). Se percebe o estigma quando se aponta para uma situação ou coisa, que parece a uma parcela da sociedade como algo deforme, algo fora do comum, algo que não cabe na percepção social das coisas (ex.: orientação sexual, identidade de gênero e doença mental), o que daria motivações para se desprezar o indivíduo e até mesmo excluí-lo.

Quando se trata de mercado laboral, os ambientes de trabalho deveriam responder da melhor forma ao problema do indivíduo, vê-lo objetivamente sem as condicionantes sociais. O maior problema é que isso não acontece, muitas das vezes devido a valores individuais (e também estruturais) ou socialmente partilhados. Em sociedades majoritariamente conservadoras, de fortes matrizes cristãs, como são os casos de países europeus como Portugal, Espanha ou Itália, ocorrem recorrentes casos de exclusões, violências físicas, verbais e simbólicas contra pessoas trans.

O livro “*Estigma*”, de Erving Goffman (1963), aborda muito bem como as interações sociais fazem parte do processo de estigmatizar algo ou alguém, já que “o indivíduo estigmatizado se encontra inabilitado para plena aceitação social, cujo foco da relação com outro recai justamente no atributo “depreciativo” e a “impossibilidade de enxergar demais características da sua personalidade” (Guimarães, 2018, pp.33). O estigma, segundo Goffman (1963), ao qual a comunidade LGBTQIA+ faria parte, seria de oriundo de *culpas de caráter individuais* que incluem: fragilidades de caráter, sexualidades desviantes da normatividade e vícios.

É importante salientar que estes estigmas que a comunidade carrega têm consequências profundas em suas vidas. A população LGBTQIA+ constantemente sofre com os perigos

da violência física e mental, com as inúmeras discriminações e com a associação às doenças sexualmente transmissíveis.

Na década de 1980, com a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis como HIV<sup>16</sup>, e SIDA<sup>17</sup>, associaram as doenças a este nicho, como forma de justificar a discriminação e exclusão cometidos por pessoas homofóbicas; “homens gays e bissexuais, as travestis e pessoas *trans* foram acusadas de espalhar a doença propositalmente e assim foram marginalizadas em suas próprias famílias e comunidades” Trevisan, 2004, *as cited in* Barreto (2020, pp.37).

### **c) Teoria Queer, Gênero Fluído e Transexualidade (Judith Butler e Richard Miskolci)**

A autora Buttler (1990), em sua obra *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, além de fundamentar sobre as questões de opressão às mulheres (sejam elas cis ou trans) não ser algo “natural”, mas sim historicamente situadas e socialmente construídas, afirmou que existe um problema nas “políticas de identidade presentes em discussões acerca do conceito de gênero no movimento social, na pesquisa feminista, [...] a tese de que os discursos de gênero – na biologia, no estruturalismo, na psicanálise etc – produziram a sua naturalização” (De Oliveira, 2021, p.7).

Judith Buttler aprofundou a premissa, lançada por Simone de Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo*, de que “ninguém nasce mulher, se torna mulher”, ou seja, de que os preconceitos e comportamentos machistas e misóginos não poderiam ser vistos como “naturais”, mas sim como construções sociais. E isso confirmaria que a feminilidade é socialmente construída e assim cada indivíduo reproduz uma visão social e culturalmente produzida por terceiros. Uma mulher não nasce sendo uma mulher somente por possuir um aparato sexual diferente do masculino e sim se tornaria uma mulher, devido as socializações e os papéis de gênero designados a ela.

As limitações e exclusões que as mulheres sofreram e sofrem não é resultado de sua natureza e sim fruto dos papéis de gênero que, teoricamente, elas deveriam desempenhar para que os homens pudessem se manter em papéis de dominação, tornando ainda mais difícil para as identidades de gênero e para as orientações sexuais diferentes da normatividade, a impossibilidade de empoderar-se e de serem tratadas com naturalidade.

---

<sup>16</sup> Vírus de Imunodeficiência Humana

<sup>17</sup> Síndrome da Imunodeficiência Adquirida causada por um vírus que enfraquece o sistema imunológico, popularmente conhecida como Aids (em inglês).

Pierre Bourdieu, por exemplo, em seu livro *A Dominação Masculina*, afirma que o dominado não vai ter plena consciência do seu processo de dominação porque durante muito tempo essas pessoas dominadas naturalizavam e ainda naturalizam certos comportamentos devido um processo educativo que tende a conduzir os seres humanos a não refletir sobre o nível de dominação que ocorre. Na sua obra existe a desnaturalização dessa condição masculina a tornar consciente e assim desmobilizar essa estrutura machista. O professor Guilherme Terreri, em um vídeo disponibilizado pela internet, afirmou que a formação das masculinidades são cheias de proibições, os homens não podem falar de certas formas, não podem sentar de certas formas, chorar, não podem ser diminuídos, não podem “levar desaforos para casa”, não podem demonstrar fragilidades, e tudo isso acompanhado do mito da virilidade que se transfigura em violência<sup>18</sup>.

Em entrevista realizada de forma virtual com Prof. Marcos Araújo no dia 24 de abril de 2021, ele afirma que é pertinente referenciar os clássicos estudos da *Teoria Queer* sobre fluidez, dinâmicas e não essencialismos “identitários” em relação à sexualidade humana. A *Teoria Queer* por exemplo, surgiu nos Estados Unidos, no final da década de 1980, intitulada como *Queer Theory/Sociology* (Seidman, 1996). A combinação entre Sociologia e *Teoria Queer* ocorreu devido a necessidade de compreender “a sexualidade como construção histórica e social” (Miskolci, 2009, p. 151). A *Queer Theory/Sociology* deu origem a uma coleção de livros sobre a temática social contemporânea (Miskolci, 2009).

A teoria *queer* surgiu também em oposição à Teoria Social que trata a heterossexualidade como algo natural, normal e o único aceitável. Para a autora Adrienne Rich (1986), a heterossexualidade se torna uma imposição social e a heteronormatividade (termo dado por Michael Wamer, em 1991) surge como um mecanismo de regulação e controle. Miskolci (2009) afirma que não se trata de desqualificar os movimentos anteriores de identidade, mas o termo *queer* procura expor a necessidade de algumas pessoas em se sentirem reconhecidas mesmo estando em oposição ao imaginário do que seria “normal”. Foucault, por exemplo, não é considerado um dos teóricos *queer*, mas ajudou outros estudiosos de forma teórico-metodológica a desenvolver esse pensamento.

Para De Oliveira (2021), Foucault observou que, no início da modernidade, a sexualidade foi submetida a um processo de censura e restrição, tornando-se um tabu. Esse foi principalmente o caso de casais cisgêneros heterossexuais e ainda hoje, nos anos de 2022, falar sobre sexualidade com crianças, jovens e até adultos de forma espontânea é pouco praticado, sendo tratado com certo receio por muitas famílias e determinados segmentos

---

<sup>18</sup> Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=E-qoOTiNKcQ> acessado em 20 de setembro de 2022.

da sociedade, particulares aqueles influenciados por fundamentalismos religiosos (Gonçalves, Faleiro; Malafaia, 2013).

Por muitos anos, o termo *queer* foi utilizado para ofender - “um xingamento que denota anormalidade, perversão e desvio” (Miskolci, 2009, p. 151), este deveria ser utilizado a partir da teoria como forma de desenvolver uma normalidade. Segundo De Oliveira (2021), citando Teresa de Lauretis (1991):

A *teoria queer* teria uma dupla função: evidenciar as produções discursivas e conceitualizá-las, além de realizar um trabalho crítico de desconstrução dos discursos dos próprios pesquisadores de gênero e sexualidade, dando voz aos silêncios que foram construídos. Nesses empreendimentos, os estudos queer também teriam como objetivo cruzar as fronteiras disciplinares em aspectos teóricos e metodológicos ao estabelecer diálogos entre ciência, literatura e arte. No campo político, caberia ainda buscar o equilíbrio entre igualdade e diferença na esfera pública (De Oliveira, 2021, p.2).

Além disso, a teoria possibilitou também “o florescimento de estudos *transgender*; prosseguiu com a tarefa (iniciada muito antes nos estudos gays e lésbicos) de separar a crítica de gênero e sexualidade das noções cristalizadas de identidades lésbicas e homossexuais” (De Oliveira, 2021, p.2). Identificar-se com a teoria *queer* (ou como algumas pessoas dizem “ser *queer*”) é ter uma identidade de gênero que não corresponde as ideias que já estão estabelecidas de sexualidade e que se diferem do que é ser heterossexual e cisgênero.

---

Os autores Miquel Missé e Gerard Coll-Planas são outros dois estudiosos contemporâneos que se aprofundam nestes temas, a partir de *heterotopias*<sup>19</sup> na Catalunha. As obras que contemplam essas temáticas são os livros *Transexualidades: otras miradas posibles*; *A la conquista del cuerpo equivocado* do autor Miquel Missé (2014 e 2018 respectivamente), o livro *La Carne y la Metáfora: Una reflexión sobre el cuerpo en la Teoría Queer*; *La Construcción social del género y la sexualidad: el caso de lesbianas, gays y trans*, ambos do autor Gerard Coll-Planas (2012 e 2013 respectivamente) e *El género desordenado* do Miquel Missé com Gerard Coll-Planas lançado em 2010.

<sup>19</sup> Heterotopia é um termo criado em 1984, por Michel Foucault, que também pode ser chamado de *outros espaços*. Para ele, o século XX foi marcado pelos espaços e o que realmente importa não é a duração das coisas (o tempo como marcado nos séculos anteriores) e sim o espaço delas, onde se passam e isso mudaria o paradigma dos acontecimentos. Hoje em dia, a sociedade passa por inúmeras heterotopias cotidianas, onde um evento ocorre em determinado lugar e em um determinado momento, mas que causam percepções distintas em quem percebeu aquele fato e aquela realidade, dependendo do lugar em que esteja. Como por exemplo, o ataque da Rússia a Ucrânia (iniciado dia 24 de fevereiro de 2022). A percepção de um ucraniano que está vivendo na Ucrânia no momento da guerra é diferente dos que estão acompanhando pelos noticiários.

Outro fator importante que contribuiu para o desenvolvimento dos estudos *queer* foi a “Era do Biopoder”. Foucault (1999) afirmou que esse termo foi fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, por garantir a contenção dos corpos e onde o biológico passa a refletir no político e vice-versa. Esse conceito de biopoder é uma forma de tecnologia médica, usada para controlar corpos intersexuais e transgêneros (De Oliveira, 2021).

Partindo dessa premissa, as próprias interlocutoras afirmaram que para ser considerada uma mulher trans era necessário realizar procedimentos cirúrgicos de redesignação sexual. Apesar de que esse ideal esteja se modificando com o tempo, surgem outras inúmeras imposições estéticas à essas mulheres, seja no próprio corpo, nas expressões corporais ou na vestimenta. A imposição de adaptação nada mais é que uma estratégia política para “feminizar” seus corpos e rostos a fim de terem um *passing*<sup>20</sup> mas aceitável.

Se por um lado, uma parcela dessas mulheres e homens trans desejam passar despercebidos na sociedade heteropatriarcal e cisnormativa, por outro lado, muitas delas se submetem a realizar inúmeros procedimentos hormonais e estéticos, além do constante esforço de reproduzir padrões de beleza já estabelecidos – o normativo branco ou o erótico exótico nativo - que acaba provocando ainda mais aflições para quem é vítima de tais imposições e não somente na sociedade do seu país de origem, mas na sociedade do país para o qual estará migrando ou solicitando refúgio; no caso deste estudo, a Espanha.

Uma estudiosa que aborda com muita ênfase os processos de construção do corpo e o *embodiment*<sup>21</sup>, que está ligado a como corporalmente as identidades podem manifestar aspectos de suas identidades, é Julieta Vantabedian (2018). Afirma, em seu livro *Brazilian “Travesti” Migrations: Gender, Sexualities and Embodiment Experiences*, que a beleza ou a não beleza de um corpo é um meio de realizar a distinção e a mobilidade social. O *embodiment* só se torna possível na sua relação com contexto social (Junior, 2020, p. 319) se cada indivíduo consegue perceber e refletir a respeito do contexto em que está inserido.

Quando falamos de pessoas *cross-dresser* e trans, trata-se de um processo dinâmico, uma construção contínua de tentar adaptar a forma como os corpos se comunicam, tentando adaptá-lo aos diferentes conceitos sociais nos quais transitam. São também estratégias para que a subjetividade dessas mulheres seja externalizada e comunicada socialmente (o

---

<sup>20</sup> Uma pessoa possui um *passing* quando não se percebe que ela é uma mulher ou homem trans. Quando outros indivíduos no exterior do seu convívio não percebem que poderia haver realizado alguma transição de gênero. Por um lado, e para muitas dessas mulheres trans, é um desejo que as normaliza perante a sociedade e, por outro, uma estratégia de sobrevivência em uma sociedade transfóbica (Miquel Missé, sociólogo e ativista trans).

<sup>21</sup> *Embodiment* a coporalidade que se remete a ligação entre o corpo e o mundo sócio-histórico-cultural (Crossley, 1995; Csordas, 1988; Merleau-Ponty, 2004; Shilling, 2003).

que está em seu interior passa a transparecer no exterior), através da aparência de seus corpos e respectivas performances sociais que eles desenvolvem.

Outra forma de abordar o termo *embodiment* seria contextualizá-lo a realidade das interlocutoras, que em socialização com outras mulheres de características semelhantes, estabelecem um diálogo através de interconexões, promovidas pelas redes sociais. Isso possibilita a não permanência nas suas próprias subjetividades ou ao *embodiment* que na fase inicial da transição é majoritariamente negativo, devido a hipersexualização, erotismo e a prostituição.

Não se pode deixar de mencionar que a sexualidade de pessoas trans e homossexuais ou bissexuais e pansexuais foi significativamente ignorada e, por muitos anos, considerado como um vício ou comportamento desviado da sexualidade. “As formações discursivas que envolvem -saber, poder e prazer- criaram um vocabulário de abominação, que levou a condenações legais e a -irregularidade sexual- foi atrelada às doenças mentais” (De Oliveira, 2021, p.5).

Ser uma pessoa com identidade de gênero, ou orientação sexual distinta dos padrões sociais, é estar ainda mais vulnerável a sofrer transfobia ou homofobia e uma das formas de defender-se desses preconceitos é a migração. Desse modo, deve-se escrever sobre transexualidade levando em consideração as migrações, a sociologia e a filosofia pós-estruturalista, que captam a forma como as sexualidades influenciam nas ordens sociais contemporâneas, afirmação também realizado por Galán (2002).

#### **d) Teoria Sociológica das Emoções (Thomas J. Scheff, Arlie Russell Hochschild)**

Segundo Eduardo Bericat-Alastuey (2001), os sociólogos Thomas J. Scheff, Arlie Russell Hochschild e Theodore D. Kemper foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento de pesquisas teóricas e empíricas que deram às emoções a devida importância para a interpretação dos fenômenos sociais.

Arlie Russell Hochschild (1983), em seu clássico livro *The Managed Heart: Commercialization of human feeling*, discute como tentamos acentuar ou reprimir o amor, a inveja e a raiva por meio de uma atuação profunda ou de um extenso "trabalho emocional", através de uma conduta superficial guiada pelas "regras do sentimento", que mascaram nossas expressões externas de sensações e vivências. Outros estudos posteriores aprofundaram ou abriram perspectivas para estudos sociológicos das emoções (Barbalet, 2001, 2002; Bendelow e Williams, 1998). Por esta razão, a relevância das

emoções e do afeto foram estendidas a disciplinas que incluem a sociologia do trabalho, sociologia cultural, política e econômica, teoria sociológica e estudos de movimentos sociais, especialmente gênero, classe, raça e etnia, afirma também o Professor Marcos de Araújo Silva em entrevista no dia 24 de abril de 2022.

Para melhor compreensão do estudo das emoções na vida social, foram realizadas mudanças na metodologia. As modalidades de pesquisa social que já existiam foram revitalizadas para refletir além das esferas estritamente racionais: pesquisas históricas sobre os fatores culturais e institucionais que moldam as emoções, pesquisas fenomenológicas e entrevistas filosóficas, entrevistas qualitativas, pesquisa etnográfica e análise textual e de conteúdo, netnografias (Kozinets, 2015), etc.

Segundo Alastuey (2000), e já comentado anteriormente, os estudos de Nibert Elias já abordavam em suas teorias o que seria o mundo social dos sentimentos como demonstra no “Processo Civilizador”, de que os seres humanos passam a autoregular-se ou autocontrolar-se contra impulsos emocionais.

Desempenhar múltiplas funções (e, conseqüentemente, sofrer constantes pressões psicológicas por conta disso), por exemplo, pode ser analisado como um desencadeador que faz com que as mulheres (cis ou trans) apresentem uma maior probabilidade de desenvolver problemas psicológicos e saúde mental pouco estável. Ainda assim, estas continuam seguindo suas vidas, mesmo desempenhando trabalhos e atividades laborais em ambientes de insalubridade e/ou com pouco prestígio e reconhecimento social, devido a que precisam sobreviver e, em muitos casos, aceitar os trabalhos que lhes são oferecidos, mesmo que isso signifique participar de trabalhos em regime de semi-escavidão (dados do caderno de campo, de 10 de dezembro de 2020). Os estudos de Sennet e Cobb (1972) complementam que existem “feridas ocultas da dignidade dos seres humanos, que ocupam posições sociais inferiores em uma sociedade meritocrática e que promove a identidade entre a capacidade e posição social” (Alastuey, p.148, traduzido pela autora)<sup>22</sup>.

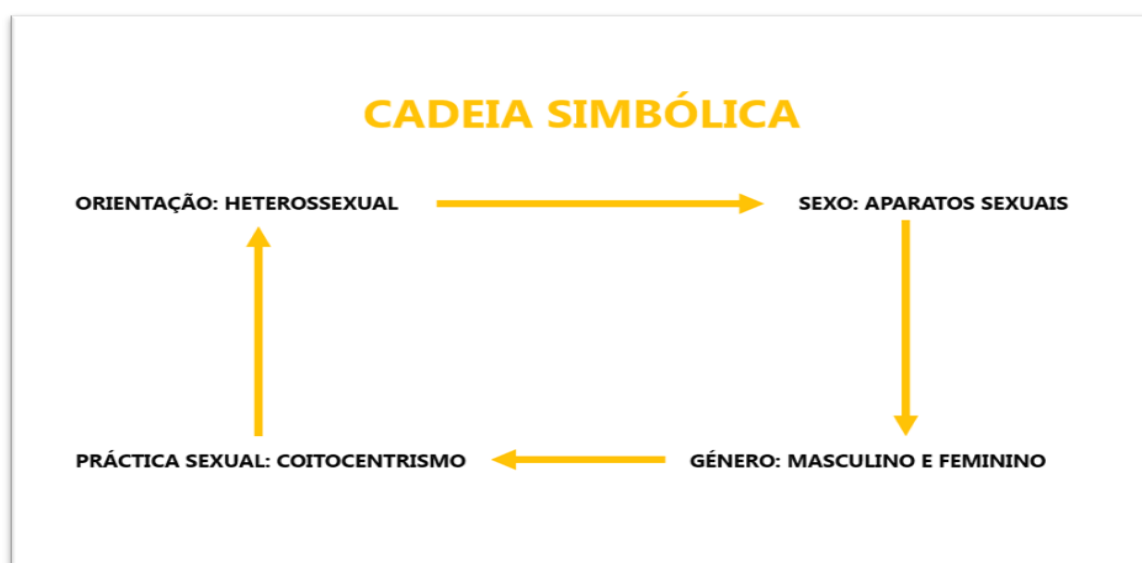
### **e) Teoria da Cadeia Simbólica (Olga Viñuales)**

O século XIX, segundo o autor Gómez (2016), foi marcado pela associação sexo e gênero, isso porque anteriormente não existia essa relação. Foucault foi o primeiro a mencionar que o controle da sexualidade presente na era vitoriana (1837-1901) estava diretamente ligado com o Biopoder, no qual o poder do Estado adapta a medicina como forma de controlar a reprodução de seus trabalhadores na época da Revolução Industrial.

---

<sup>22</sup> [...] las heridas ocultas de la dignidad de hombres que ocupan posiciones sociales inferiores en una sociedad meritocrática que proclama la identidad entre capacidad y posición social.

Gómez (2016) completa afirmando que, com o passar do tempo, a própria sociedade se ocupou de tornar os tabus a respeito da sexualidade e as psicopatias sexuais ainda mais fortes, tudo que estava fora dos padrões heteronormativos não deveria ser aceito, não deveriam existir outras possibilidades e o gênero seria conduzido ao que a antropóloga Olga Viñuales denominou de *Cadena Simbólica*<sup>23</sup>, que ao obrigar a heterossexualidade entre os seres humanos impossibilita outras formas de manifestação sexual, como já mencionado anteriormente. No quadro a seguir, é possível visualizar os conceitos vinculados entre si que mantém essas dualidades impostas pela cadeia simbólica. Se a cadeia simbólica fosse desfeita o gênero seria algo rejeitado.



**Figura 3.** Cadeia Simbólica Heterossexual. Nota: Elaborado pela própria autora com os dados fornecidos pela antropóloga Olga Viñuales, 2022.

Segundo Viñuales, em entrevista no dia 23 de março de 2022, algumas pessoas homossexuais (gays e lésbicas) ainda estão presas no rol de gênero e sexo, isso significa que muitas não obstante explicam seu gênero e orientação sexual como pessoas heterossexuais.

<sup>23</sup> A cadeia simbólica ou *cadena* simbólica afirma que a sociedade em geral predominantemente heterossexual segue o modelo hegemônico de sexualidade.



**Figura 4.** Cadeia Simbólica Homossexual. Nota: Elaborado pela própria autora com os dados fornecidos pela antropóloga Olga Viñuales, 2022.

É importante apresentar esses conceitos para melhor compreensão do porquê da existência de tantos preconceitos, ideologias “politicamente corretas” e da construção do pensamento social sexual. É importante também destacar que, ao seguir as cadeias simbólicas, pessoas intersexuais, transexuais e transgênderes, com outras práticas sexuais (dadas as diversidades de formas sexuais que existem) entre elas BDSM<sup>24</sup> e sadomasoquista. E pessoas de orientação bissexual ou pansexual entre outras, costumam ter suas sexualidades excluídas e ignoradas.

Em uma das atividades desempenhadas na *Asociación ACATHI* de ajuda a LGBTQIA+ migrantes e refugiados, no dia 12 de abril de 2022, algumas imigrantes e refugiadas afirmaram que o preconceito e a discriminação muitas vezes estavam encobertos por brincadeiras e piadas preconceituosas. Quando uma pessoa de qualquer orientação sexual quer comentar e reivindicar os direitos de pessoas LGBTQIA+, principalmente transexuais, normalmente, a parcela da sociedade, que não quer discutir sobre o tema, irá em tom de ironia e nervosismo rir sobre o tema e associar aquela pessoa que está em reivindicação a alguém pertencente ao coletivo, independente da orientação e da identidade de gênero que ela possua.

Em muitos casos, se sentem obrigadas a rir dessas piadas que as agridem psicologicamente para que não seja ainda mais ofendido de “estressado, de chato, de pessoa que não sabe brincar” e para evitar que essa agressão chegue a ser física. Mas onde

<sup>24</sup>A sigla significa Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo. Bondage em inglês refere-se a restrição de movimentos.

está a brincadeira quando uma das partes se sente agredida? Se sente incômoda com a situação? Acreditamos que casos como este constituem uma forma de assédio moral. Ainda na infância quando cada pessoa manifesta uma sexualidade diferente ou gostos que não seguem o padrão, essa criança, jovem e até adultos, são inibidos de vivenciar outras experiências e gostos (dados do diário de campo, no dia 12 de abril de 2022).

A maioria das pessoas costuma ser “etiquetadas” de diferentes formas e a ignorância faz com que algumas delas reproduzam a homofobia e a transfobia. Por muito que afirmem que se trataria somente de “um comentário”, “uma brincadeira”, que “não é nada de mais” e que “respeitam o coletivo”, essa homofobia, transfobia, bifobia internalizada, em algum momento, vai transparecer e afetar quem pertence ao coletivo e os que estão a ajudar de alguma forma esta comunidade.

Segundo a interlocutora Sara, em entrevista no dia 27 de abril de 2022, a discriminação que vivem pessoas trans devido a obrigatoriedade de cumprir com a cadeia simbólica ocorre, por exemplo, por parte de familiares e é, na maioria dos casos, de forma involuntária, devido ao desconhecimento, a ignorância, do primeiro impulso de reação. Uma vez que se consegue aceitar que não é obrigatório que seus filhos ou familiares sigam a cadeia simbólica, as relações conseguem ser melhores.

## **f) Pessoas Refugiadas: definições sociológicas e particularidades**

Cierco (2017) afirma que uma pessoa tem a necessidade de procurar refúgio em outro lugar devido ao sentimento de insegurança constante, perseguição e até ameaça de morte. Precisa retirar-se do seu país de origem, ser separado de familiares e amigos. E completa afirmando que “não dispõe de recursos financeiros, não domina a língua, a cultura, o direito e o modo de vida do país que o acolhe. É um ser exilado, que tem que ‘reaprender a viver’ (Cierco, 2010, p. 17).

Segundo Jubilut (2007, p.23-24), são “seres humanos que precisam buscar proteção em outro território que não o de sua origem ou residência habitual, em função de perseguições que sofrem”. Os refugiados existem desde o século XV, porém, a proteção jurídica só aparece para essas pessoas apenas no século XX, depois de uma grande evasão de russos na segunda década desse século, por conta de alterações políticas no local. A autora Jubilut completa com o pensamento de Hannah Arendt (1997), que “os refugiados eram vistos como “elementos indesejáveis” e a comunidade internacional se recusava a vislumbrar a possibilidade de esse problema ser permanente”.

O refugiado não possui a liberdade de escolha, normalmente, este se desloca para os lugares que pode, não que deseja (Cierco, 2017, p.13). E não se pode deixar de mencionar que tanto refugiados quanto imigrantes para manutenção da sua própria sobrevivência, se deparam muitas das vezes com péssimas condições de trabalho, pouco acesso a saúde, discriminações, xenofobia.

Foi primordial para este estudo verificar em campo qual é a verdadeira realidade de uma pessoa refugiada, principalmente tratando-se de uma cidade como Barcelona. Uma das entidades de recebimento de pessoas LGBTQIA+ imigrantes e refugiadas visitadas, e que possibilitou um maior contato da autora com mulheres trans, foi a *Asociación ACATHI*, que tem como princípio criar oportunidades para pessoas LGBTQIA+ migrantes e refugiadas nacionais de outros países, residentes na capital da Catalunha, como forma de acolher e desenvolver o potencial delas, favorecendo principalmente o reconhecimento e a inclusão a diversidade cultural, sexual e de gênero. Essa associação possibilita uma consultoria gratuita a respeito de vistos e permissões de residência com um advogado; fornece atividades de convivência como *Viernes de Ocio*<sup>25</sup>, aulas de idioma de catalão, espanhol, inglês e francês, Biblioteca Vivente<sup>26</sup>, entre outras. Os integrantes da associação também participam de encontros, congressos, como forma de abrir e expor o diálogo social, além da oportunidade de conhecimento.

No dia 20 de junho, considerado o dia de “Asilo LGBTQIA+”, uma das principais reivindicações da Acathi, publicada em suas redes sociais, foi a respeito do risco que essas pessoas passam para chegar a Europa e solicitar proteção. Mesmo existindo a possibilidade de entrar na União Europeia, para as pessoas LGBTQIA+ que fogem de perseguições, quase sempre é extremamente difícil, arriscado e custoso cruzar as fronteiras. Segundo integrantes da associação, as lutas de pessoas LGBTQIA+ são lutas de pessoas invisíveis ao sistema, migrantes e refugiadas que não podem chegar a solicitar asilo devido a construção de barreiras que são justificadas em nome da segurança, o que acarreta no risco de vida desses indivíduos em situação de desamparo.

No dia 20 de junho de 2022, na rede social rede social *Instagram* da Acathi, foi publicado o seguinte: “*O governo deve garantir que seja propiciado uma melhor capacitação para todas as partes, incluindo tomadores de decisão, juízes, intérpretes e prestadores de*

---

<sup>25</sup> *Viernes de Ocio* ou sexta-feira de folga ou de convivência são atividades de descontração que a ACATHI possibilita para que cada pessoa migrada se apresente e conheça outras pessoas que estejam na mesma condição e que juntas tenham um momento de lazer. Ciente das dificuldades que essas pessoas enfrentam, muitas das vezes longe de seus familiares e amigos, podendo acarretar em danos à sua saúde mental, as sextas-feiras de convivência visam que naquele momento as pessoas possam não pensar em seus problemas e sim divertir-se.

<sup>26</sup> Biblioteca vivente é um encontro entre os migrantes e refugiados LGBTQIA+ que querem compartilhar suas histórias e experiências com outras pessoas.

*serviços, para melhorar sua confiança na qualidade de seu trabalho e beneficiar os requerentes de asilo. LGBTIA+”* (traduzido pela autora)<sup>27</sup>.

Quando se trata de ajudar mulheres migrantes trans que normalmente não são acolhidas por outras instituições, devido as suas condições como pessoas “indocumentadas” ou em processo de regularização migratória, a Acathi e seus voluntários e voluntárias, de acordo com nossas observações, demonstrou ser uma ONG que acolhe com empatia e sensibilidade essas mulheres e lhes ajudam nos âmbitos laborais, emocionais (através dos grupos de autoajuda e da oferta e acompanhamentos psicológicos gratuitos ou de baixo custo), de moradia e integração social como por exemplo, informações sobre cursos gratuitos de catalão ou de aperfeiçoamento profissional. Ou seja, tais atividades ajudam concretamente estas mulheres trans imigradas ou refugiadas a conseguirem empoderamentos através de possibilidades concretas de autonomia, moradia, compartilhamento de experiências e formações de grupos de autoajuda, flexibilidade laboral e aperfeiçoamento profissional.

Existem algumas organizações que realizam o acompanhamento dessas mulheres, mas na maior parte das vezes sem soluções reais, somente se acompanha as usuárias a encontrar uma solução, mas não se verifica se a solução sugerida, é eficiente para todas. São poucos os programas que realmente conseguem retirar essas mulheres de situações de rua e vulnerabilidade, oferecer-lhes reais oportunidades para conseguir estudos e para encontrar empresas corporativas que as contrate.

### **g) Pessoas Imigrantes: definições sociológicas e particularidades**

Para Bourdieu (1999), os imigrantes seriam pessoas deslocadas, desprovidas de um sítio apropriado no espaço social e de um lugar atribuído nas classes sociais, baseando-se na análise sobre si mesmo, afirma Machado (2007, p.248). O imigrante, diferente do refugiado, possui o poder de escolha de querer imigrar ou não.

Frequentemente, é motivado a retirar-se de seu país para sair da miséria e da pobreza. “Normalmente este dispõe de tempo para organizar sua saída do seu país, [...] procuram trabalho nas aptidões profissionais correspondentes a uma certa procura” (Cierco, 2017, p. 13). O professor da Universidade Complutense de Madri, Pichardo Galán. (2003, p.3, tradução da própria autora)<sup>28</sup>, comenta que há um elemento que ganha maior destaque na hora de tomar a decisão de migrar e que muitos estudiosos não levaram em consideração:

---

<sup>27</sup> *El gobierno debe garantizar la provisión de una mejor capacitación para todas las partes, incluidos los encargados de tomar decisiones, los jueces, los intérpretes y los proveedores de servicios, para mejorar su confianza en la calidad de su trabajo y beneficiar a los solicitantes de asilo LGBTIA+”* (Dado fornecido pela rede social Instagram da Acathi, 2022).

a orientação sexual como “elemento central do processo migratório ou acompanhado de outras razões econômicas, políticas, familiares, de trabalho etc”.

Existem também inúmeros fatores importantes que contribuem para vulnerabilidade de um trabalhador que está na condição de imigrante ou refugiado. Segundo Fernandez (2014, s/p. traduzido pela autora), “em primeiro lugar, sua dependência econômica como trabalhadores migrantes na fonte de renda: eles deixaram seus próprios países devido à ausência de oportunidades de emprego, e sabem que não podem simplesmente deixar seus empregos porque seus familiares dependem dessa renda”.

Dez anos depois da publicação de Machado (2007), a autora Cierco (2017, p.11) afirma como “é necessário de forma a questionar as categorias e entendimentos preconceituosos, estereotipados e simplistas” acerca do que é ser imigrante, refugiado, exilado político, por exemplo, já que existem imigrações por razões positivas como completar a formação profissional, seguir estudos, escolher local de destino com tranquilidade, controlar também a sua volta ao seu lugar de partida se necessário. Para uma pessoa LGBT, imigrar pode ser a saída para uma vida mais segura e próspera, mas se realizada de forma legal. Para alguns LGBTs, a imigração ilegal também é uma forma de buscar em outro país oportunidades de um lugar melhor e mais seguro, porém não é nada fácil para esses imigrantes que normalmente chegam como turistas e precisam se reestabelecer sem papéis no país que deseja viver.

## **h) Metodologia de Pesquisa Sociológica**

Cada interlocutora foi convidada a contribuir e construir essa dissertação baseada na metodologia da horizontalidade, realizada em conjunto as reflexões sobre os temas de investigação. Este estudo não é somente “sobre” pessoas migrantes e refugiadas, mas sim “com” participantes ativas e onde as principais análises foram surgindo de acordo com a convivência, com as emoções compartilhadas e partindo de diálogos mais simétricos.

Foi feita uma revisão da literatura científica, entre os meses de novembro de 2021 e janeiro de 2022, e a pesquisa de campo foi realizada na cidade de Barcelona, entre os meses de fevereiro de 2022 e maio de 2022.

As palavras utilizadas durante esta pesquisa foram: mulheres transexuais, mulheres transgéneros, cross-dresser, transfobia, migração e refugiados.

---

<sup>28</sup> [...] la opción sexual, como elemento central del proceso migratorio o acompañando a los motivos económicos, políticos, familiares, laborales, etc.

## **i) Cross-dresser**

Ao definir as primeiras entrevistas na Catalunha, a autora percebeu que havia uma distinção no que se interpretava como travesti na realidade brasileira e na realidade europeia. Na Europa e em evidência Espanha e Portugal, os conceitos de “travestismo”, “cross-dresser” e “travesti” são pessoas que se exteriorizam e se vestem opostamente aos aparatos sexuais de nascimentos, mas de forma esporádica (Coll-Planas, 2012), “não modificam o seu corpo para se ajustar às normas de género impostas socialmente” (Santos et al, 2019, p.302).

No Brasil, ser uma mulher travesti é exteriorizar de forma permanente sua identidade de género, que está em contradição com seus aparatos sexuais. Não seria somente a vestimenta que a define como travesti, pois existe uma constante. Algumas transformam seus corpos com técnicas de visagismo por exemplo (maquiagem, tintura de cabelo ou perucas, cosméticos) ou procedimentos menos agressivos que os cirúrgicos. As travestis brasileiras reivindicam um lugar de dignidade na sociedade onde tenham possibilidades reais de ascensão social e bem-estar e não sejam condicionadas à marginalidade (no sentido de estar a margem), explicada por Missé (2014).

O termo *cross-dressing* surgiu na Europa, no final do século XX, como uma forma de separar e caracterizar que as *cross-dresser* seriam “mais merecedoras de respeito” do que as travestis. Para Skeggs (2010) é um sistema simbólico de atribuição de valor onde as *cross-dresser* sentem que as travestis normalmente estão engajadas na prostituição e esse é um mundo ao qual elas não fazem parte.

Neste trabalho, foram contatadas três *cross-dresser* (Ananda, Rafaela e Eider). Ananda nasce Antony<sup>29</sup>, hoje com 58 anos, um homem cisgénero, heterossexual, catalão, que prefere se vestir como mulher e se tornar Ananda somente entre amigos, nos meios LGBTQIA+ e com sua namorada. Ananda gosta de artes e ciência, é doutora em física e gosta de tratar as coisas da forma mais racional possível. Afirma que já sofreu insultos nas ruas, mas tem a percepção de que não é nada grave. Com seus familiares e em seu ambiente de trabalho adota uma postura masculina e informa que não tem a sensação verdadeira de que está passando de um género a outro e se sente à vontade dessa forma.

---

<sup>29</sup> Os nomes mencionados no decorrer do texto são verdadeiros. Todos são fantasia e escolhidos pela autora.

Ananda, durante a entrevista no dia 21 de março de 2022, afirma que:

*“A diferença entre vestir-se como homem ou vestir-se como mulher vem de percepções e situações muito pessoais. Se você está em uma empresa, ou no meu caso, sendo professor da Universidade, tem um código que eu devo seguir, não posso usar saia ou peruca [...] A roupa que você está vestindo hoje (dirigindo-se a entrevistadora), é uma roupa de mulher? Porque acredito que um homem pode usar essas roupas sem chamar atenção. E eu te pergunto, quem impõe isso? Para mim, são apenas peças de roupa, para mim não há tanta diferença<sup>30</sup>”* (Dados do diário de campo, de 21 de março de 2022).

Ananda afirma que a primeira vez que saiu vestida de mulher pelas ruas do interior em que vive, próximo de Barcelona, caminhou com muita coragem e sem pensar ou pesquisar sobre o assunto. Não tinha uma ideia clara do que poderia passar com ela estando daquela forma, se a polícia poderia parar-lhe e chamar sua atenção ou levar-lhe presa. Mas para sua surpresa nada aconteceu. Caminhou até a estação de metrô, chegou ao centro de Barcelona, passou todo o dia e depois voltou à sua casa. Ela também certifica de que usar a palavra travesti não é algo que agrega respeito, quem a utiliza é com intenção pejorativa, como insulto e que na Espanha ninguém se identifica como uma pessoa travesti. O termo para ela perdeu um certo significado, já que na América Latina, também é uma identidade de gênero.

Serra (p.157, 2015, tradução feita pela autora), da Universitat de Barcelona, afirma em seus estudos que existem fortes associações entre ser travesti e exercer o trabalho sexual, o que “transcende a imaginação nas mais diversas idades e vivências” e onde as *cross-dresser* afirmam de forma incisiva e permanente que não são e não se identificam com as travestis que exercem esse trabalho.

Ramón, de 56 anos, filho único, descobriu que gostava de se vestir de menina na adolescência, entre os 13 e 14 anos. Ramón deu origem a Rafaela. A roupa que tinha acesso na época e que usava as escondidas eram de sua mãe. Ela sabia que para dentro dos parâmetros estabelecidos na sociedade, querer vestir-se de mulher era algo ruim, que não podia expressar a ninguém, amigos, familiares e no ambiente de trabalho. Com o tempo, a única que passou a saber foi sua esposa, que aceitou sem problemas. Rafaela não se importa em ser tratada em feminino ou masculino e afirma que sua identidade de gênero

---

<sup>30</sup> *“La diferencia entre vestirse de hombre o vestirse de mujer viene de percepciones y situaciones muy personales. Si estás en una empresa, o en mi caso, siendo profesor de la Universidad, hay un código que debo seguir, no puedo ir con falda o con peluca [...] La ropa que tú llevas hoy, ¿es de mujer? Porque yo creo que, un hombre puede llevar esa ropa sin llamar la atención. Y te pregunto, ¿quién impone eso? Para mí, son solo piezas de ropa, para mí no hay tanta diferencia”*

ainda está em descoberta porque se sente melhor e mais realizada vestida como mulher que vestida como um homem.

Rafaela, em entrevista concedida no dia 21 de abril de 2022, comenta que:

*"quanto mais me visto de menina, mais gosto, é como uma bola de neve que cresce e cresce, e agora que minha esposa já sabe e aceita, sinto que quero mais. Chegou um momento em que me encontro cada dia mais feliz e realizada me vestindo de mulher, embora agora não o faça porque é difícil ter que explicar tudo para o resto da minha família e meus colegas de trabalho [...] e por isso não me atrevo a ir mais fundo. Toda essa situação me afeta muito"* (tradução realizada pela autora com dados do caderno de campo de 21 de abril de 2022)<sup>31</sup>.

Lamar é um homem queer, catalão de 65 anos, com orientação sexual não definida e onde ele mesmo afirma que poderia ser bissexual ou pansexual. Gosta de se vestir de mulher e dar origem a Eider. Eider é nossa terceira *cross-dresser*. Sua história será exposta de forma mais detalhada no decorrer do trabalho. Para ela, o *cross-dressing* é como um trânsito, um caminho, uma viagem que nunca tem um final, mas que pelo menos está realizando.

Em entrevista concedida no dia 12 de março de 2022, Eider afirma que para ela o *cross-dressing* é:

*"uma experiência agradável e super emocionante. O fato de ser mulher me deu a oportunidade de aprender mais sobre como as mulheres se sentem. Acredito que essa forma de sentir é melhor do que a forma como os homens se sentem. É uma visão, um sentimento e um conceito de vida"*<sup>32</sup> (tradução realizada pela autora dos dados do caderno de campo de 12 de março de 2022).

---

<sup>31</sup> *"Cuanto más me visto de chica más me gusta, es como una bola de nieve que va creciendo y creciendo, y ahora como mi mujer ya lo sabe y lo acepta, siento que quiero más. Ha llegado un momento en el que me encuentro más feliz y realizada vistiéndome de chica todos los días, aunque ahora no lo hago porque es difícil tener que explicarlo todo al resto de mi familia y a mis compañeros de trabajo [...] y por eso no me atrevo a ir más allá. Toda esta situación me afecta mucho"*

<sup>32</sup> *"una experiencia agradable y superexcitante. El hecho de ser mujer me ha dado la oportunidad de conocer más allá la forma de sentir de las mujeres. Yo creo que esta forma de sentir es mejor que la forma de sentir de los hombres. Es una visión, un sentimiento y un concepto de vida"*.

### 3.3.2 Problemática da Dissertação

Como reconhecer as dificuldades e as estratégias de sobrevivência enfrentadas por imigrantes, refugiadas e nacionais transexuais, *transgender* e *cross-dresser* para o enfrentamento e combate a transfobia e lgbtfobia institucional, social e familiar.

Como forma de identificar onde estariam essas dificuldades e as respostas para elas através de estratégias de sobrevivência e apoio mútuo que cada interlocutora e/ou integrantes do coletivo traçam, afirmamos que era de fundamental importância que a autora participasse de atividades desenvolvidas nas associações. Serão apresentadas a seguir, algumas fotos de outras atividades culturais a qual a autora fez parte, como forma de compreender como o coletivo ativista se organiza em combate as LGBTQIA+fobias.



**Figura 5.** Video conferência pública realizada pela Fundação GAG com Jesús Tomillero<sup>33</sup>. Nota: Essa conferência foi realizada no dia 6 de junho de 2021 com o ex-árbitro de futebol Jesús Tomillero.

<sup>33</sup> Jesús Tomillero foi o primeiro árbitro espanhol de futebol a se assumir gay e ativista LGBTQIA+ que após extremos ataques homofóbicos se retirou do esporte e decidiu dedicar-se a ajudar jovens do coletivo que não possuem apoio e estão sofrendo algum tipo de violência, seja ela física ou psicológica. A temática da vídeo conferência era *LGTBIfobia en lesport. A càrrec de Jesús Tomillero*.



**Figura 6.** Video conferência pública realizada pela Associação GAG com Paola Mejia<sup>34</sup> e Mónica Domínguez<sup>35</sup>. Nota: Essa conferência foi realizada no dia 13 de junho de 2021 com as editoras do Lesbicanarias.



**Figura 7.** Encontro aberto ao público realizado pela Associação GAG no espaço Fundació Enllaç em Barcelona apresentado pela psicóloga Gimena González<sup>36</sup>. Nota: Esse encontro foi realizado no dia 5 de março de 2022 com a temática “Mites, Realitats, Veritats, Fal·làcies...Indagem”. Esta imagem encontra-se disponível na rede social Facebook da Associação.

<sup>34</sup> Paola Mejia é a criadora e editora chefe do canal Lesbicanarias.

<sup>35</sup> Mónica Domínguez é a editora sênior do mesmo canal e as duas contaram sobre como para elas era fundamental possibilitar que outras mulheres lésbicas, bissexuais e pansexuais, cis ou trans, pudessem ler, escutar e compartilhar sobre essas realidades que até em tão na época de adolescência das duas, era algo inexistente, não existia a possibilidade de falar a respeito de orientação sexual e identidade de gênero e a sexualidade feminina deveria ser somente em prol do masculino.

<sup>36</sup> Gimena González Sales é uma psicóloga e *coaching* ontológica de origem argentina que foi convidada a participar desta conversa a respeito de incertezas vividas durante a pandemia e como isso poderia refletir nas ações dos indivíduos e saúde mental nesse período pós-pandêmico.



**Figura 8.** Encontro Aberto ao público realizado pela Associação GAG no espaço Ateneu Lharmonia em Barcelona apresentado pela autora Herdene Vitória Vital Ribeiro<sup>37</sup>. Nota: Esse encontro foi realizado no dia 19 de março de 2022 com a temática Brasil LGTBIA+ en el Gobierno de Bolsonaro. Esta imagem encontra-se na rede social Facebook da associação e na rede social Instagram de Herdene Vitória.



**Figura 9.** Confraternização após apresentação da autora desta pesquisa Herdene Ribeiro. Nota: Esta confraternização foi realizada no dia 19 de março de 2022. Esta imagem encontra-se disponível na rede social Facebook da associação.

<sup>37</sup> Herdene Vitória foi convidada a participar desta conversa onde apresentou o quadro das pessoas LGBTQIA+ brasileiras no governo de Bolsonaro de 2018 a 2022. Foi comentado também os governos dos ex presidentes Lula e Dilma, a CLT imposta no governo de Temer, 5 razões pelas quais Bolsonaro ganhou as eleições de 2018, o quadro do Brasil na pandemia do Covid-19 e as mortes das pessoas LGBTs principalmente de mulheres transexuais.

## **Parte II- Corpo da Dissertação**



## **Capítulo 4- Trajetórias de Apresentações de Vida LGBTQIA+ em contextos de refúgio e migração: mulheres trans e cross-dresser em Barcelona**

Este trabalho foi construído em horizontalidade com: mulheres trans binárias, mulheres trans não binárias, praticantes de *cross-dressing*, imigrantes e refugiadas na Catalunha. Foram aplicados 25 formulários e realizadas 25 entrevistas em profundidade. A investigação elegeu 8 interlocutoras imigrantes e refugiadas para apresentar suas histórias de vida, emoções e resiliências devido ser o perfil estabelecido pela proposta inicial do trabalho. Também foram utilizadas falas, comentários e pensamentos das demais interlocutoras, porque acredita-se que todas têm um profundo poder agregador para com a temática, poder que deve ser dado a elas de se expressar, de serem escutadas e valorizadas independentemente da idade, da nacionalidade, orientação sexual, nível de escolaridade, objetivos, sonhos, condições financeiras, gostos, entre outras características que definem a personalidade de uma pessoa.

O trabalho utiliza-se da linguagem neutra disponível e orientada pelo Manual de Imagem Institucional igualitária da UBI, que somente visa a não utilização de termos predominantemente masculinos, visibilizando de forma mais equitativa o feminino. É importante não deixar de integrar as pessoas que possuem outras identidades de gênero, pois mesmo que seja utilizada o uso não sexista da linguagem, ainda sim muitas não se sentem representadas por este Manual.

### **4.1 Apresentações de vida: interlocutora Ohana de Honduras e interlocutora Kiara de El Salvador, reflexões sobre refúgio e asilo político**

A primeira interlocutora que foi contatada para fazer parte deste trabalho chama-se Ohana<sup>38</sup>, que concedeu a entrevista no dia no dia 4 de março de 2022. Ohana é uma jovem adulta, de 43 anos, divertida, que gosta de arte, de sonhar, ver filmes de drama, de suspense, que gosta de cozinhar, comer pizza, ver series e estar em casa. Ohana gosta de desfrutar de uma boa companhia, de conversas inteligentes e profundas. Uma das suas maiores qualidades é não ter preconceitos, ideias preconcebidas ao conhecer alguém, sempre dando as pessoas o benefício da dúvida. Mesmo que a tratem mal, perdoa, mas não vai continuar perto só por estar. Ohana conhece o seu valor e sabe que tem um bom

---

<sup>38</sup> Todas as interlocutoras que participaram da entrevista presencialmente, assinaram uma autorização sobre o uso das gravações de áudio e comunicaram que não seriam identificadas de forma alguma. Os nomes são todos fictícios e escolhidos pela autora.

coração. Na sua infância frequentava uma escola pública e uma vez viu um companheiro de escola sem sapatos. Sabendo que seus pais poderiam comprar outro para ela, deu seus sapatos ao seu colega da escola. A mãe de Joana não brigou por chegar sem sapatos, sabia que ela era diferente, sorriu e disse ao recebe-la “*que especial eres*”<sup>39</sup>.

Refugiada há 5 anos na Espanha, afirmava que sua maior preocupação era ficar sem casa e sem emprego. Ohana já havia mudado de casa mais de três vezes e todas porque as outras pessoas que dividiam o apartamento tinham problemas por ela ser uma mulher trans ou por ser estrangeira. Sempre muito gentil e paciente, afirmou que este era um problema para todos os imigrantes e refugiados que escolheram Barcelona para viver. Encontrar um lugar que os e as aceite como realmente são, onde não sofressem discriminação e preconceito, se tornava um trabalho árduo. Chegar a Espanha e morar em Barcelona era para ela “menos pior” que viver em Honduras. Ohana é decidida a fazer o bem, mas sem esperar algo em troca. Ohana aprendeu com o tempo a escutar aquela voz interior de “não pagar na mesma moeda”, mesmo com raiva, pensa que não vale a pena brigar e se retira das situações. Se conhecia o suficiente para sair de situações desagradáveis e adversas que já viveu, não por medo das outras pessoas, mas por medo dos seus próprios atos, do que ela poderia ser capaz de fazer (Informações retiradas do caderno de campo de 4 de março de 2022).

Kiara foi a segunda refugiada entrevistada, no dia 12 de abril de 2022. É uma jovem adulta de 29 anos que vive na Espanha há quase 8 anos. Muito animada e contente, que gosta de compartilhar o pouco que tem, ama comer carne, peixe e camarão, é extrovertida e determinada. Ama cachorros, tem uma cadelinha que considera sua filha, registrada e adotada em seu nome. Kiara afirma que sempre está pensando em ter um futuro melhor. Fez cursos de informática, de limpeza para restaurantes e casas e de auxiliar de enfermagem. Ela gostaria de seguir carreira na área da saúde, mas não sabe se um dia terá oportunidade ou dinheiro para realizar esse objetivo.

Com 12 anos assumiu para sua mãe que era uma menina trans e queria realizar sua transição. Com o tempo, sua mãe a apoiou. Kiara, mesmo sendo rejeitada pelos seus irmãos, não guarda rancor deles, sente que infelizmente estão presos na sua própria ignorância. Kiara viveu na rua por três dias, porque seus irmãos negaram ajuda, mas isso a fez encontrar amigas trans que a ajudaram de verdade a estar legalmente no seu novo país de moradia e de conseguir cumprir os requisitos para seu refúgio político. É extremamente sensível, acredita que seus sonhos trazem mensagens. Hoje Kiara aluga um quarto

---

<sup>39</sup> No capítulo 4 será utilizado o itálico para as vozes das interlocutoras e de seus familiares, quando estas aparecerem no meio das análises.

confortável, está em uma relação estável, trabalha de recepcionista em um salão de beleza. Está extremamente contente com o que é, por ser uma mulher trans e por lutar por outras mulheres como ela. Kiara passou por muitas violências físicas, sexuais e simbólicas, não comentou em profundidade o que passou, mas afirmava que empatizava porque tem feridas que sabe que sempre vão existir e que com muita ajuda psicológica, que teve anteriormente, hoje consegue seguir em frente. Durante a pandemia, trabalhou com pessoas que estavam em estágio terminal de covid-19 e sentiu que aquela era sua verdadeira vocação, ajudar outras pessoas e confortá-las de alguma forma (Informações retiradas do caderno de campo, de 12 de abril de 2022).

#### **4.2 Apresentação da vida: interlocutora Liz da República Tcheca, reflexões sociológicas sobre medos, angústias e frustrações**

Liz é uma mulher de 27 anos. Concedeu a entrevista no dia 10 de março de 2022. Sorridente, um pouco *friki* ou *nerd*, que gosta de sopa, prefere a utilização de transporte público do que de carros, que poluem o meio ambiente, é aquela pessoa que conscientiza as outras de usarem comboios. Ao definir-se, afirma que é a menina que fala de saúde mental no Instagram. Liz é sensível, tinha muito apoio de seu avô para conhecer o mundo. Em sua infância, se refugiava em livros, não via diferença entre as pessoas. Ao participar de uma festa típica do seu país, chamada *pomlázka*<sup>40</sup>, onde homens e meninos saem às ruas e levemente chicoteiam mulheres e meninas com a *pomlázka*, para dar-lhes sorte e beleza durante todo o ano, percebeu o quão machista aquilo parecia e disse a sua mãe que já não queria participar. Sua mãe assentiu com a cabeça concordando e dizendo “*a mí tampoco me gusta*”.

Liz faz brincadeiras sarcásticas sobre como não gosta de baby shower revelation ou gender revelation shower. Ciente de seus privilégios como mulher branca, se preocupa com as políticas racistas em que os governos da Europa ocidental receberam de forma mais rápida, pessoas ucranianas brancas do que pessoas árabes e latinas que estão esperando refúgio há muito mais tempo. Mesmo não tendo condições financeiras ruins, seu maior medo era estar “sem-teto”, o problema não era financeiro e sim de que vizinhos e o dono da casa soubessem que ela não era uma mulher cis gênero. A possibilidade de estar sem casa durante a pandemia, juntamente com o período de transição e de terapias hormonais, influenciou de forma significativa e negativa em sua ansiedade.

Liz gosta de conversar, de perguntas interessantes, se sentia cômoda em um café falando sobre sua própria vida, sobre a sociedade e sobre assuntos delicados, como a relação com a

---

<sup>40</sup> Um chicote feito de fios de salgueiro enfeitados e entrelaçados a fitas coloridas, um dos símbolos dos costumes tradicionais da Páscoa Tcheca.

sua mãe que só conseguia falar com ela por *WhatsApp*, nunca pessoalmente, nunca por vídeo chamadas. Liz se sentia extremamente rejeitada e um pouco sozinha. Sua relação com os outros membros de sua família era ótima, menos com a pessoa que ela mais ama, sua mãe. Liz se sentia frustrada e incômoda por lembrar de situações tristes que viveu devido sua mãe não aceitar que ela era uma mulher trans. O que motivou Liz a sair da República Tcheca foi a sua vontade de encontrar um lugar onde se sentiria melhor, esse lugar não era em seu país de origem, esse lugar também precisava ter sol, mar e calor (Informações retiradas do caderno de campo, de 10 de março de 2022).

### **4.3 Reflexões sociológicas sobre explorações intra-étnicas e lutas por reconhecimento social, liberdade e auto-afirmação: interlocutora Yolanda do Peru**

Yolanda é uma jovem mulher de 41 anos, que concedeu a entrevista no dia 12 de abril de 2022. Ela é a caçula de nove irmãos, ama comer arroz com frango e gosta de apoiar as pessoas e, principalmente, dedicar tempo a elas, então nunca vai ajudar alguém, se não pode dedicar 100% a essa pessoa e com muita responsabilidade. Ama fazer uma boa faxina, gosta de tudo limpo. Acredita que para ter o respeito das outras pessoas é importante dar respeito e saber esperar o tempo de cada uma.

Yolanda é uma mulher cheia de sonhos e esperanças de uma vida melhor e infelizmente cruzou em seu caminho pessoas que não eram honestas. Seus próprios conterrâneos que lhe ofereceram uma oportunidade de trabalho em Barcelona, como faxineira, em uma casa de família com cinco crianças (de 2, 7, 8, 11 e 14 anos), foram os mesmos que a mantiveram em cárcere privado. Yolanda passou por um regime análogo a escravidão, não recebia pelo serviço prestado, teve seus pertences e roupas retirados e constantemente sofria ameaças, torturas psicológicas, agressões físicas. Somente podia sair para comprar comida para as crianças da família que também eram maltratadas pelos pais. Yolanda descobriu que os pais dessas crianças eram “carteiristas”, pessoas que roubam em metros e autocarros e, por isso, sempre estavam estressados, não conseguiam dormir, com medo que a polícia um dia chegasse a casa deles. Yolanda tentava cuidar das crianças como se fossem seus filhos. Ela sabia que eles não tinham culpa do que estava acontecendo, se sentia responsável pelas crianças e quando não havia comida para eles, realizava trabalhos como a prostituição para conseguir dinheiro e alimentá-los. Quando quis sair da casa, ameaçavam de que iam denunciá-la por violar as crianças. Yolanda passou 1 ano e 6 meses com essa família. Um dia conseguiu fazer amizade no mercado que frequentava e contou o que estava acontecendo. Com ajuda de uma amiga, começou a gravar as ameaças e brigas que aconteciam dentro da casa, caso acontecesse algo com ela, haveriam provas de quem

cometeu o crime. E decidiu enviar ao Peru todas as gravações do que estava passando e fugiu da casa em que se encontrava. Ainda se sentindo perdida, Yolanda buscou em um grupo da igreja o apoio que precisava, encontrou em Deus e em seus familiares a valentia para ficar em Barcelona e não voltar ao Peru. Depois de algum tempo, descobriu cursos de limpeza e cozinha gratuitos. Sempre com facilidade de fazer amizades, uma amiga do seu curso de cozinha lhe comentou sobre a *Fundapica BCN*<sup>41</sup> e a assistência da *Caritas*<sup>42</sup>, onde conseguiu dar início a sua nova e verdadeira vida (Informações retiradas do caderno de campo, de 12 de abril de 2022).

#### **4.4 Apresentação das interlocutoras Manu (México), Vida (Boliviana) e Sara (Uruguai), reflexões sociológicas sobre resiliências**

É importante mencionar que essas interlocutoras possuem dupla nacionalidade (seu país de origem e a espanhola). Pode-se considerar com base nos diálogos que essas mulheres trans que possuem a dupla nacionalidade não deixam de ser imigrantes na prática, no convívio social, ou seja, podem juridicamente deixar de ser categorizadas como somente imigrantes. Em entrevista concedida no dia 12 de setembro de 2022, o professor Marcos de Araújo Silva afirmou que, juridicamente, só quando uma imigrante rejeita formalmente a nacionalidade do país de origem e assume somente a nacionalidade do país anfitrião é que, formalmente, deixam de ser “imigrantes”, porém continuam sendo em termos simbólicos e de socialização com as outras pessoas.

Manu é jovem, tem 46 anos e é artista, uma artista nata e brilhante que concedeu a entrevista no dia 10 de março de 2022. Inteligente e paciente, é aquela pessoa que passa horas conversando sobre a sociedade. Com muita maturidade, determinação e entusiasmo, luta e busca seu espaço na coletividade sempre com educação e leveza. De temperamento forte, decidiu há muito tempo que nunca deixaria de frequentar certos espaços para conveniência de terceiros. Não foge dos problemas do mundo porque se refugia na arte, na música, da dança e na fotografia. Está constantemente desfrutando do palco da vida, tentando aproveitar ao máximo e ajudando a todos a brilharem antes de o fechar da cortina.

Sente que o fato de ser de uma família multicultural formou um caráter que respeita a diferença entre todos e todas. Mudar de casa não era um problema, não significava perder algo ou sentir-se perdida por começar de novo em outro ambiente, sendo algo

---

<sup>41</sup> Fundapica é uma ONG que visa realizar a inserção sociolaboral para pessoas trans imigrantes e refugiadas. As componentes que trabalham na Fundapica são majoritariamente venezuelanas, que já residem a muitos anos em Barcelona. O escritório está localizado na Calle Rocafort, 50 e funciona na parte de baixo de um salão de beleza.

<sup>42</sup> É uma confederação de 165 organizações humanitárias da igreja católica que atua em vários países.

perfeitamente normal. Manu gostava de ter uma nova vida, de descobrir lugares, pessoas, não se importava em deixar nada para atrás. Sua reivindicação política é realizada como mulher, mas dentro dela mesma, fluir entre os gêneros e se identificar com os dois é o melhor. Extremamente dedicada a trabalhar e mover-se sempre dentro da legalidade, Manu estudou as formas para que pudesse trabalhar e ter sua própria associação, porque sentia que ninguém ia contratar alguém como ela. É a mais velha de seus irmãos, querida por toda sua família, não teve tantos problemas em impor quem realmente era. Cada etapa da sua vida está atravessada por momentos maravilhosos e terríveis e tem a capacidade de transformar as violências e os pontos ruins afirmando que “a má sorte é boa sorte”. Manu tem muito clara a ideia em sua mente de que ser mulher e homem é uma construção da sociedade e só se afirma como mulher por uma questão social, uma luta contra opressões, contra o machismo e contra a misoginia. Sua forma de ver o mundo é muito própria, não se enquadra nas construções da sociedade de hoje. Pensa que a força feminina presente em todas as pessoas é o que verdadeiramente irá mudar o mundo. Manu tem profunda vontade de ajudar crianças vítimas de violências (Informações retiradas do caderno de campo, de 10 de março de 2022).



**Figura 10.** Encontro com a Interlocutora Manu<sup>43</sup> no dia 10 de março de 2022. Nota: Essa imagem encontra-se disponibilizada na rede social *Instagram* da interlocutora Manu.

<sup>43</sup> A autora da dissertação possui autorização para inserir esta imagem neste trabalho.

Vida é uma senhora de 62 anos, bonita, inteligente e culta, que concedeu essa entrevista no dia 22 de abril de 2022. Vida passou a maior parte da sua infância e juventude em diferentes países. Sempre estava pensando em seu futuro e em como queria viver outras culturas, continuar a viajar, conhecer o mundo e a si mesma e foi quando conseguiu uma bolsa de estudos para Alemanha, aos 20 anos. Filha de exilados políticos peruanos, fala com muito carinho de seus pais. Se considera uma imigrante privilegiada porque tem estudo, trabalho e DNI (número de identificação espanhol) e por ser diferente de outras companheiras que estão buscando estar legais no país, se sente na obrigação de trabalhar e colaborar nos movimentos e ativismos antirracistas e antifascistas. Vida luta por uma melhor representatividade política e reivindicação de direitos. Leva mais de 40 anos vivendo na Europa. Para ela, ser mulher não é garantia de não reproduzir o que o patriarcado supremacista sempre ensinou. Vida passou por inúmeras situações de racismo institucional e estrutural antes de sua transição. Uma dessas situações de violência e racismo a deixou surda do lado esquerdo. Dois policiais civis bêbados a agrediram porque ela decidiu defender seu cachorro de um dos policiais. Vida tem todas as razões e motivos para desistir, mas faz justo ao contrário. Vida tem vontade de viver, de conhecer e de lutar. Vida deseja chegar aos 100 anos de forma saudável (Informações retiradas do caderno de campo, de 22 de abril de 2022).

Sara é uma mulher adulta de 50 anos, que concedeu a entrevista no dia 27 de abril de 2022. Filha de imigrantes europeus (mãe italiana e pai espanhol), possui uma ótima relação com seu filho e sente o amor dele por ela. Trabalha como administrativa, em uma equipe de atenção à saúde de pessoas trans, se sente uma pessoa afortunada e realizada por ter o grande privilégio de trabalhar, tentando fazer o bem em comum as pessoas que querem realizar ou estão em processo de transição. Sara gosta da cor lilás e de dias de sol e calor, desfruta da praia, dos amigos, de boas conversas. Hoje sente que pode apreciar os pequenos detalhes e valorizá-los e, por fim, pode desfrutar de um bonito dia, sem nada em particular para fazer. Quando era pequena e desejava muito ser uma menina, sonhava que quando se metesse na cama de noite e se cobrisse completamente ia se formar ao seu redor um capuz de seda e pela parte da manhã ela sairia e seria uma menina. Sara conta sobre esse sonho chorando porque foi aquele sonho que lhe acompanhou não só quando era criança, mas durante toda a sua vida, inclusive a fase adulta, quando não estava bem, quando tinha vontade de chorar, quando não podia dormir ou tinha ansiedade, quando não ia bem sua vida financeira, quando perdeu a sua casa. Esse sonho voltava e era seu refúgio. Seu refúgio era sonhar que ia despertar em uma nova vida, em fazer sua própria metamorfose e ser essa mulher que sempre queria ser, essa adolescente, essa menina.

#### **4.5 Apresentação da vida: interlocutora Eider, reflexões sociológicas sobre interseccionalidade e anticapacitismo**

Eider é uma senhora de 65 anos e compartilhou sua história com um sorriso no rosto e com um brilho nos olhos. Eider concedeu essa entrevista no dia 12 de março de 2022. A interlocutora gosta de conhecer pessoas novas, fazer amizades, confiar e acreditar que as pessoas são majoritariamente boas, mas sabe que existem seres humanos mal-intencionados. Eider afirmou que o que a define é sua capacidade de resiliência. Ela passou por um momento delicado quando sofreu um acidente que a colocou na cadeira de rodas. Sua capacidade de seguir em frente, de não desistir e a coragem de viajar sozinha, se opõem a sua insegurança em ter certos relacionamentos, em sua vida afetiva e em sua identidade de gênero.

Eider queria ter começado uma relação amorosa, pessoal e emocional, mas nunca conseguiu concretizar e sente que agora com sua idade e por se sentir uma pessoa idosa, talvez consiga ou não realizar esse desejo. Eider sente que perdeu muitas oportunidades de relacionamentos felizes e duradouros; ela agora está percebendo que não alcançou essas conquistas por falta de confiança em si mesma. Eider não espera que as coisas caiam do céu, mas confia de que possa passar algo e ter uma relação estável com alguém que a aceite como verdadeiramente é. Eider tinha medo de incomodar as pessoas, não queria ser um problema ou empecilho para ninguém, então estava sempre sorrindo para as dificuldades que não eram as primeiras e de longe seriam as últimas.

Eider sente que está superando muitas coisas graves, principalmente em levar uma vida sozinha na cadeira de rodas. Eider realizou muitos objetivos, experimentando sensações e experiências. Ama saborear os bons momentos da vida, como comer comidas típicas de cada país, preparadas em casa. Se considera uma pessoa “mitômana”, que gosta de colocar certas pessoas em um pedestal com exagero (artistas favoritos por exemplo). Ama a fotografia e fotografar corpos não normativos e que não possuem a estética padrão e desfruta dessa visão sobre o mundo e sobre os corpos.

Contou com alguns detalhes os percalços de ser uma pessoa com debilidade física, enfrentando sonhos, frustrações, responsabilidades. Ela gostava da liberdade, mas sentia falta de companhias. Eider se apaixona por pessoas independente do gênero e ela mesma se identifica como gênero fluido, mudando de nome, de roupas, de expressões de gênero, mas nunca deixando de ser ela mesma.

Eider agora se sente uma *cross-dresser* e usa o *cross-dressing* para estar próxima de sua feminilidade. Gosta do risco, gosta de sentir a adrenalina e conta entre sorrisos e

gargalhadas que a subiram e desceram de aviões de todas as formas possíveis e todas as pessoas possíveis como paramédicos, soldados, mecânicos; algo tão simples para algumas pessoas, mas tão complexo para ela.

Na estação de Kiev (Ucrânia), há 15 anos, seus amigos a carregaram estando em cadeira de rodas, porque não havia adaptações adaptações nos banheiros por exemplo, rampas ou elevadores, somente escadas.

Eider havia escolhido migrar para a Rússia, devido quando jovem ser uma ativista de políticas de esquerda. Nesse período, a Espanha estava em uma ditadura militar e existia a suposição de que ser uma pessoa com ideais de esquerda era ser pró-comunismo e, além disso, já possuía conhecimento no idioma russo. Ao ter vontade e curiosidade de conhecer o que na época era a União Soviética, fez amizades que tinham o mesmo pensamento que ela. Iniciou a universidade com 30 anos, uma universidade para pessoas maiores de 25 anos. Nessa universidade, conseguiu a oportunidade de uma bolsa de estudos para conhecer o país que desejava. Eider afirma que essa foi uma de suas maiores aventuras e guarda até hoje memórias felizes e bons amigos.

Ainda comentando sobre as dificuldades de locomoção em ambientes públicos, teve a lembrança de que um grupo de pessoas tentou ajudá-la a subir as escadas de uma estação de comboio em Moscovo, se dividiram em grupos, umas a carregavam pelos braços, outra pelas pernas e outra a cadeira de rodas, tudo para subir em um comboio. Eider comenta que no momento que está vivendo não parece divertido, mas, depois de um tempo, só consegue rir dessas experiências e pensa que estava em um mundo estranho e com um idioma que não tinha domínio.

Para ela, ainda é muito difícil realizar uma avaliação sobre coisas que fez ou conseguiu concretizar depois do seu acidente. Mas se perguntada, se realmente depois do acidente poderia seguir com sua vida? Ela mesma responde:

*“Sim, consegui continuar, tentando todos os dias superar as dificuldades. Os primeiros anos foram uma saída adiante, tive que enfrentar a situação, mas não, nunca foi uma opção parar de lutar ou desistir”*<sup>44</sup> (Traduzido pela autora).

---

<sup>44</sup> *“Sí, pude seguir, intentando cada día superar las dificultades. Los primeros años fueron una huida hacia delante, tenía que enfrentar la situación, pero no, nunca fue una opción dejar de luchar o desistir”*.

## 4.6 Análise sociológico sobre a entrevista realizada e fomulários aplicados

É importante destacar que este estudo foi realizado em perspectiva da horizontalidade, isto é, visando que as interlocutoras possam falar por si mesmas e expressar seus sentimentos, suas emoções e opiniões. Os quadros de entrevistas apresentarão trechos de suas respostas. Todas as falas originais foram em língua espanhola, mas, para a apresentação neste trabalho acadêmico, tais falas foram traduzidas ao português pela autora, que também realizou as todas entrevistas pessoalmente com as interlocutoras abaixo citadas.

### 4.6.1 Relatório e análise das entrevistas

Para a coleta dos resultados foi realizada uma transcrição natural das entrevistas onde serão analisadas somente as respostas fundamentais. As respostas estão agrupadas de acordo com as dimensões e dentro de cada dimensão existem categorias com perguntas determinantes para análise qualitativa deste trabalho.

#### Dimensão 1- Migração e Estatuto de Refugiada

Tabela 1. CATEGORIA MOTIVAÇÃO

<b>OHANA</b>	<b>MOTIVOS PARA MIGRAR</b>
	<i>Tornou-se insustentável continuar morando lá porque era um ambiente cercado de homofobia e transfobia.</i>
	<b>RAZÕES PRINCIPAIS</b>
	<i>Ter que fugir de situações de violência a que fui exposta como ativista da comunidade trans e LGBT. Também encontrar um lugar seguro para morar, onde houvesse leis que garantissem minha proteção, porque no meu país isso é impossível e geralmente em todos os países da América Latina, inclusive no Brasil.</i>
	<b>POR QUÊ ESPANHA?</b>
	<i>Todos os países têm uma política de ódio para as pessoas trans. Me mudei para a Espanha porque tinha dois amigos que também eram do coletivo, que imigraram antes de mim e me incentivaram e apoiaram a ir com eles. Eu não vim aqui para ter uma melhora económica como a maioria das pessoas, eu vim aqui para viver com segurança e ter uma melhor qualidade de vida. Tive dificuldades com o catalão, escolhi Espanha para falar espanhol e quando cheguei me disseram que tinha que aprender outra língua, porque nesta região é obrigatório para realizar tramites legais, por exemplo “el arraigo social”, te exigem 90 horas de aulas de catalão.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 4 de março de 2022</i>	

<b>KIARA</b>	<b>MOTIVOS PARA MIGRAR</b>
	<i>Sofri violência de gênero por ser uma garota trans.</i>
	<b>RAZÕES PRINCIPAIS</b>
	<i>Devido à situação no meu país, é muito difícil viver lá. A discriminação é muito forte tanto por parte da população quanto por parte das máfias.</i>
	<b>POR QUÊ ESPANHA?</b>
	<i>Foi a alternativa mais fácil, porque há mais apoio e é a forma mais segura de chegar ao país de destino. Há mais possibilidades graças ao idioma, e mais oportunidades de trabalho, é diferente de imigrar para os Estados Unidos onde, normalmente, a forma mais barata de viajar é sem segurança, ilegalmente, sem visto e sem direitos. Você não sabe se vai chegar viva.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>LIZ</b>	<b>MOTIVOS PARA MIGRAR</b>
	<i>Cresci na República Tcheca e sabia há muito tempo que queria ir embora. Senti que não me encaixava muito bem com a sociedade de lá, então aos 19 anos fui para Londres para estudar na universidade e passei 4 anos. Graças à universidade viajei para Seul e quando terminei meus estudos, não sabia o que fazer. A princípio pensei em ir para a Argentina ou Chile para conhecer outro continente, mas percebi que não queria ficar tão longe e optei por me mudar para a Espanha.</i>
	<b>RAZÕES PRINCIPAIS</b>
	<i>Aos 20 anos ou talvez até um pouco antes, eu tinha muito claro que queria realizar a transição, mas levei quase 5 anos para tomar a decisão, porque eu tinha muito, muito medo de tudo. Em Barcelona, em comparação com o resto dos países europeus, tive acesso livre a quase todos os tipos de hormônios, medicamentos, atendimento psicológico, e isso se tornou algo importante, eu queria morar em um lugar que fosse fácil.</i>
	<b>POR QUÊ ESPANHA?</b>
	<i>Resolvi vir para a Espanha para ensinar inglês, falava espanhol e sabia que o inglês dos espanhóis era muito ruim, então tive certeza de que encontraria um emprego na Espanha. Além disso, também tenho os documentos que me certificam como professora de inglês. Enquanto trabalhava, pensei também em fazer um mestrado. Durante meu segundo ano em Barcelona, fiz a transição.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>YOLANDA</b>	<b>MOTIVOS PARA MIGRAR</b>
	<i>Queria ter uma situação financeira melhor, queria trabalhar aqui e poder ajudar minha família.</i>
	<b>RAZÕES PRINCIPAIS</b>
	<i>As pessoas tratam muito mal as mulheres trans, não nos respeitam como aqui em Barcelona. Aqui sinto que são boas pessoas mais do que no meu país. No meu país não somos bem vistas, aqui eles mais ou menos nos respeitam.</i>
	<b>POR QUÊ ESPANHA?</b>
	<i>Escolhi a Espanha porque me deram a oportunidade de trabalhar na casa de uma conhecida de uma amiga, mas acabou muito mal porque os donos da casa me exploraram. No começo tudo parecia bem, mas depois a situação piorou e tive que fugir sem roupa e sem nada porque não me deixavam sair. Apesar de ter ficado um ano e meio na casa, era sem contrato.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>VIDA</b>	<b>MOTIVOS PARA MIGRAR</b>
	<i>Eu queria estudar, mas vivíamos sob um governo de golpe militar na Bolívia, as universidades haviam sido fechadas porque eram os estudantes que estavam iniciando os protestos e, por outro lado, também encontrei uma forma de sair do meu ambiente familiar opressor, era uma oportunidade para me desenvolver. Naquela época eu morava com meu pai e minha madrasta, e a convivência com ela era muito ruim, então decidi que o melhor era sair da sua influência. Quando eu tinha 20 anos, em 1982, ganhei uma bolsa de estudos para ir para a Alemanha Ocidental e saí de casa.</i>
	<b>RAZÕES PRINCIPAIS</b>
	<i>Infelizmente, o conservadorismo que se espalhou muito na Bolívia e no resto da América Latina. Religião, não estava nas mãos da Igreja Católica, mas nas mãos, agora, dos evangelistas que se dizem cristãos e se apropriaram do termo como se fosse seu.</i>
	<b>POR QUÊ ESPANHA?</b>
	<i>Depois de estudar na Alemanha pensei: "e se em algum momento eu quiser voltar para a Bolívia? As nomenclaturas, o vocabulário, a técnica, etc não vou saber como são em espanhol, então preciso ter contato". Então, decidi entrar em contato com um centro de Pesquisa e Desenvolvimento na Espanha e foi assim que comecei a trabalhar. Me apaixonei por um espanhol e decidi ficar no país.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 22 de abril de 2022</i>	

<b>SARA</b>	<b>MOTIVOS PARA MIGRAR</b>
	<p><i>Minha primeira migração foi quando eu era pequena, eu tinha 10 anos e minha família se mudou para a Espanha, porque meu pai é espanhol e minha mãe é italiana. Eles decidiram vir morar em Barcelona e ficamos aqui por aproximadamente nove anos. Aos 17 anos voltei ao Uruguai para estudar e conheci minha atual companheira, lá vivi a parte mais linda da minha vida. Em 2001 voltamos para Espanha, com o nosso filho, por motivos económicos e de crescimento, à procura de melhores oportunidades de trabalho e um salário digno que nos permitisse alguma estabilidade económica.</i></p>
	<p><b>RAZÕES PRINCIPAIS</b></p>
	<p><i>No ano 2000, houve um colapso financeiro muito grande, houve um “corralito bancário”, uma crise econômica no Uruguai. De um dia para o outro, as pessoas que tinham dinheiro no banco não podiam realizar retiradas porque o banco havia falido. As chances de seguir adiante no Uruguai eram muito ruins. Minhas dificuldades estavam relacionadas a adaptação, porque eu havia morado na Espanha há muitos anos e agora estava novamente no Uruguai e depois retornei a Espanha. Meus costumes eram outros e até meu senso de humor era diferente. Eu tive que me reajustar a esses países.</i></p>
	<p><b>POR QUÊ ESPANHA?</b></p>
	<p><i>Como queríamos ter uma família, decidimos que, graças à eu ter nacionalidade espanhola herdada pelo meu pai, era uma opção muito boa viajar para a Europa para tentar encontrar essa estabilidade financeira que procurávamos. Trabalhávamos a partir do que surgia. Infelizmente havia muita exploração física e nos horários. As pessoas catalãs não queriam fazer esses trabalhos, então nós imigrantes aceitávamos. Trabalhei como garçoneiro, em um restaurante e em casamentos. Esse tipo de trabalho te marca porque faz você se sentir ainda mais na categoria imigrante, faz você se sentir uma pessoa de segunda classe para a sociedade.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 27 de abril de 2022</i></p>	

<b>MANU</b>	<b>MOTIVOS PARA MIGRAR</b>
	<i>Pertencer a uma família nômade me fez nunca ter medo de mudar e depois de um tempo vivendo dessa forma, pensei em deixar meu país.</i>
	<b>RAZÕES PRINCIPAIS</b>
	<i>No México há lugares que você não pode entrar se não for uma pessoa branca, mas eu queria poder ter acesso a todos esses lugares, ainda que às vezes, não consiga entrar devido não estar em uma determinada classe social. Me lembro de uma vez, já estando aqui em Barcelona, entrei em um lugar onde havia muitos brancos, e mesmo sabendo que “não era o meu lugar”, não me senti mal. No México eu nunca teria pensado em entrar.</i>
	<b>POR QUÊ ESPANHA?</b>
	<i>Escolhi a Espanha porque meu esposo é espanhol e nos conhecemos no México. Depois de um ano juntos decidimos ir para Barcelona. Eu não queria vir porque tinha a ideia de que os espanhóis não eram tão receptivos e meu parceiro havia sofrido muito nesta cidade, então ficamos 10 anos no México muito felizes. Quando começou a pandemia de H1N1, resolvemos migrar, pois morávamos em um lugar que vivia do turismo e eu trabalhava em hotel. Com a pandemia, não tinha trabalho porque não havia turismo. Moro aqui em Barcelona há 13 anos e por ser uma cidade pacífica e ter pouca violência, consegui me adaptar bem.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

O jornal O Globo realizou uma publicação em 28 de janeiro de 2022, onde afirmava que o Brasil segue há 13 anos consecutivos como o país que mais mata transexuais, transgêneros e travestis no mundo (Moda, Ana Beatriz, 2022). Os números oficiais segundo a Antra<sup>45</sup> afirmam que não se pode confiar totalmente nesses números, podendo ser maiores que o esperado. “A subnotificação também acontece porque faltam campos para anotação de orientação sexual e/ou identidade de gênero nos formulários de atendimento nas áreas de segurança e saúde<sup>46</sup>”(Antra, 2022).

Baseado nesse comentário, completo com uma fala da interlocutora Ohana, no dia 4 de março de 2022, em que afirma que:

*“os países da América Latina são países onde não há leis, e se existem leis, a sociedade não se importa com elas. Eles seguem violando os direitos das mulheres trans. É triste, mas as pessoas não mudam, e isso continua sendo um problema no mundo todo, todos*

<sup>45</sup> Antra significa Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil.

<sup>46</sup> Matéria disponível no link: <https://oglobo.globo.com/brasil/relatorio-mostra-que-em-2021-brasil-foi-pais-em-que-mais-se-matou-pessoas-trans-no-mundo-25370228>

*nós temos a mesma situação [...] Vivemos em um mundo hostil a nós, mulheres trans*<sup>47</sup>  
(Traduzido pela autora).

Manu afirmou, durante a entrevista, concedida no dia 10 de março de 2022, que em seu país de origem não questionava ou cogitava a ideia de ocupar certos espaços devido à cor da sua pele, tão pouco conseguia se sentir totalmente confortável por ter passado muito tempo de sua vida escutando que certos lugares não eram para todas as pessoas. Também se somava o fato de que ela não pertencia a uma classe social alta, com grandes status econômicos. Os olhares, o julgamento e o ar das pessoas nesses ambientes faziam surgir sentimentos, como o de “não pertencer a um ambiente” ou “de não ser bem-vinda” ou “bem vista”, tudo era uma novidade para ela, já que agora existia a tentativa de ocupar esse espaço.

Manu veio a Espanha em 2003, onde assegura que havia muitos problemas de racismo para com a comunidade latino-americana por parte das pessoas catalãs. Foi o mesmo período em que ocorreu o assassinato de um imigrante peruano, onde os criminosos o afogaram - só estiveram presos por dois anos. Agrediram uma moça imigrante em um comboio e agrediram um dos amigos próximos da interlocutora, no bairro de La Rambla, em Barcelona, às 17h, com uma garrafa de vidro.

Tudo isso ocorria no governo de José María Aznar (mandatos de 1996 a 2004), onde houve um grande incentivo para receber cerca de 5 milhões de imigrantes latino-americanos. Poderia ser algo bom para Espanha de forma econômica, geopolítica e migratória, afirma o Banco de Desarrollo de América Latina (2015), mas alimentou também a xenofobia, o racismo, a discriminação e o ódio para com essas comunidades imigrantes que chegavam para trabalhar e onde o governo de Aznar não estava preparado para lidar com a violência, afirma a interlocutora Vida, em entrevista no dia 22 de abril de 2022.

A interlocutora Manu contribuiu informando que quando Espanha começou a enfrentar a crise econômica e houve o estouro da chamada bolha imobiliária de 2007 e uma grande recessão em 2008, o cenário se modifica, já que agora muitos espanhóis se sentiam obrigados a deixar o país e migrar para países latino-americanos onde o custo de vida era mais baixo. Não seria conveniente demonstrar comportamentos racistas.

---

<sup>47</sup>“los países latinoamericanos son países donde no hay leyes, y si existen leyes, a la sociedad no les importan. Siguen violentando los derechos de las mujeres trans. Es triste, pero la gente no cambia, y esto continúa siendo un problema a nivel mundial, todas tenemos la misma situación. Vivimos en un mundo que es hostil para con nosotras las mujeres trans”

Tabela 2. CATEGORIA DIFICULDADES EM UM PAÍS EXTRANGEIRO

<b>YOLANDA</b>	<b>PAÍS DE ORIGEM/ NACIONALIDADE</b>
	<i>Perú/ peruana.</i>
	<b>APOIOS</b>
	<i>Não tenho apoio familiar aqui, estou sozinha. Mas meus pais me ligam todos os dias e me dão seu apoio. Eu disse a eles uma vez que estava pensando em voltar para o Peru, mas eles me disseram que eu deveria ficar, que eu deveria tentar lutar, eles estão sempre me incentivando a continuar.</i>
	<b>VONTADE DE RETORNAR À CASA</b>
	<i>Quero voltar ao meu país para visitar minha família. Eu não teria vindo se não fosse por essa oportunidade falsa e enganosa que me ofereceram. Quero voltar mais tarde para visitá-los e depois voltar à Espanha, porque aqui existem mais oportunidades para nós mulheres trans. Não está nos meus planos voltar a morar de novo no Peru.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>MANU</b>	<b>PAÍS DE ORIGEM/ NACIONALIDADE</b>
	<i>México/ mexicana com dupla nacionalidade espanhola.</i>
	<b>APOIOS</b>
	<i>Eu me dou muito bem com minha família, meu pai me disse que se eu precisar de alguma coisa ele pode me ajudar, mas eu prefiro me sustentar com meus próprios recursos. Ele sempre diz: “mas você nunca me pediu nada” e eu penso: “é que também não precisei realmente”. E pra mim a vida consiste em saber resolver as equações econômicas que colocam na sua frente, desafios como esse te fazem florescer muito.</i>
	<b>VONTADE DE RETORNAR À CASA</b>
	<i>Não sei, sempre digo sim e depois não. O México é um país que eu amo por muitas razões, mas é verdade que agora existem problemas muito grandes. Além do crime organizado, está o poder fático, as empresas norte-americanas e europeias que influenciam fortemente a economia mexicana e tudo isso se traduz em violência. Vou todos os anos, tento criar laços, mas não posso ir para morar porque ia me expor muito e daqui consigo contribuir de outras formas.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>VIDA</b>	<b>PAÍS DE ORIGEM/ NACIONALIDADE</b>
	<i>Bolívia/ boliviana com dupla nacionalidade espanhola.</i>
	<b>APOIOS</b>
	<i>Minha família está muito orgulhosa de mim por ter vindo aqui, mas eles não podem me ajudar financeiramente e eu sim, posso ajudá-los.</i>
	<b>VONTADE DE RETORNAR À CASA</b>
	<i>Sim, agora quero voltar a morar na Bolívia. Em primeiro lugar, porque minha mãe já é muito idosa e eu quero aproveitar esse tempo com ela, porque já perdi meu pai estando aqui. Supõe-se que vim para a Europa para estudar e que voltaria à Bolívia para trabalhar e contribuir. Em segundo lugar, porque o racismo em Barcelona está crescendo muito. E, em terceiro lugar, porque acredito que posso ensinar os conhecimentos que adquiri aqui. Aprendi com muita vontade o alemão e catalão, porque para mim era um enriquecimento.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 22 de abril de 2022</i>	

<b>SARA</b>	<b>PAÍS DE ORIGEM/ NACIONALIDADE</b>
	<i>Uruguai/ uruguaia com dupla nacionalidade espanhola</i>
	<b>APOIOS</b>
	<i>Meus pais se separaram quando eu tinha 15 ou 16 anos, e cada um reconstruiu sua vida novamente. Meu pai mora nas Ilhas Canárias com sua nova parceira e minha mãe se mudou para a Itália, mas depois voltou para a Catalunha. Agora estou perto dela e dos meus irmãos, aqui tenho raízes agora e todo o apoio, no Uruguai só tenho primos e um ou dois tios. Acredito que o que faz falta não são os países, mas sim os afetos, os laços, as relações. Ter minha família perto faz eu me sentir plena.</i>
	<b>VONTADE DE RETORNAR À CASA</b>
	<i>Não quero voltar agora porque me sinto estrangeira e imigrante lá. Quando estou no Uruguai gosto de passear, me divertir, estar com os amigos, com a família que ainda está lá, mas apenas como uma visita de férias, nossa casa agora é aqui na Catalunha. As poucas raízes que temos estão aqui.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 27 de abril 2022</i>	

<b>KIARA</b>	<b>PAÍS DE ORIGEM/ NACIONALIDADE</b>
	<i>El Salvador/ guanaca ou salvadorenha com refúgio na Espanha.</i>
	<b>APOIOS</b>
	<i>A pior parte foi a discriminação dos meus irmãos, que me deixaram na rua quando cheguei em Barcelona, foi a coisa mais difícil que eu já sofri [...], algo muito difícil porque eu não conhecia ninguém e não tinha ninguém para me apoiar, para me dar um lugar para dormir ou onde ficar, então fiquei na rua por 3 dias, até que uma pessoa que eu não conhecia apareceu e me ajudou. Me acolheu em sua casa por 15 dias, me ajudou a encontrar um quarto. Com meus pais não tenho problemas. Meu pai nos deixou, não tenho pai e minha mãe me apoia e me aceita.</i>
	<b>VONTADE DE RETORNAR À CASA</b>
	<i>Sim, quero voltar ao meu país para visitar a minha mãe, não para ficar e viver. Infelizmente é impossível visitar já que consegui obter a proteção internacional e fiz um juramento renunciando ao meu país. Entreguei todos os meus documentos, portanto estou proibida de retornar de qualquer forma.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>LIZ</b>	<b>PAÍS DE ORIGEM/ NACIONALIDADE</b>
	<i>República Tcheca/ Tcheca.</i>
	<b>APOIOS</b>
	<i>É um pouco complicado. No começo tive o apoio da minha mãe como menino gay, mas quando comecei a transição paramos de falar pessoalmente, só conversávamos pelo WhatsApp. Meus irmãos e tios são todos queridos. Acho que minha mãe tem medo de me ver. Se eu tivesse problemas na vida, se eu não conseguisse pagar as contas com meu salário, ela me ajudaria com isso.</i>
	<b>VONTADE DE RETORNAR À CASA</b>
	<i>Não, não tenho nada que me interesse lá e não tenho interesse em voltar, vou ficar aqui fora, no mundo. Para visitar sim, mas não vou com tanta frequência porque a relação com minha mãe é ruim, quase inexistente. Nas últimas vezes que fui, minha mãe foi para um hotel para não me ver, então...</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

OHANA	PAÍS DE ORIGEM/ NACIONALIDADE
	<i>Honduras/ hondurenha com refúgio em Espanha.</i>
	<b>APOIOS</b>
	<i>Para a minha família não é um problema estar aqui porque eu me sustento sozinha. Chegando aqui tive muitas situações adversas, como dificuldade de acesso à moradia ou saúde, porque não me trataram com dignidade. Aqui há muita xenofobia e muita violência institucional. A primeira barreira que encontrei foi que todas as informações me foram dadas em catalão, uma língua que eu não falava. Tive que procurar alguém para traduzir para mim, latinos que sabiam catalão porque as pessoas daqui (os nativos da Catalunha) não são acessíveis para isso, não te ajudam nesse nível.</i>
	<b>VONTADE DE RETORNAR À CASA</b>
	<i>Sim, no futuro eu quero voltar ao meu país, se as políticas forem boas, se eu puder ter uma aposentadoria decente, é claro que voltarei ao meu país. Mesmo com as dificuldades que passei lá, tenho pessoas muito queridas que me amam e me apoiam. E essas são as pessoas com quem eu mereço compartilhar o resto da minha vida.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 4 de março de 2022</i>	

Ohana afirmava, durante a entrevista do dia 4 de março de 2022, que o governo deveria assumir com consciência que as pessoas refugiadas e/ou imigrantes que chegam a Catalunha não apresentam conhecimentos nesse idioma (o catalão). Não disponibilizar informações importantes em espanhol, é considerado, para a interlocutora, como uma falta de empatia e uma má gestão institucional, que não visa as necessidades básicas dos requerentes: o entendimento e compreensão sobre um documento. O mesmo passa com a não contratação de pessoas qualificadas e respeitadas, que não manifestem comportamentos xenófobos.

Dentro do marco de ser refugiada, todos possuem direitos e deveres regulados pelo artigo 1.A.2 da Convenção de Genebra sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951<sup>48</sup>. Ohana se sente agradecida por haverem aceitado sua solicitação de asilo político, mas intui que existe por parte de muitas instituições e dos trabalhadores dessas instituições muita discriminação e, na primeira oportunidade, eles irão tornar tudo mais difícil para ela enquanto mulher trans migrada.

<sup>48</sup> O estatuto de refugiado é reconhecido a qualquer pessoa que por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política, pertença a determinado grupo social, género ou orientação sexual e se encontre fora do país da sua residência e/ou estando fora do país onde anteriormente tinha sua residência habitual, não pode voltar ao seu país por fundados temores de perseguição.

Pode-se interpretar através dos estudos do autor Aníbal Quijano (2005) que esse tratamento diferenciado prestado a comunidade trans imigrante e/ou refugiada latina, não somente na Catalunha, mas na Europa, não deixaria de ser uma *colonialidade do poder*<sup>49</sup>, como forma de restringir e exercer algum controle através de eurocentrismos que impõem um ideal de valorização das sociedades europeias como “preferíveis”, “soberanas” e as mais “avançadas”. Esses ideais se instrumentalizam por meio de instituições financeiras, de saúde, do próprio Estado-nação e dos conceitos de família tradicional. A consequência dela e sua influência acarretam em ideologias de supremacia branca, misógina, homofobia a toda uma sociedade que não sente que depreciar as culturas latino-americanas, seja algo ruim.

Algumas pessoas catalãs afirmam que sentem que o estado espanhol imperialista as agride e justificam que o idioma deve ser valorizado e falado. Para uma das nossas interlocutoras em sua vivência de pessoa imigrante, isso não é verdade. Manu, na entrevista do dia 10 de março de 2022, afirma que esteve em contato com algumas pessoas que acreditam que a Catalunha é como uma ex-colônia espanhola, como os países latino americanos.

Manu também se posiciona que por mais que não tenham colonizado nenhum outro país, tinham práticas escravistas, explorando muitas pessoas, com ideais de acumulação de riqueza, usando sempre a vitimização como a justificativa para ter certos comportamentos. Quando uma pessoa não fala catalão, automaticamente está extremamente limitada. Essa cobrança de falar o idioma não é para que as pessoas se integrem e sim sejam associadas a sociedade catalã. Quando não se fala catalão, o acesso ao trabalho, saúde, documentações etc, é extremamente dificultoso.

Manu alega que a partir do momento em algo se torna uma obrigação, como, por exemplo, falar um idioma que não é predominante no país e precisa falar para sobreviver, automaticamente você não pode comparar-se as nações que realmente foram colonizadas e escravizadas.

*“Não queridos, vocês são tão brancos quanto as pessoas que criticam, e eu digo branco na questão ideológica, não cor da pele<sup>50</sup>”* (traduzido pela autora).

Manu vive em Barcelona há 13 anos e fala catalão. Infelizmente, passou por situações desagradáveis em relação ao idioma, como, por exemplo, um senhor que gritou com ela em um ambiente público, de que deveria falar catalão. Manu afirma que isso gerou um

---

<sup>49</sup> É uma permanência de colonialidade, supervisionando as identidades étnicas e/ou as populações racializadas; controlando as normas trabalhistas determinadas pelas próprias elites imperialistas, as relações de trabalho, as padronizações sobre gênero e sexualidade com uma mentalidade hegemônica.

<sup>50</sup> *“no cariño, eres igual de blanco que la gente que criticas, y digo blanco en la cuestión ideológica, no de color de piel”*.

sentimento de rejeição ao idioma devido o autoritarismo e a imposição. Outro fato vivenciado pela interlocutora é de que muitas pessoas possuem o sentimento de superioridade, de não valorizar as diferenças e a cultura do outro, sempre deixando indiretas de que está em um novo país deve “esquecer” como se vivia em seu país de origem e ter novos hábitos, porque agora está em um país de primeiro mundo.

Ohana, em sua entrevista do dia 4 de março de 2022, reitera:

*“saímos do nosso país com medo. No nosso país somos invisíveis, sentimos que ninguém nos ouve, que não temos acesso a nada, e aqui, a qualquer lugar onde vamos, as pessoas nos tratam muito mal, nos humilham, principalmente as mulheres trans e inclusive eu mesma tive que brigar para que me tratem adequadamente”*<sup>51</sup> (traduzido pela autora).

Na altura em que a entrevista foi realizada ainda não era possível que as mulheres trans pudessem adquirir em seus documentos, o nome social ou nome sentido em Honduras, seu país de origem.

*“No meu país, o problema é que não posso mudar meu nome legal para meu nome social porque não existe essa lei. Aqui, no marco da proposta da Lei de Trans Estatal, foi proposto que as mulheres trans que migram possam mudar seus nomes para qualquer licitação governamental que tenhamos que solicitar”*<sup>52</sup>(traduzido pela autora).

Em 17 maio de 2022, o Registro Nacional de las Personas (RNP) em Honduras<sup>53</sup>, passou a permitir a mudança no nome de nascimento para o nome social de pessoas transexuais.

---

<sup>51</sup> *“salimos de nuestro país con miedo, en nuestro país somos invisibles, sentimos que nadie nos escucha, que no tenemos acceso a nada, y aquí, a cualquier sitio donde vamos la gente nos trata muy mal, nos humillan, especialmente a las mujeres trans e incluso yo misma siempre he tenido que pelear para que me traten correctamente”*.

<sup>52</sup> *“En mi país, el problema es que no puedo cambiar mi nombre legal por mi nombre sentido porque no existe esta ley. Aquí, en el marco de la propuesta de la Ley trans estatal, se propuso que a las mujeres trans que migramos, nos permitan hacer el cambio de nombre para cualquier licitación gubernamental que tengamos que solicitar”*.

<sup>53</sup> Notícia disponibilizada na página: <https://tnh.gob.hn/gobierno/rnp-permitira-el-cambio-de-nombre-a-personas-trans-en-honduras/> (Acesso no dia 20 de setembro de 2022).

## Dimensão 2- Orientação Sexual e Identidade de Género

Tabela 3. CATEROGIA IDENTIDADE ANTES DA MUDANÇA

<b>OHANA</b>	<b>INFÂNCIA</b>
	<i>Com 4 anos eu disse a minha mãe que eu era uma menina, coloquei os sapatos dela e um colar e disse a ela: "Eu não sou um menino, eu sou uma menina" e a partir daí minha mãe começou a tentar desenvolver que eu expressasse um papel de género diferente do que eu queria. Tive uma infância complexa, passei por um processo onde não queriam que eu fosse assim e sofri muito abuso emocional e físico dos meus progenitores. Para eles, era a maneira de me ensinar a não sofrer no futuro.</i>
	<b>IDENTIDADE ATUAL</b>
	<i>Comecei a transição aos 35 anos e isso me permitiu cursar uma universidade, me formar em outros aspectos para poder me desenvolver e ter as ferramentas de autodefesa para o mundo. O preço que paguei por essas ferramentas foi negar quem sou por 35 anos, agora tenho 43, e finalmente consigo aproveitar a vida, agora me sinto muito mais realizada por ser a pessoa que sou. Para mim, agora consigo honrar no meu exterior o que sinto por dentro.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 4 de março de 2022</i>	

<b>KIARA</b>	<b>INFÂNCIA</b>
	<i>Sempre me identifiquei como menina, mas nunca tive coragem de tentar mudar antes dos 12 anos porque não tinha capacidade de dizer. Eu sempre andava com meninas, gostava de bonecas, então aos 12 anos conversei com minha mãe e comecei a transição. Minha mãe sofria discriminação por causa disso, as pessoas falavam para ela: "essa mulher vive com uma bicha", então no começo ela não conseguia aceitar, mas depois mudou sua mentalidade e disse: "você é minha filha e eu te aceito como você é, eu não vou te deixar na rua".</i>
	<b>IDENTIDADE ATUAL</b>
	<i>Eu tive um namorado desde a infância/adolescência, era tudo escondido para que os pais dele não descobrissem e o relacionamento durou até os 17 anos, foi o primeiro parceiro que eu tive e estando com ele, eu realmente sabia muito claramente que eu era uma mulher.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>YOLANDA</b>	<b>INFÂNCIA</b>
	<i>Quando tinha 10 anos já conseguia perceber que o que eu queria era me tornar uma mulher. Me chamava muita atenção o corpo das mulheres e sua forma, eu queria ser como elas. As coisas que eu fazia, para parecer uma mulher nunca eram dentro de casa, meus pais não sabiam de nada. Pouco a pouco eles descobriram e pouco a pouco também respeitaram o que eu era. Eu nunca fui uma garota difícil ou com um comportamento ruim. Eles sempre me respeitaram por isso.</i>
	<b>IDENTIDADE ATUAL</b>
	<i>Estar aqui em Barcelona e ter mais direitos e mais reconhecimento do que no Peru me ajudou a definir minha identidade atual. Aqui, onde quer que eu vá, me tratam como mulher e no Peru sempre me trataram como homem, mesmo com cabelos compridos e roupas femininas. Se alguém aqui te vê com barba, mas com roupas femininas, te tratam como senhora ou senhorita, no meu país isso não acontece. Essa situação é muito chata para nós, porque, além disso, é muito difícil mudar de nome no Peru, é um processo longo e demorado.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>LIZ</b>	<b>INFÂNCIA</b>
	<i>Uma das primeiras vezes que senti que algo não se encaixava foi quando eu tinha 6 anos, na escola nos separaram em fileiras diferentes e eu queria ir com as meninas. Senti uma vontade muito forte de ir com elas, mas fiquei na fila dos meninos. Os sobrenomes em tcheco têm gêneros e me pareceu estranho me apresentar com um sobrenome masculino e sempre pensava: “soa muito melhor em feminino”. E eu nunca tive uma infância com papéis de gênero muito fortes, minha família não dizia: “isso é para meninas ou isso é para meninos”, pelo menos eu sempre tive a chance de me expressar.</i>
	<b>IDENTIDADE ATUAL</b>
	<i>No momento em que me dei conta realmente, estava assistindo uma série e no meio do episódio me veio esse pensamento: "Sou uma garota" e uma semana depois não conseguia dormir, foi muito estranho. Eu não sei o que tinha na série que me despertou para essa questão. Mesmo nas pequenas coisas, nunca consegui me identificar com a masculinidade. Toda essa confusão que vivenciei enquanto estudava em Londres, vendo toda a diversidade ao meu redor, acho que foi aí que comecei a perceber que meu cérebro estava processando a informação que eu realmente era uma mulher.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>MANU</b>	<b>INFÂNCIA</b>
	<i>Aos 4 ou 5 anos percebi que algo não estava certo e com o passar do tempo percebi a opressão em que vivia. Tive momentos maravilhosos na minha infância, sempre fui a mulher maravilha sim ou sim. Meus primos e meus irmãos sempre me apoiaram muito, nunca lhes causou nenhum conflito, aliás, meu irmão mais novo e eu temos 11 anos de diferença e sempre me viu como uma irmã mais velha, ele nunca pensou em mim como um irmão e sim como uma irmã. Acho que ao ter claro para mim, conseguia transmitir para os demais. Eu era a irmã mais velha, então ninguém nunca se opôs e aí percebi que tinha uma identidade diferente, muito ambígua.</i>
	<b>IDENTIDADE ATUAL</b>
	<i>No México vivi uma fase em que não havia referência a pessoas transexuais. Se você se vestia de mulher, era travesti ou um homem vestido de mulher. Então comecei a desenhar meu gênero, usava roupas compridas, sempre questionavam se eu era andrógina, o que eu fazia era neutralizar o gênero. E em uma conversa com amigos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, percebi que não queria fazer parte dessa construção binária que continua oprimindo você. Pensei: “por que vou sair de uma construção binária masculina opressora para entrar em outra construção binária feminina que também oprimi”.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>VIDA</b>	<b>INFÂNCIA</b>
	<i>Preciso dizer que havia esquecido minha infância, até que entrei em tratamento e me vieram à mente imagens que me fizeram lembrar de quando me vestia de mulher e brincava com meus irmãos. Eu sempre me vesti como personagens femininas como Batgirl ou Mulher Maravilha. Minha avó nos assistia jogar, mas nunca falava nada, minha avó era uma querida. Naquela época, eu era a mais velha de 6 irmãos que moravam juntos, mas éramos 12 irmãos ao todo. Meus pais se casaram muitas vezes e no terceiro casamento do meu pai eu era a mais velha.</i>
	<b>IDENTIDADE ATUAL</b>
	<i>Eu não me assumi como um garoto gay até estar na Alemanha, não ousei e me neguei até mesmo sentindo atração física por homens. Me convenci de que era uma fase da puberdade pela qual todos passavam e que era uma questão de tempo até que isso mudasse. Como nunca fui considerado bonito pelos patrões europeus, quando saía com meus amigos e nos reunimos com os amigos deles, eles diziam: “ficamos com vocês, mas não com esse feio”.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 22 de abril de 2022</i>	

<b>SARA</b>	<b>INFÂNCIA</b>
	<i>Na minha primeira fase da escola eu brincava mais com as meninas e me sentia à vontade sem questionar nada, mas quando você cresce, você vê que a sociedade está colocando rótulos em você e chegou um ponto em que eu fui proibida de continuar brincando com as meninas na escola e esse foi o início de uma fase muito difícil na minha vida. Uma fase em que senti que não me encaixava e depois comecei a sofrer bullying e até, às vezes, maus-tratos por parte de outras crianças. Minha estratégia para não sofrer foi aprender sobre masculinidades e fazer esse papel. Deixei de ser o “esquisito” para ser “apenas mais um garoto”.</i>
	<b>IDENTIDADE ATUAL</b>
	<i>Com a maior idade comecei a me fazer mais perguntas, investigar e buscar informações. Tudo que encontrava sobre mulheres trans eram realidades ruins que eu não queria para mim. Minha orientação sexual também não me ajudava, eu sabia que era lésbica, então como poderia ter uma vida digna? Quando percebi o que estava acontecendo comigo, comecei a negar e fiz isso por 20 anos. Iniciei a transição em 2014 quando tinha 42 anos. Foi um trânsito tardio, mas felizmente consegui moldar minha identidade com sucesso, agora sou uma pessoa de sorte, tenho uma família, tenho minha esposa, tenho um filho maior de idade, tenho um emprego e estou em uma situação favorável, essa não é a realidade de muitas outras companheiras trans.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 27 de abril de 2022</i>	

Quando falamos sobre o processo de aceitação que uma pessoa LGBTQIA+ sofre, em destaque a comunidade trans, percebe-se que existe uma parcela de pessoas que não queria passar por processos de cirurgia ou hormonioterapia e se submetem devido à necessidade de ser reconhecidas, reforçando o elo entre o que apresentam ser fisicamente para sociedade e o ideal de validação, identificação e aprovação. Como comentado em tópicos anteriores, a ascensão social e mobilidade que o corpo proporciona (Vartabedian, 2018).

Manu, por exemplo, não queria realizar esses processos na sua saúde física. Para ela, ser uma pessoa trans vai além dessa questão e tanto ela quanto outras mulheres poderiam ser trans e não seria necessário passar por esses procedimentos. Manu buscou também investigar sobre as consequências hormonais e cirúrgicas em mulheres trans.

Em entrevista, no dia 10 de março de 2022, Manu sustenta que:

*“realizar terapia hormonal pode ter efeitos muito fortes na resistência dos ossos, as substâncias químicas que compõem a medicação podem gerar transtornos impossíveis de controlar. Tudo isso reforça um pensamento: as pessoas trans devem colocar sua saúde mental antes da saúde física. Eu sempre coloquei a saúde física antes da saúde mental porque minha mente é muito forte, sou uma pessoa muito resiliente, mas também tratei de me causar o mínimo de dano físico possível”* <sup>54</sup>(traduzido pela autora).

Existem mulheres que não pensam como Manu, com algumas teve desentendimentos devido considerarem que ela é “menos trans” por não poder compartilhar certas vivências. Então Manu afirma que politicamente reivindica desde uma posição de mulher trans, mas para os mais íntimos e dentro de sua singularidade, é uma pessoa não binária. Para ela, ser não binário não tem a ver com o que sente e sim com uma questão sociopolítica e de ativismo e se alguém percebe que ela é trans será algo bom. Manu não faz isso por ela mesma, mas sim pelas pessoas que são mais debilitadas emocionalmente e mentalmente. É uma forma de visibilizar todas essas características.

Para Manu *“ser uma mulher trans e não-binária é não se encaixar e as pessoas sempre querem desenhar tudo. O fato de eu ter um parceiro me permite relaxar nesse sentido. As pessoas que são muito cis não entra em suas cabeças a linguagem inclusiva e não podem empatizar com isso porque não são elas que estão sofrendo, não são elas que têm sua existência negada”*<sup>55</sup> (traduzido pela autora).

Manu destaca que existe uma alta taxa de suicídio além da de assassinatos. O ativismo é a melhor forma de lutar por direitos e de pedir respeito a tantas vidas que são perdidas. Sua identidade e expressão de gênero estão conectadas com sua classe social e por apresentar uma etnia diferente da branca padrão, são nessas características que encontra valor e peso na hora de realizar manifestações. Manu também comenta sobre a existência dos códigos de vestimenta na sociedade e que cada pessoa precisa “aprender a jogar” com esses códigos:

---

<sup>54</sup> *“hormonarse puede tener efectos muy fuertes en la resistencia de los huesos, las sustancias químicas que componen la medicación pueden generar trastornos imposibles de controlar. Todo eso refuerza un pensamiento: las personas trans deben anteponer su salud mental a su salud física. Yo siempre he antepuesto la salud física a la salud mental porque mi mente es muy fuerte, soy una persona muy resiliente, pero también he tratado de hacerme el menor daño físico posible.”*

<sup>55</sup> *“Ser una mujer trans, no binaria es no encajar en nada y la gente siempre quiere dibujar. El hecho de yo tener una pareja, me permite estar relajada en este sentido. A la gente que es muy cis no le entra en la cabeza el lenguaje inclusivo y no pueden empatizar con ello porque no son ellas las que están sufriendo, no son ellas las que tienen su existencia negada.”*

“*Quem dera pudéssemos ir pela vida como queremos, vestir o que queremos, amar quem queremos e ser valorizados por quem somos, mas não estamos vivendo isso agora. Eu sei onde posso e onde não posso aceder*”<sup>56</sup> (traduzido pela autora).

Tabela 4. CATEGORIA DIFICULDADES

OHANA	INTERSECCIONALIDADE
	<p><i>O reconhecimento da minha identidade de género como tal, sendo uma pessoa migrada, com documentação ainda em masculino torna tudo mais difícil. Não posso mudar meu nome de batismo para o “nome social” pela legislação existente nesses países e suas convenções. Sempre que preciso fazer algum trâmite, ou apresentar minha documentação com nome masculino, sinto que está presente a negação desse direito à mudança da minha identidade. Acho que outra dificuldade que estou vivendo agora é de encontrar um emprego digno e de principalmente ter um lugar para morar, sem me preocupar em ser expulsa por causa da minha identidade de género de pessoa trans. Os lugares que nos aceitam são sempre os mais caros. Ninguém nos ajuda.</i></p>
	<b>VIDA SOCIAL</b>
	<p><i>No início da transição é difícil para a família entender o que está acontecendo. Muitas pessoas trans e suas famílias passam pelo luto e precisam escolher como passar por ele. Por exemplo, meus pais e meu irmão não me reconhecem como uma mulher trans, mas ainda me amam muito. Eles sempre me tratam em masculino, não querem me tratar em feminino, não me respeitam nesse aspecto, mas eu respeito a decisão deles. Embora eu sempre fale de mim no feminino. Eu não incentivo o ódio e não vou odiá-los por sua falta de informação ou educação, nem por sua falta de interesse em me chamar da forma que quero ser chamada.</i></p>
	<b>INFLUÊNCIAS EM MINHA IDENTIDADE</b>
	<p><i>Não sou pessoalmente afetada pelos preconceitos que as pessoas têm de mim, isso não afeta minha individualidade, mas infelizmente afeta quando tentam nos impor certos comportamentos ou tentam manipular como devemos sentir. Desde que eu seja feliz e saiba quem sou, o que as pessoas pensam da minha existência é irrelevante. Eu não posso julgar outra pessoa ou forçá-la a me tratar do jeito que eu quero, ou fazer as coisas que eu quero.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 4 de março de 2022</i></p>	

<sup>56</sup> “Ojalá pudiéramos ir por la vida como queremos, vestir lo que queremos, amar a quien queremos y ser valorados por lo que somos, pero no vivimos en este momento. Yo sé dónde puedo y no puedo acceder”.

<b>KIARA</b>	<b>INTERSECCIONALIDADE</b>
	<i>A violência que sofri por ser trans e imigrante foi a pior e mais forte. Sofri agressões sexuais, agressões físicas e maus-tratos. E, infelizmente, sempre terei isso na minha mente, mas consegui superar com a ajuda de psicólogos e terapia, aqui em Barcelona. Não são todas as mulheres que conseguem o refúgio, se eu tivesse tido outra experiência eles poderiam haver negado minha solicitação. A minha outra dificuldade é com a mudança de nome, é um pouco difícil, não é impossível, mas é difícil, e só poderei solicitar quando tenha a nacionalidade espanhola.</i>
	<b>VIDA SOCIAL</b>
	<i>Em todos os lugares onde trabalhei, sempre fui reconhecida como mulher, embora meu documento oficial apareça com outro nome.</i>
	<b>INFLUÊNCIAS EM MINHA IDENTIDADE</b>
	<i>Do meu ponto de vista, o que as pessoas pensam sobre o que é ser uma mulher trans não influencia na minha identidade como mulher trans.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>YOLANDA</b>	<b>INTERSECCIONALIDADE</b>
	<i>Tive muitos problemas porque em todas as instituições que fui, ninguém me ajudou. Então conheci uma Associação chamada Fundapica, que me ofereceu seu apoio e me ajudou com a papelada. Mas a minha maior dificuldade era estar em uma casa onde me torturavam psicologicamente e nunca me pagavam, fui escravizada pelos donos. Ser imigrante é muito difícil, significa ficar longe da família, não conseguir emprego, ser enganada, e no final você acaba ficando bastante deprimida nessa situação.</i>
	<b>VIDA SOCIAL</b>
	<i>Ser uma mulher trans não afetou minha vida social, pelo menos não senti tanto. Minha família me apoia, minhas irmãs me ajudaram a conversar com meus pais e eles me apoiam inclusive estando longe. E a igreja é minha segunda casa, meu maior apoio aqui em Barcelona são as meninas da igreja e o pessoal da Fundapica.</i>
	<b>INFLUÊNCIAS EM MINHA IDENTIDADE</b>
	<i>Outra dificuldade que encontramos como mulheres trans e se torna um problema, é de entrar em um banheiro público para mulheres ou homens. Antes, entrar em um desses banheiros me deixava confusa e às vezes eu preferia entrar em um banheiro masculino, mas agora isso é diferente.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>LIZ</b>	<b>INTERSECCIONALIDADE</b>
	<p><i>Quando eu era um menino gay na República Tcheca e tinha um namorado, fomos insultados por estarmos de mãos dadas. Eu sentia que tinha que estar constantemente em alerta porque alguém poderia vir e nos machucar. Como uma mulher trans, as pessoas normalmente me veem somente como mulher. Quando comecei a transição era diferente, ficou mais visível e tive que ouvir muitos insultos, mas depois eles pararam porque cheguei a um ponto em que as pessoas não me reconheciam mais como trans, apenas como mulher. Também tive muita dificuldade com a saúde mental, desde os 16 anos tenho ansiedade e essas experiências, em geral, te deixam com muito ansiosa. Primeiro com orientação e depois com identidade de gênero.</i></p>
	<p><b>VIDA SOCIAL</b></p>
	<p><i>A maioria das pessoas me parabenizou pela transição, mas ninguém tira o medo da rejeição. Nos primeiros meses posso dizer que quase tudo foi difícil. Quando fiz a transição, estava trabalhando em uma academia de inglês com crianças e tinha muito medo dos pais, porque os alunos me conhecem, mas os pais não. O fato de fazer a transição foi muito libertador. Eu sempre fui muito extrovertida e achava que tinha que mudar minha personalidade. Dependendo da pessoa, minha personalidade mudava muito. Após a transição, percebi que não poderia continuar sendo assim, queria ser eu mesma e isso atraía pessoas que pensavam como eu.</i></p>
	<p><b>INFLUÊNCIAS EM MINHA IDENTIDADE</b></p>
	<p><i>Após a transição, senti: “agora posso ser eu mesma”, essa decisão me fez crescer mais. Acredito que se eu estivesse em um ambiente com menos apoio eu teria mais problemas. Não estou dizendo que o apoio muda minha identidade de gênero, ela existe independente das outras pessoas, mas o apoio que eu tive me deu um pouco mais de força para fazer as coisas que eu queria fazer. Minha identidade de gênero é minha e não é definida pelo que outras pessoas dizem.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i></p>	

<b>MANU</b>	<b>INTERSECCIONALIDADE</b>
	<p><i>O choque cultural, a diferença de cultura para mim é uma das maiores dificuldades. No meu país o racismo é sutil, mas aqui você o enfrenta de uma maneira muito dura, como por exemplo não conseguir emprego por ser imigrante e também por ser trans, embora em geral, conseguir um emprego na Espanha é difícil para qualquer pessoa.</i></p>
	<b>VIDA SOCIAL</b>
	<p><i>Sempre afeta ser trans em nossa vida social, em menor ou maior grau, mas sim, de alguma forma afeta. Depois de muito trabalho hoje tenho o melhor relacionamento com meus pais e irmãos, com meu companheiro, com meus amigos. Coloquei muito da minha parte e dei tempo para cada pessoa assimilar, processar e aceitar a minha mudança. E acima de tudo você precisa ter muita paciência, quem te ama de verdade, quer o melhor pra você.</i></p>
	<b>INFLUÊNCIAS EM MINHA IDENTIDADE</b>
	<p><i>Tudo o que vemos nos afeta, mesmo que seja apenas na parte subconsciente do cérebro, sempre há algo que o afetará. Minha maneira de me vestir, por exemplo, muda quando estou aqui e quando estou no México. No México posso sofrer mais violência e por isso me cubro mais, aqui as pessoas são mais que racistas, são classistas, como te olham, te tratam e te julgam. Sinto que não me visto como as pessoas daqui, sinto que me disfarço como as pessoas daqui. É uma parte da minha identidade que se vê atravessada por isso, é sempre uma performance, somos um personagem que se constrói.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i></p>	

<b>VIDA</b>	<b>INTERSECCIONALIDADE</b>
	<p><i>Ser imigrante na Espanha é curioso, porque eu pensava que como a Espanha e a Europa haviam passado pela Primeira e Segunda Guerra Mundial, já não seriam mais racistas. Em 1987 foi uma época boa e com alguma liberdade. A partir da década de 1990, e mais especificamente, no primeiro governo de José María Aznar, que intencionalmente disse uma frase “sem complexos”, deu rédea solta para que tudo o que antes era tabu e considerado politicamente incorreto viesse à tona. Não só falando de direitos humanos, mas se expressando de forma racista, homofóbica ou supremacista. O partido político Vox nasceu do partido popular e da influência de José María Aznar.</i></p>
	<b>VIDA SOCIAL</b>
	<p><i>Em princípio minha identidade de género não afetou minha vida social, nem com familiares ou amigos, nem na rua, ou em ambientes socioculturais. Embora, curiosamente, uma vez, eu estava com alguns amigos colando cartazes, apoiando um partido político, e apareceram alguns gays que começaram a rasgar os cartazes que estávamos colocando, eles me atacaram e disseram: “o que tu estas a fazer aqui? Tu és um esquisito, tu és um bicho estranho”.</i></p>
	<b>INFLUÊNCIAS EM MINHA IDENTIDADE</b>
	<p><i>Infelizmente desencadeou uma série de depressões que agora estou superando, tentando deixar os remédios. Estou a muitos anos assim, quase uma década com ansiedade, medo e com sentimento de debilidade. Nesses momentos não consigo enfrentar às injustiças ou protestar, me sinto anulada. O que desencadeou tudo isso foram, principalmente, discriminações laborais e familiares. Esses problemas também me tornaram mais lutadora, ser imigrante, trans, pessoa racializada, somado as experiências que tive, me tornam mais lutadora, ainda que as vezes me deprima. No final das contas, estou mais convencida de que temos que seguir lutando, ainda existe muito por fazer.</i></p>
	<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 22 de abril de 2022</i></p>

<b>SARA</b>	<b>INTERSECCIONALIDADE</b>
	<p><i>Uma coisa que me marcou entre 2001 e 2005 foi que, depois de encontrar estabilidade no emprego, minha parceira e eu queríamos fazer parte do resto da sociedade espanhola, uma sociedade que não está acostumada a alugar casas e sim fazer hipotecas para ter uma casa própria, e resolvemos fazer o sacrifício de pedir uma hipoteca para quitá-la aos poucos. Queríamos fazer parte desse círculo da sociedade, mas quando a recessão econômica atingiu a Espanha, os preços das casas dispararam. Tivemos que negociar com o banco para que eles de alguma forma ficassem com a casa e não tivéssemos que pagar a dívida principal. Fomos tocados por essa crise que nos fez perder a única coisa que conquistamos e pagamos por 5 anos. Outra dificuldade diária também é não ser reconhecida pelo meu nome social e pelo meu gênero.</i></p>
	<b>VIDA SOCIAL</b>
	<p><i>Nesse sentido sou uma pessoa privilegiada porque sofri poucas perdas, mas ainda sim me afetam. As pessoas ficam com medo e se afastam, eu tinha que ser muito constante e estar ali encarando todo mundo para que eles me entendessem e me aceitassem e me deixassem fazer parte da vida deles. Deu muito trabalho fazer as pessoas voltarem à minha vida e não foi porque não quiseram, ou porque ficaram com nojo, mas por causa desses pensamentos: “o que os outros vão dizer me vendo contigo? Onde estou se estou ao seu lado? Minha mãe sentiu que era como a perda de seu filho e meu irmão mais novo, que sempre se olhou muito em mim, sentiu que esse espelho estava quebrando.</i></p>
	<b>INFLUÊNCIAS EM MINHA IDENTIDADE</b>
	<p><i>Em relação a minha identidade de gênero, minha principal dificuldade foi econômica porque a sociedade não está preparada para acolher sem medo, para conviver com a diversidade sem medo. Mas o meu entorno já não influencia na minha identidade de gênero, hoje ela está estável, mas é verdade que ao longo do processo me fazia pensar se era mesmo o caminho certo ou se deveria renunciar, mas felizmente hoje a minha identidade está estável e acredito que foi a melhor jornada possível.</i></p>
	<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 27 de abril de 2022</i></p>

Tabela 5. CATEGORIA VIVÊNCIA

<b>OHANA</b>	<b>PESSOAS QUE ME CONHECEM</b>
	<i>Eles têm uma imagem completamente mágica de mim, porque eu não fomento atitudes de ódio ou discriminação. Sou uma ser humana que busca compartilhar o pouco conhecimento que tenho e lutando por causas nobres e justas. Mas vivo minha vida sem pensar muito nisso, vivo minha vida focada em viver com paz e dignidade. Eu gosto da sensação de que veem bondade em mim.</i>
	<b>PESSOAS QUE NÃO ME CONHECEM</b>
	<i>Acho que pensam: “que pessoa esquisita”, mas não me importo com a percepção das pessoas sobre mim, ando pela vida como uma heroína da Marvel, como se fosse suprema, porque aprendi a ficar sozinha comigo mesma. Vou ao cinema sozinha, faço atividades sozinha, não presto atenção nas pessoas e não me deixo influenciar pelo conceito que elas possam ter de mim.</i>
	<b>METÁFORA</b>
	<i>A transexualidade é como a metamorfose de uma borboleta. É um processo onde a pessoa se envolve com sua personalidade, com suas convicções, com seu valor, com seus medos e sai o que a pessoa carrega dentro. Eu vejo isso como um casulo, do qual depois sai uma mariposa. Eu vejo como uma mudança.</i>
	<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 4 de março de 2022</i>
<b>KIARA</b>	<b>PESSOAS QUE ME CONHECEM</b>
	<i>Acho que algumas pessoas pensam que sou uma boa pessoa. Se são amigas de verdade não vão te julgar, me dou super bem com todo mundo.</i>
	<b>PESSOAS QUE NÃO ME CONHECEM</b>
	<i>Eu os ignoro, não me importo com o que elas pensam. Algumas podem acreditar que sou “mitída” só porque tenho um apartamento e um marido, e isso seria como estar acima delas como uma mulher trans, mas não me importo.</i>
	<b>METÁFORA</b>
	<i>A transexualidade é como uma nova etapa da vida. Desde que você decide ser o que acredita que é, começa uma etapa de vida muito linda, onde se você se sente bem, você tem 100% de si mesma. Se você é o que é e se sente bem com isso, acredito que não terá nenhum problema.</i>
	<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>

<b>YOLANDA</b>	<b>PESSOAS QUE ME CONHECEM</b>
	<i>Eu acho que elas pensam muito bem de mim. Que ajudo muito as pessoas, que dou apoio e sou uma boa amiga, que sou muito gentil e respeito todos.</i>
	<b>PESSOAS QUE NÃO ME CONHECEM</b>
	<i>Quem não me conhecem e só me veem nas ruas, podem achar que sou normal, educada. Um dia me disseram que eu era muito séria, que não sorria muito na rua, mas nada mais.</i>
	<b>METÁFORA</b>
	<i>Voltar a nascer de novo. Agora estou me transformando no que quero ser e pouco a pouco faço de mim o que realmente quero ser. Estou renascendo, mas não como homem e sim como mulher.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>LIZ</b>	<b>PESSOAS QUE ME CONHECEM</b>
	<i>Eles me veem como uma pessoa muito aberta, que fala muito.</i>
	<b>PESSOAS QUE NÃO ME CONHECEM</b>
	<i>Por muito tempo, eu sempre pensei de forma inconsciente que tinha que equilibrar as coisas. Por ser gay, ser queer, ser trans (o que na sociedade é considerado algo ruim) eu deveria me esforçar para mostrar às pessoas que eu era uma boa pessoa. Eu não queria dar problemas para minha mãe, porque meu pai já era agressivo e eu não queria ser mais um problema para ela. Se eu não consegui fazer meu pai me amar, imagine as outras pessoas, por isso sempre foi muito difícil.</i>
	<b>METÁFORA</b>
	<i>A vida toda você convive com um resfriado, imagina não poder cheirar nem sentir o gosto das coisas, você pode fazer outras coisas e continuar sua vida normalmente, mas quando você faz a transição, você sai disso, desse resfriado, e você começa a encontrar sensações que nunca havia sentido até aquele momento.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>MANU</b>	<b>PESSOAS QUE ME CONHECEM</b>
	<i>O que as pessoas pensam de mim sempre será algo infinito e incontrolável. Mas você nunca será o que eles pensam, nem para melhor e nem para pior. Eles não conhecem o seu processo, então não importa o que elas dizem.</i>
	<b>PESSOAS QUE NÃO ME CONHECEM</b>
	<i>As pessoas têm uma opinião sobre você e uma visão de você a partir de sua história e de suas referências, elas não são obrigadas a entender meu discurso. O que me incomoda é quando elas olham para você e falam com você com má intenção, seja ela qual for.</i>
	<b>METÁFORA</b>
	<i>Para mim, ser uma pessoa não-binária é como ser o ar ou qualquer um dos elementos, fogo, terra, água.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>VIDA</b>	<b>PESSOAS QUE ME CONHECEM</b>
	<i>Acho que as pessoas que me conhecem pensam coisas boas sobre mim, pelo que eu sou e pelo que conquistei.</i>
	<b>PESSOAS QUE NÃO ME CONHECEM</b>
	<i>Acho que em geral, as pessoas apreciam o que conquistei e elas podem não apreciar o que sou, mas apreciam as conquistas.</i>
	<b>METÁFORA</b>
	<i>Uma libélula, não uma borboleta, mas uma libélula que, como muitos insetos, deixa de ser uma larvinha. Existem muitos pensamentos e discussões sobre a ideia de deixar o homem que há em mim, morrer para nascer e florescer uma mulher, mas pensando muito sozinha, percebi que nada deveria morrer. Vivi e aprendi com essas experiências e com certeza não seria a mesma se não tivesse passado por elas. Quando eu era um homem viajei muito para a Europa Oriental e Ocidental. Se eu sempre tivesse sido uma menina, não sei se teria conseguido.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 22 de abril de 2022</i>	

<b>SARA</b>	<b>PESSOAS QUE ME CONHECEM</b>
	<i>Quem me conhece sabe que sou muito transparente, não tenho duplos discursos, sou muito temperamental, o que você vê é o que eu sou. Elas pensam que sou honesta, que não tenho maldade e que vou em frente. Com a minha expressão de gênero masculino eu era mal-humorado, tinha mau caráter, era antipático, grosseiro e em muitos espaços não era bem-vindo, mas isso hoje, não acontece comigo e eu tenho outra percepção de tudo.</i>
	<b>PESSOAS QUE NÃO ME CONHECEM</b>
	<i>Não é algo que me pergunto, que me questiono, mas estou confortável com o que projeto e me relaciono muito melhor que antes. Sou muito melhor. Hoje tenho um leque de pessoas com quem tenho muito boa relação.</i>
	<b>METÁFORA</b>
	<i>Eu sinto mais como o nascimento das borboletas e das libélulas. Como esses processos que os bichos-da-seda fazem, gerando o casulo para poder dar forma à borboleta. O processo de transição em geral é uma metamorfose que gosto de visualizar como um renascimento. Conseguir realizar a transição é tocar o céu com as mãos. Nunca imaginei que seria capaz de fazer isso nesta vida, não sou religiosa, mas pensava na reencarnação e dizia: "nesta vida não pude ser, mas quem sabe na próxima eu possa ser a mulher que eu gostaria de ter sido nesta".</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 27 de abril de 2022</i>	

### Dimensão 3- Mercado de Trabalho

Tabela 6. CATEGORIA CONDIÇÕES DE TRABALHO

<b>OHANA</b>	<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>
	<i>Tenho estudos universitários em Gestão de Empresas, embora nunca tenha trabalhado nesta área. Também fiz um Ciclo de Formação em Psicologia Sexual Integral e Preventiva para Promover Práticas Corretas de Sexo Seguro.</i>
	<b>PROFISSÃO E HISTÓRICO DE TRABALHO</b>
	<i>Antes de vir para Barcelona, eu tinha meu próprio negócio, tinha um salão de beleza. Quando cheguei tive que lutar por trabalho, me demitiram por ser uma mulher trans. Sempre tenho que informar às empresas que sou uma mulher trans, antes de começar a entrevista. Então eu chego e pergunto: "Sua empresa tem uma política de ódio contra pessoas trans? Porque eu estou procurando emprego em uma empresa que tenha inclusão total a diversidade e não quero trabalhar em uma que promova o ódio transfóbico. Atualmente estou em uma vaga de emprego para mulheres trans, em um programa de vanguarda nesta organização.</i>

	<b>CONHECIMENTO SOBRE PROGRAMAS DO GOVERNO E ONGs PARA ENCONTRAR TRABALHO</b>
	<i>Sim, conheço muitos. Existem programas estaduais. Existe uma “moda” de que como as mulheres trans são marginalizadas, as pessoas e principalmente jovens perguntam: “onde está o apoio às mulheres trans?” Então agora querem incluir essas pessoas no mercado de trabalho. TransOcupación por exemplo, é um programa de inserção socio laboral para pessoas trans pertencente à Câmara Municipal.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 4 de março de 2022</i>	

<b>KIARA</b>	<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>
	<i>A minha formação académica é no Secundário e no Bacharelato. Tenho curso de garçonete de restaurante, empregada doméstica, tenho curso de limpeza, curso de informática, curso de cabeleireiro e também auxiliar de enfermagem.</i>
	<b>PROFISSÃO E HISTÓRICO DE TRABALHO</b>
	<i>Trabalhei em um hospital durante a pandemia e passei muito mal porque estava no setor onde as pessoas estavam em estado crítico e infelizmente iam morrer.</i>
	<b>CONHECIMENTO SOBRE PROGRAMAS DO GOVERNO E ONGs PARA ENCONTRAR TRABALHO</b>
	<i>Sim, conheço ONGs e também programas governamentais.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>YOLANDA</b>	<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>
	<i>Estudo secundário completo.</i>
	<b>PROFISSÃO E HISTÓRICO DE TRABALHO</b>
	<i>No único setor que trabalhei foi na limpeza e é algo que adoro. Trabalhei no Peru limpando casas, como empregada doméstica, e vim aqui para trabalhar na casa dessa família que me explorou.</i>
	<b>CONHECIMENTO SOBRE PROGRAMAS DO GOVERNO E ONGs PARA ENCONTRAR TRABALHO</b>
	<i>Eu os conheço, mas são poucos os que realmente ajudam as mulheres trans. A Cáritas sempre me ajuda com cursos e para ter mais conhecimento sobre limpeza e culinária, que é o que eu gosto. Eu me sinto apoiado em algumas coisas por eles.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>LIZ</b>	<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>
	<i>Carreira universitária concluída em Linguística.</i>
	<b>PROFISSÃO E HISTÓRICO DE TRABALHO</b>
	<i>Gerente de Projetos de uma empresa de tradução. Comecei minha vida profissional como professora de inglês, dando aulas particulares.</i>
	<b>CONHECIMENTO SOBRE PROGRAMAS DO GOVERNO E ONGs PARA ENCONTRAR TRABALHO</b>
	<i>Eu conheço alguns. Sei que agora o governo catalão iniciou um programa de inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>MANU</b>	<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>
	<i>Meu diploma universitário é em Dança Contemporânea. E agora trabalho com Gestão Cultural e Projetos Sociais.</i>
	<b>PROFISSÃO E HISTÓRICO DE TRABALHO</b>
	<i>As pessoas aqui estão muito preocupadas em ter um trabalho de 8 horas por dia, e contribuir para poder se aposentar, isso dá muita pressão. Criei um projeto de Associação para poder trabalhar aqui porque sabia que ninguém ia me oferecer um emprego. Consegui ter muita vida artística com o meu projeto, montei um espaço junto com a Câmara Municipal e transformei em laboratório de pesquisa, ensino, práticas cênicas, etc. Este projeto durou 10 anos e agradeço muito à cidade por isso.</i>
	<b>CONHECIMENTO SOBRE PROGRAMAS DO GOVERNO E ONGs PARA ENCONTRAR TRABALHO</b>
	<i>Eu sei que eles existem, mas não conheço.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>VIDA</b>	<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>
	<i>Graduação concluída como Engenheira de Tecnologia de Alimentos. Comecei trabalhando em Desenvolvimento e Pesquisa e depois continuei em uma empresa de maquinaria onde continuo até hoje.</i>
	<b>PROFISSÃO E HISTÓRICO DE TRABALHO</b>
	<i>Fiz o meu trabalho de conclusão de curso numa empresa em Badajoz e quando terminei fiquei alguns meses sem trabalhar até aparecer uma oportunidade em Barcelona como representante de maquinaria. Acho que não seria para mim trabalhar em uma fábrica que sempre faz a mesma coisa. E é por isso que nesta empresa estou muito bem, gosto de estar aprendendo.</i>

	<b>CONHECIMENTO SOBRE PROGRAMAS DO GOVERNO E ONGs PARA ENCONTRAR TRABALHO</b>
	<i>Conheço, participo e sou voluntário de muitas ONGs como SOS Racismo ou Unidad Contra El Racismo y Fascismo. Também participei de grupos como Stop Sida e Trans Libélulas do Centro Boliviano Catalão, que pertence a um grupo de mulheres bolivianas.</i>
	<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 22 de abril de 2022</i>

<b>SARA</b>	<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>
	<i>No Uruguai estudei Arquitetura. Como a Espanha não tem bom relacionamento com os Ministérios da Educação e Cultura do Uruguai, meu diploma não pode ser homologado aqui, então para o governo espanhol não tenho estudos universitários. Mas fiz alguns cursos, estudei e estou vinculada a tudo relacionado ao ativismo trans e às instituições de saúde. Meu trânsito não foi apenas algo físico e estético, foi também mental, de me desconstruir e me reconstruir.</i>
	<b>PROFISSÃO E HISTÓRICO DE TRABALHO</b>
	<i>Quando cheguei à Catalunha não podia assinar como arquiteta, mas trabalhei como gestora de obras, estive em algumas obras antes da crise imobiliária. Não ter meus estudos aprovados na Espanha não era algo tão importante, porque minha vida profissional mudou muito. Agora estou trabalhando no Serviço de Administração Pública da Catalunha que trata da saúde das pessoas trans, acolhendo aqueles que transitam em idade madura, já adultos, fazendo um acompanhamento social de suas transições e estou muito confortável.</i>
	<b>CONHECIMENTO SOBRE PROGRAMAS DO GOVERNO E ONGs PARA ENCONTRAR TRABALHO</b>
	<i>Sim conheço e sou ativista, participo de várias plataformas de apoio à inserção laboral, TransLaboral, TransOcupación. Conheço uma série de recursos porque agora trabalho com isso, mas antes de ser vinculada, não conhecia recursos para procurar emprego. Hoje como trabalho em uma Associação que presta assistência médica, psicológica e social a pessoas trans, participo, colaboro e faço parte da Associação Generem, da ONG Casa Trans e da plataforma Transforma La Salud, entre outras, todas voltadas para a melhoria e atualização dos direitos das pessoas trans.</i>
	<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 27 de abril de 2022</i>

Tabela 7. CATEGORIA DISCRIMINAÇÃO LABORAL

OHANA	ENTORNO LABORAL
	<p><i>Me negaram emprego por ser trans e fui demitida por ser gorda, o que é ainda pior. As pessoas são muito maldosas quando dizem coisas como: "por que você se permitiu afundar (no sentido de deixar de se cuidar) tanto", "é que mais magra você está mais bonita", "mas é pela sua saúde", a heteronormatividade faz isso, se você não é alto, branco, de olhos azuis, loiro e com o corpo trabalhado 5 horas na academia, você não é bom e infelizmente seguimos esses padrões.</i></p> <p><b>VIOLÊNCIA FÍSICA OU PSÍQUICA</b></p> <p><i>Sofri abuso verbal no trabalho. Um dia uma moça veio ao salão de cabeleireiro onde eu trabalhava, aqui em Barcelona, e quando eu estava lavando o cabelo, ela me disse: "não fale comigo" [...] Ela se levantou e foi conversar com minha chefe, disse a ela que não queria que algo como eu a tocasse, tudo isso aconteceu na minha frente. Nesse ponto, eu disse a minha chefe que ia tomar um café. Eu me afastei da situação porque assim sou uma pessoa melhor. Quando voltei ao cabeleireiro depois do café, minha chefe me disse que havia ligado para o dono do salão e ele disse que ela não deveria incomodar os clientes (o dono era amigo do pai da menina transfóbica) e eu fui demitida. Eles pagaram os 15 dias que trabalhei e me deram um bônus de 50 euros pelo meu incômodo. Durante a viagem de ônibus para casa me senti negada, rejeitada, discriminada e pior que lixo. Ele me demitiu por ser quem eu sou, e eu? Quem me paga por isso? Por passar por isso?</i></p> <p><b>FUTURO LABORAL</b></p> <p><i>Meu futuro laboral é sempre incerto. Agora estou trabalhando com um contrato de um ano, mas depois disso, vou enfrentar a busca de emprego novamente e voltar a enfrentar as pessoas dizendo que sou uma mulher trans, e a pressão de cada trabalho. Aqui em Barcelona seu conhecimento nunca é suficiente, você sempre precisa estar procurando saber mais, e quando você sabe esse mais, você tem que saber mais e mais, é assim que se trabalha na Espanha. Atrás de você, tem outros 500 que querem seu trabalho. E em uma entrevista com 300 pessoas e embora tenha um currículo brilhante, por ser uma mulher trans, eles não vão me contratar e eu garanto isso. Essa é a nossa realidade e estou falando apenas do que eu estou vivenciando e como eu, somos centenas. Eu sempre tento fazer com as possibilidades que me foram dadas, o melhor que eu posso. Mas como tudo na minha vida, meu futuro laboral é incerto.</i></p>
	<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 4 de março de 2022</i></p>

<b>KIARA</b>	<b>ENTORNO LABORAL</b>
	<i>Não sofri discriminação no meu trabalho, nem no salão de cabeleireiro, nem no hospital.</i>
	<b>VIOLÊNCIA FÍSICA OU PSÍQUICA</b>
	<i>Em Barcelona não, mas em El Salvador sim.</i>
	<b>FUTURO LABORAL</b>
	<i>Vejo meu futuro laboral melhor, acho que agora existem mais oportunidades para nós mulheres trans, porque mais portas estão se abrindo para nós e em diferentes lugares.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>YOLANDA</b>	<b>ENTORNO LABORAL</b>
	<i>No Peru eu não tinha contrato de trabalho, mas sempre me pagavam. Limpei casas e apartamentos porque é isso que gosto de fazer. Algumas pessoas me chamavam pelo meu nome masculino, embora isso não me incomodasse tanto porque infelizmente é assim no meu país.</i>
	<b>VIOLÊNCIA FÍSICA OU PSÍQUICA</b>
	<i>Aqui me sinto mais acolhida legalmente, tenho amigas que estão me ajudando a superar tudo que passei com aquela família que me escravizou e nunca me pagou.</i>
	<b>FUTURO LABORAL</b>
	<i>Vejo meu futuro melhor, tenho um pouco mais de ânimo. Agora posso ganhar dinheiro limpando casas. Tenho o apoio de algumas amigas para conseguir meus papéis, mas enquanto não posso, trabalho sem contrato para algumas senhoras limpando seus apartamentos. Sinto-me um pouco mais relaxada e com mais incentivo para seguir em frente. Eu me dedico muito e com meu esforço terei um bom emprego no futuro.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>LIZ</b>	<b>ENTORNO LABORAL</b>
	<i>Por sorte, não passei por uma experiência discriminatória. Eu tinha uma chefe na escola de língua inglesa que tentava me proteger, mas também sentia que ela queria me esconder dizendo: “não venha no primeiro dia de saia”.</i>
	<b>VIOLÊNCIA FÍSICA OU PSÍQUICA</b>
	<i>Neste trabalho onde estou agora, todos têm sido boas pessoas comigo. Nunca sofri violência física ou psicológica.</i>

	<b>FUTURO LABORAL</b>
	<i>Quem me dera saber! Por enquanto estou apenas tentando viver e tentando aproveitar e não pensar. O bom é que eu tenho um contrato fixo, por tempo indeterminado com aquela empresa, agora eles estão me pagando um pouco mais. Por isso, neste momento vejo meu futuro laboral bom, mas olhando sempre com cautela. Eu posso fazer um bom trabalho, quero fazer algo que ajude as pessoas, algo que contribua para o mundo.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>MANU</b>	<b>ENTORNO LABORAL</b>
	<i>No México sim, em Barcelona não, porque aqui é mais legalmente controlado em caso de discriminação no ambiente de trabalho. Mas vivi um momento de violência quando estava na Holanda, estava em um bar com amigos e fomos atacados por um grupo de rapazes muçulmanos. Não foi no meu trabalho, mas foi na rua. Nesse mesmo dia mataram uma ativista trans no México, ela, outras 3 moças e um repórter. Fiquei muito sensível com toda essa situação.</i>
	<b>VIOLÊNCIA FÍSICA OU PSÍQUICA</b>
	<i>Não, também porque não vou a nenhum lugar onde exista a possibilidade de uma agressão mais facilmente.</i>
	<b>FUTURO LABORAL</b>
	<i>Para mim o futuro não existe, se você trabalha em movimento, as coisas acontecem. Eu tenho um projeto, quero trabalhar com crianças que foram vítimas de violência de todos os tipos, através da arte terapia, quero que elas possam entender e transformar essas experiências e traumas. Talvez essas crianças não possam se afastar de situações de violência física, mas pelo menos conseguirão se defender mentalmente.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>VIDA</b>	<b>ENTORNO LABORAL</b>
	<i>Sofri discriminação no meu ambiente de trabalho, principalmente por ser estrangeira. Percebi isso no fato de não conseguir ser promovida na empresa em que estou, por ser estrangeira, embora o poder não seja algo que eu deseje. Por isso consegui superá-lo.</i>
	<b>VIOLÊNCIA FÍSICA OU PSÍQUICA</b>
	<i>Psíquica sim, física não. Eles tinham um ar de desprezo, combinado com questões de preconceito. Eu sinto que, se eu fosse um rapaz gay de outra nacionalidade (não latina), não teriam me tratado tão mal. É lamentável que essas coisas passem, porque fortalece ainda mais ideias de: "Sou superior a alguém", "tudo é culpa das imigrantes".</i>

	<b>FUTURO LABORAL</b>
	<i>Já estou perto da aposentadoria, então é isso que estou pensando agora, tentar me aposentar mais cedo.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 22 de abril de 2022</i>	

<b>SARA</b>	<b>ENTORNO LABORAL</b>
	<i>Minha identidade de gênero fez com que eu perdesse meu emprego porque não era uma identidade de gênero aceita no ambiente de trabalho onde eu estava. Trabalhei em uma concessionária de carros e o público para o qual trabalhava era muito machista e misógino. Eles me obrigaram a apresentar um exame psiquiátrico por transtorno mental como "justificativa legal" para o meu processo de trânsito, mas eu não o apresentei e não me permitiram permanecer no trabalho [...]. Agora vivo nessa tríplice interseccionalidade, sendo de uma família diversa, sendo uma mulher trans e sendo homossexual. E já não sofro tanto por ser mulher trans porque tenho um bom passing, agora sofro mais discriminação por ser mulher lésbica. Minha parceira e eu continuamos a ouvir comentários e sentir os olhares.</i>
	<b>VIOLÊNCIA FÍSICA OU PSÍQUICA</b>
	<i>Quando eu era pequena, sim, sofri bullying, mas nessa nova etapa da minha vida, não. Agora tenho medo e inquietude quando ando na rua às 3 ou 4 da manhã, como qualquer outra mulher que está na rua nesse horário. Senti o impacto de como as hierarquias de poder geram comandos abusivos, agressivos e até maus-tratos por parte daqueles que têm mais poder. Isso os faz acreditar que podem decidir por você, como escolher o trabalho que você pode ou não fazer. Isso me marcou muito.</i>
	<b>FUTURO LABORAL</b>
	<i>Devido à minha falta de estabilidade, sempre vi meu futuro como incerto. Não acho que o emprego que tenho agora seja o mesmo para o resto da vida, ou talvez seja, mas sempre tive a ideia de que tudo muda. Estou muito confortável com este trabalho, mas não sei se amanhã me motivará o suficiente ou se haverá outra coisa que me motive mais. Por isso, sempre vi meu futuro laboral como incerto</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 27 de março de 2022</i>	

Em entrevista no dia 22 de abril de 2022, a interlocutora Vida afirma que as leis não fazem com que tenha menos discriminação em ambientes públicos e de trabalho, na realidade, contêm comportamentos agressivos e não significa que existe o pleno entendimento sobre elas já que essas violências continuam a existir em todo mundo.

Ohana, entrevistada no dia 4 de março de 2022, comentou que não denunciou a moça que a discriminou e nem o salão de beleza porque não tinha dinheiro para custear a denúncia, por não ter família e por precisar trabalhar e ter dinheiro, não poderia perder nenhum dia de trabalho em um julgamento.

#### Dimensão 4- COVID-19

Tabela 8. CATEGORIA SITUAÇÃO DE TRABALHO

<b>OHANA</b>	<b>EMPREGA OU DESEMPREGADA DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Empregada, mas não em regime de teletrabalho.</i>
	<b>PRESENCIAL</b>
	<i>O salão onde trabalhei durante a pandemia não estava gerando renda e fiquei arrasada. Acabei traumatizada e triste porque perdi todos os recursos e todas as economias que tinha. Quase vivi em situação de miséria. A Caritas me ajudou com o pagamento de um mês de aluguel e também me ajudou com a alimentação. Só consegui trabalhar quatro meses neste ano da pandemia e nos outros meses vivi das minhas economias. Quando penso nas minhas companheiras trans que não tinham o que comer, fico muito mais triste.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 4 de março de 2022</i>	
<b>KIARA</b>	<b>EMPREGA OU DESEMPREGADA DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Empregada, trabalhando em um salão de cabeleireiro e em um hospital.</i>
	<b>PRESENCIAL</b>
	<i>O trabalho foi presencial e por incrível que pareça, não tive COVID até agora.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	
<b>YOLANDA</b>	<b>EMPREGA OU DESEMPREGADA DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Mão de obra escrava.</i>
	<b>PRESENCIAL</b>
	<i>Cuidava das crianças, da casa e de um bebê pequeno. Os donos me disseram no início que iam me pagar, mas no final isso nunca aconteceu. Depois de pedir meu salário começamos a brigar, eles começaram a me agredir verbalmente, a me humilhar, não me deixavam sozinha por muito tempo e quase não me deixavam falar com minha família por telefone.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>LIZ</b>	<b>EMPREGA OU DESEMPREGADA DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Empregada, trabalhando em regime de teletrabalho.</i>
	<b>PRESENCIAL</b>
	<i>Eu tinha acabado de mudar de emprego antes da pandemia. Todas as pessoas que estavam na escola de idiomas onde eu trabalhava antes, perderam seus empregos. Comecei em outubro na nova empresa e quando começou a pandemia peguei o notebook da empresa e fui para casa. Continuamos todas as atividades em home office.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>MANU</b>	<b>EMPREGA OU DESEMPREGADA DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Desempregada, com trabalho informal de aulas virtuais.</i>
	<b>PRESENCIAL</b>
	<i>Eu estava desempregada, mas dava aulas de pilates informalmente. Falei com minhas alunas para continuar dando aulas online porque se não o fizesse, seria muito difícil pagar as despesas. Ainda estou ensinando online e elas reconhecem meu trabalho. Estou ensinando elas há 11 anos e graças a isso, consegui me manter na pandemia. Mas poderia ter sido catastrófico.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>VIDA</b>	<b>EMPREGA OU DESEMPREGADA DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Empregada, trabalhando em regime de teletrabalho.</i>
	<b>PRESENCIAL</b>
	<i>Quando a pandemia começou, tive tempo para pensar no assédio que sofria estando no trabalho presencial e me deixou muito sensível, a ponto de afetar minha depressão.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 22 abril de 2022</i>	

<b>SARA</b>	<b>EMPREGA OU DESEMPREGADA DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Empregada, trabalhando em regime de teletrabalho.</i>
	<b>PRESENCIAL</b>
	<i>Entrei em regime de teletrabalho quando minha esposa e meu filho foram infectados com COVID. Tive muita sorte e, incrivelmente, não fui infectada, apesar de compartilhar os mesmos espaços de casa com que eles. Todos os testes que fiz foram negativos.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 27 de abril de 2022</i>	

Yolanda comentou, durante a entrevista concedida no dia 12 de abril de 2022, como se sentia estranha em dizer que estava empregada durante a pandemia já que não recebia qualquer valor pelo serviço que prestava e não pôde realizar nenhuma denúncia porque ainda estava em período de legalização no país. Ela se sentia muito pior quando pensava que as pessoas que estavam fazendo isso com ela também eram peruanas. Ao mesmo tempo que pensava que agora está livre e pode reiniciar sua vida.

Tabela 9. CATEGORIA ACEITAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO

OHANA	INSTITUIÇÕES SANITÁRIAS E/OU OUTRAS
	<p><i>Infelizmente sim, já passei por situações de discriminação nas instituições de saúde, mas nem todos os profissionais são insensíveis à nossa realidade, há pessoas que se preparam e procuram fazer um bom trabalho. Tem gente que diz: “mas o que você é?”. Aconteceu-me uma vez que um médico me pediu para me despir completamente sem necessidade, somente era necessário despir-me do torso para cima e quando cobri as minhas partes íntimas, ele retirou o lençol porque queria ver todo o meu corpo. Ele me disse um termo para justificar sua ação, mas eu não sou burra e eu entendo, e de uma forma muito calma eu disse a ele: "OK, divirta-se, veja o que você quer e me avise quando puder me cobrir, e eu tomo isso seriamente porque o senhor sabe que o que está fazendo é errado" e ele disse “com licença” e saiu da sala.</i></p>
	<p><b>FAMILIARES E AMIGOS</b></p>
	<p><i>Minha relação com eles é normal, não sofro discriminação direta, eles respeitam quem eu sou. Dos meus 20 aos 30 anos, quando era mais perceptível que eu era diferente, eu estava em uma guerra psicológica com minha mãe, não podíamos nos ver sem insultar uma a outra, nunca fiquei calada, até que um dia eu disse a ela: “Eu tentei que você sempre me aceitasse, nunca te dei problemas, sempre tentei ser a melhor, sempre tentei fazer você se orgulhar de mim, mas você não queria, então você vence, seja feliz, que eu vou ser feliz também. Eu tinha uns 28 anos e desde então comecei a me afastar. Me distanciei de muitas pessoas que eu sei que me amam, mas não me aceitam totalmente por causa de seus ideais, não aceitam como sou, amam o homem e não a mulher. Então eu prefiro me afastar.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 4 de março de 2022</i></p>	

<b>KIARA</b>	<b>INSTITUIÇÕES SANITÁRIAS E/OU OUTRAS</b>
	<i>É triste, mas passei por momentos de discriminação nas instituições de saúde. Uma vez eu fui ao hospital para uma consulta médica e quando cheguei na recepção, o rapaz começou a me chamar pelo nome do meu cartão da identidade, o nome masculino. Pedi para ele não me chamar assim e sim pelo nome social feminino, mas ele não se importou e começou a passar por todas as pessoas na minha frente. Eu disse a ele que deveria me respeitar por ser uma mulher trans e que ele estava violando meus direitos, “você sabe que eu posso processá-la por violência e discriminação de gênero?” e então ele se alterou e começamos a discutir.</i>
	<b>FAMILIARES E AMIGOS</b>
	<i>Eu me senti discriminado antes e durante a pandemia pelos meus irmãos. Liguei para eles para saber se estavam bem, mesmo depois do que fizeram comigo, fiquei preocupada com eles. Um dos dias que liguei me disseram: “para que você está ligando? Não ligue mais”. Eles sempre dizem que me aceitam, mas eu sei que não.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>YOLANDA</b>	<b>INSTITUIÇÕES SANITÁRIAS E/OU OUTRAS</b>
	<i>Não sofri discriminação nas instituições de saúde, pelo contrário, quando tomei a vacina da COVID, foram eles que me aconselharam a mudar de nome. O médico me disse: "por que você não coloca seu nome feminino? Você é mulher e no cartão de saúde você pode pedir que coloquem seu nome feminino". Me senti muito apoiada por este médico, depois de um tempo, me ligou uma associação para que realizasse a mudança de nome no cartão de saúde.</i>
	<b>FAMILIARES E AMIGOS</b>
	<i>No início da mudança foi difícil para minha família, porque eles têm um pensamento muito antigo, mas aos poucos foram me aceitando.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>LIZ</b>	<b>INSTITUIÇÕES SANITÁRIAS E/OU OUTRAS</b>
	<i>Não, não sofri discriminação nas instituições de saúde, mas devo dizer que não vou muito ao médico. Mas pela pouca experiência que tenho, não, não sofri discriminação aqui. O que mais me assustava e assusta é não poder alugar um apartamento.</i>
	<b>FAMILIARES E AMIGOS</b>
	<i>Não, a nível de entorno não tanto, mas a convivência com minha mãe é fatal. Ela não consegue olhar pra mim.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>MANU</b>	<b>INSTITUIÇÕES SANITÁRIAS E/OU OUTRAS</b>
	<i>Não, pelo contrário, sempre me respeitaram muito. Já fui internada e sempre me trataram muito bem.</i>
	<b>FAMILIARES E AMIGOS</b>
	<i>Não, não sofri discriminação por parte de familiares e nem de amigos.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>VIDA</b>	<b>INSTITUIÇÕES SANITÁRIAS E/OU OUTRAS</b>
	<i>Com as instituições de saúde não, mas com a polícia sim. Tive vários encontros difíceis com eles. Quando eu não tinha nacionalidade espanhola, há cerca de 30 anos, em Barbate (Andaluzia) quando estava sozinha, alguns homens me abordaram pedindo ajuda para ir um acampamento, mas estavam bêbados. Um dos homens bateu no meu cachorro pela janela do carro, eu o agarrei para defender meu cachorro. E eles começaram a me bater e romperam meu tímpano. O dono de um restaurante próximo apareceu, os chamou pelo nome e me disse que os bêbados eram guardas civis. Eles ficaram impunes porque eu não tinha nacionalidade espanhola. Em outra ocasião, aqui na Catalunha, eu estava em uma manifestação contra os cortes do governo catalão na Saúde Pública [...] um deles me bateu no joelho e depois disso exigiram meu celular e eu disse a eles que não ia dar e entreguei minha identidade e eles me acusaram de eu ter batido neles. Apresentei uma queixa por racismo e fomos a julgamento. A fiscal justificou que as testemunhas que estavam no momento da agressão não podiam testemunhar porque eram “minhas amigas”. É uma política completamente injusta e está presente em governos ditatoriais que dizem que o princípio da veracidade das autoridades prevalece nos julgamentos. O promotor acreditou neles e me condenou com duas opções: 15 dias de prisão ou pagar uma multa de mais de 400 euros. Resolvi pagar porque era a única solução que tinha e eu só tinha essa opção porque tenho DNI espanhol e sou privilegiada, mas os imigrantes em situação irregular não têm essas oportunidades. Obviamente, quando estatísticas são divulgadas, mostram que os imigrantes são os criminosos, e isso acontece porque eles nos obrigam a assinar papéis que nem podemos ler e a maioria assina por medo.</i>
	<b>FAMILIARES E AMIGOS</b>
	<i>Meus pais não me discriminaram, mas alguns dos meus irmãos sim. Eles têm medo de mim, medo que eu possa “infectar” seus filhos, ou que as crianças me reconheçam como uma mulher. Outra pessoa próxima a mim tentou, por motivos religiosos, me dizer que não era correto, que eu deveria voltar para os braços de Deus. Eu assumi que nem todo mundo vai me aceitar.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 22 de abril de 2022</i>	

SARA	INSTITUIÇÕES SANITÁRIAS E/OU OUTRAS
	<p><i>Sim, passei por discriminação e lutei para mudar o modelo de Saúde Pública aqui na Catalunha. Por sorte, onde estou trabalhando agora, existe um modelo de saúde que respeita muito as identidades de gênero, onde a pessoa é colocada no centro da tomada de decisões. Quando eu comecei meu trânsito havia um psicólogo e um psiquiatra que deveriam alegar que eu poderia fazer a transição. Isso é uma forma de discriminação, é um tipo de maus tratos, porque é outra pessoa que determina quem eu sou. Infelizmente, também sofri discriminação administrativa e trabalhista.</i></p>
	<p><b>FAMILIARES E AMIGOS</b></p>
	<p><i>Não sofri discriminação.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 27 de abril de 2022</i></p>	

As mulheres migrantes, que passaram por situações de assédio moral e sexual por parte de funcionários das redes públicas de quaisquer atendimentos, não reportam as situações vividas devido ao desgaste emocional e financeiro que poderia prejudicar muito mais a elas que a outra pessoa que cometeu o ato discriminatório e transfóbico.

Como mulheres migrantes, elas sabem que seria difícil que fosse realizado algo para impedir esses atos, denunciar e esperar um julgamento justo, como é o exemplo de Vida, que mesmo com sua identificação espanhola e com testemunhas, foi condenada a pagar uma multa de 400 euros. Os policiais não receberam nenhum tipo de penalização.

Ohana concedeu uma outra entrevista, no dia 19 de abril de 2022, onde afirmou que mesmo sabendo que é incorreto não denunciar essas ações transfóbicas, se uma mulher trans refugiada, briga com o sistema médico de saúde, o que vai ocorrer é que será considerada problemática e, provavelmente, na data da renovação de refúgio, este seja negado. Essa é uma das principais razões da não denuncia aos sistemas de atendimento público. Mesmo estando a ponto de realizar a denúncia, muitas são impedidas porque tem medo das consequências para elas próprias e não para pessoa que está cometendo o crime.

Para aquelas que seguem em conflito familiar, a maior tristeza e consequência da não aceitação é saber que os preconceitos são mais fortes que o amor que pensavam que seus familiares sentiam. Que as pessoas que amam, preferem uma versão delas que não as permite ser feliz, preferem idealizações próprias, não permitindo que essas mulheres trans se sintam completas.

Dentro da sociologia das emoções, Kemper (1978) comenta que o amor ocorre quando uma pessoa está disposta a compartilhar seus status com outra e quando existe uma

harmonia entre as qualidades e os valores de cada um ou que cada uma possui. O amor está diretamente vinculado ao poder e aos status que cada indivíduo possua dentro da relação. O amor só se faz presente quando pelo menos uma das pessoas está disposta de forma voluntária a recompensar em alto grau a outra. Essas recompensas não podem ser compradas e sim outorgadas em forma de status. Kemper afirma que a pessoa sabe que ama quando compartilha e confere status a alguém. Quando somente conferem status a ela, ela somente gosta. Pensando nisso, não se pode exigir que uma pessoa tenha um comportamento diferente daquele que ela quer ter. É de responsabilidade de cada um formar-se de vínculos e relações leves, com diálogos e não com coação. Ao final uma das duas partes se cansa de agradar a outra e a relação se acaba.

Para Thomas Scheff, por exemplo, os sentimentos são expressões diretas dos vínculos sociais. Os vínculos que os seres humanos formam durante toda vida propriamente sociais, “se definem e se alimentam pelos processos emotivos de vergonha e de orgulho (Alastuey, 2000, p.151 tradução realizada pela autora). O orgulho mencionado é aquele com significado de admiração que sentimos por amigos, pais, cônjuges quando alcançam seus objetivos. A vergonha está ligada a avaliação do outro ou que fazemos de nós mesmos. A vergonha está relacionada com a moral, com o ideal do que está certo ou errado.

Uma das consoantes que mais afetam as interlocutoras é a não aceitação da sua totalidade. A interlocutora Sara, em entrevista no dia 27 de abril de 2022, atesta que o que deveria ser considerado importante é a aceitação da pessoa, com defeitos e qualidades, com seus estados de humor e não a idealização fantasiosa que fazem sobre elas. Os vínculos de codependência são prejudiciais. Os vínculos reais são os que deveriam estar presentes nas relações humanas.

Tabela 10. CATEGORIA PANDEMIA

<b>OHANA</b>	<b>CONVÍVIO DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>No início da pandemia, morei com um amigo que também é do coletivo e do meu país, mas o parceiro dele não gostou de mim então me mudei a um apartamento que tinham 8 pessoas. Eu não morava sozinha, mas me sentia sozinha e sem apoio psicológico.</i>
	<b>DESEJO A SOCIEDADE</b>
	<i>Eu poderia responder de mil maneiras, mas o que eu pediria à sociedade é que pense um pouco ao negar um espaço a uma pessoa diferente. Que entendam que a diversidade, em todas as suas conotações, seja física, religiosa ou cultural, é o que nos torna verdadeiramente ricos, e que negar a uma pessoa o direito de ser diferente é completamente um ato de discriminação e ódio, e a única coisa que vão ganhar fomentando o ódio, é destruir a si mesmo, porque no futuro eles também podem ser discriminados por não serem iguais. Deveriam fomentar a empatia, incentivar a integração de todas as pessoas e não deixar ninguém para trás.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 4 de março de 2022</i>	

<b>KIARA</b>	<b>CONVÍVIO DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Eu não estava sozinha, mas me sentia horrível, sentia raiva, tristeza e tédio a maior parte do tempo. Eu morava com meu parceiro e com 8 colegas de apartamento. O lado bom foi que nos apoiávamos entre todos e tivemos muita comunicação, nos dávamos bem. Quando um de nós teve COVID, meu parceiro e eu o ajudamos.</i>
	<b>DESEJO A SOCIEDADE</b>
	<i>Eu pediria que nos dessem nossos direitos como mulheres trans para que possamos ser livres e reconhecidas como mulheres, porque é isso que realmente somos e como nos sentimos. Acho que seria algo muito importante na sociedade, que ela pudesse nos aceitar como somos e permitisse nossa afirmação sem qualquer discriminação ou desigualdade. Todos somos iguais!</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>YOLANDA</b>	<b>CONVÍVIO DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Eu não morava sozinha, mas estava sozinha com aquela família que eu “trabalhava”. Nós éramos 8 pessoas e havia apenas 2 quartos. Eles pareciam ser uma coisa no começo, mas depois suas máscaras caíram e as agressões começaram. Como estávamos na pandemia, ninguém podia sair e eu não podia pedir ajuda, muitas vezes me sentia triste e com raiva da situação em que estava.</i>

	<b>DESEJO A SOCIEDADE</b>
	<i>Pediria respeito para todo mundo, porque somos todos iguais.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de abril de 2022</i>	

<b>LIZ</b>	<b>CONVÍVIO DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Eu morava com meus colegas de quarto. Com todos os problemas de abandono que tenho, passei muito mal durante a pandemia. Os primeiros meses foram horríveis para minha saúde mental, mas também aprendi muito sobre mim mesma. É uma possibilidade que muitas pessoas trans não tiveram, porque estavam apenas tentando sobreviver.</i>
	<b>DESEJO A SOCIEDADE</b>
	<i>Uma delas é que todos aprendam o que realmente significa consentimento. Também gostaria que todos fizessem uma pequena introspecção sobre seus próprios gêneros, perguntando a si mesmos “por quê estão fazendo as coisas que estão fazendo?”, “por quê se vestem do jeito que se vestem?” e se “faz mesmo sentido fazer isso?”. Se você é uma mulher, pergunte a si mesma “o que significa ser uma mulher?” e essa é uma pergunta muito difícil. É importante pensar em gêneros não binários.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>MANU</b>	<b>CONVÍVIO DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Eu morava com meu companheiro, uma cunhada e sua filha pequena de 6 anos, que era muito exigente. Todos nós tivemos que ser muito criativos com ela e por esse lado foi bom. Mas eu não quero ter filhos.</i>
	<b>DESEJO A SOCIEDADE</b>
	<i>Eu pediria para não ter um sistema capitalista. O capitalismo não é bom. O sistema de produção deve mudar. José Saramago disse que o mundo só mudaria se mudarmos o sistema de produção. E acredito que seja possível. Se não, vamos de mal a pior.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 10 de março de 2022</i>	

<b>VIDA</b>	<b>CONVÍVIO DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Morei com alguns familiares, um irmão e uma prima. Tive alguns picos de depressão na pandemia porque se somaram a outros motivos e causas que já existiam antes, algumas injustiças e assédio no local de trabalho.</i>
	<b>DESEJO A SOCIEDADE</b>
	<i>Que abram suas mentes, que se informem, que aprendam, que pesquisem na internet, que encontrem opiniões diferentes, que procurem fontes científicas, que tenham base e estudos, porque tudo se encontra na internet. Que despertem, que tenham espírito crítico, que não acreditem no que dizem as autoridades políticas porque é manipulado.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 22 de abril de 2022</i>	

<b>SARA</b>	<b>CONVÍVIO DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Morei com minha esposa e meu filho, foi a parte mais linda dessa etapa. Embora eu também tivesse muitos momentos de incerteza me perguntando: “o que vai acontecer com nossas vidas?” e em mais de uma ocasião me perguntei se em algum momento teríamos uma vida como antes ou se tudo mudaria para sempre, com todas as restrições e imposições dos governos, a quase obrigatoriedade das vacinas e do cartão de vacinação para ter acesso a certos privilégios. Os toques de recolher, as restrições de mobilidade, tudo isso me assustou muito.</i>
	<b>DESEJO A SOCIEDADE</b>
	<i>Romper com o sistema binário de gênero e sexo, onde as pessoas podem ser reconhecidas como pessoas, independentemente de seu gênero e de sua corporalidade, romper com as estruturas rígidas do binômio de homem-mulher.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 27 de abril de 2022</i>	

Quando se comenta sobre a realidade dessas mulheres durante a pandemia, deve-se levar em consideração que a realidade de uma que está exercendo serviços de limpeza, serviços em meios hospitalares e/ou comércio sexual, não são as mesmas. As situações são diferentes das que possuem um trabalho fixo em um escritório e que irá a partir daí exercer o teletrabalho.

Para aquelas que tiveram Covid-19, uma das sequelas físicas presentes é o cansaço no corpo e nas pernas, e a dificuldade com a respiração, são alguns dos problemas que enfrentam convergidos as suas ansiedades e preocupações de como poderiam sobreviver a pandemia. Ao pensar que as necessidades básicas dessas mulheres, como alimentação e moradia, não estavam seguras, como apresentado por elas no decorrer deste estudo, é

importante questionar-se o porquê da manutenção de um sistema econômico profundamente desigual.

Uma das interlocutoras afirma “*Todo trabalho remunerado é escravidão porque estamos falando do direito de uns em detrimento de outras pessoas*”<sup>57</sup>

As maiores sequelas são as emocionais, porque para aquelas que vivem sozinhas, em um quarto ou apartamento, não ter qualquer apoio por esse grande período de tempo, as deixou tristes e sensíveis, principalmente sem poder ver seus amigos que muitas das vezes se tornam família.

Com o fim de aprimorar e aportar ainda mais sobre o universo diverso das nossas interlocutoras, será apresentado os quadros da Interlocutora Eider, devido sua imigração haver sido realizada para fora de Espanha e onde a mesma nasceu na Catalunha.

### **Dimensão 1- Migração e Estatuto de Refugiada**

Tabela 11. CATEGORIA MOTIVAÇÃO

<b>EIDER</b>	<b>MOTIVOS PARA MIGRAR</b>
	<i>Há muitos anos pensei em migrar para Moscou para estudar, quando entrei na universidade tive a oportunidade de morar lá por dois anos, mas por causa do frio não fiquei mais tempo. Agora tive a oportunidade de migrar para Los Angeles porque gosto muito e tenho amigos lá, mas devido a circunstâncias e responsabilidades familiares não fui. Eu era responsável pela minha mãe, que era uma pessoa idosa e agora sou da minha tia, então não consegui realizar esse sonho.</i>
	<b>RAZÕES PRINCIPAIS</b>
	<i>Eu pensei em ir para a Rússia porque eu gostava do idioma e a Universidade me ofereceu essa oportunidade de ir por 2 verões. Naquela época, Moscou não estava adaptada para pessoas em cadeiras de rodas, então a única opção que eu tinha era ficar dentro da residência estudantil. Tive muitos acontecimentos importantes na minha vida, principalmente porque sou uma pessoa com deficiência física. O fato de morar em locais onde não existe essa assistência, você aprende a valorizar os locais onde existem, pois é uma necessidade básica poder se locomover. Lembro-me que no primeiro verão não vi ninguém em cadeira de rodas na rua.</i>

<sup>57</sup> “*Todo trabajo asalariado es esclavitud porque estamos hablando del derecho de unas en detrimento de otras personas*”.

	<p><b>POR QUÊ VOLTAR A ESPANHA?</b></p> <p><i>Quando você está em um país estrangeiro você encontra muitas dificuldades e diferenças, mas chegar em um país estrangeiro com uma cadeira de rodas é mais difícil. Geralmente há algum tipo de assistência nos aviões e também nos aeroportos. Mas na primeira vez que fui de avião, não houve nenhum tipo de assistência, vi que as pessoas estavam saindo do avião e eu ficando. Quando a aeromoça me viu, ela me perguntou o que estava acontecendo e chamou uma ambulância para me tirar do avião depois de 30 minutos esperando. Os paramédicos me perguntaram se eu podia ficar de pé e eu disse que não, eles não sabiam como me carregar. E isso aconteceu até 2010. Por causa dessas assistências que existem no meu país e na Catalunha, decidi voltar e ficar.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de março de 2022</i></p>	

Tabela 12. CATEGORIA DIFICULDADES EM UM PAÍS EXTRANGEIRO

<b>EIDER</b>	<b>PAÍS DE ORIGEM/NACIONALIDADE</b>
	<i>Espanha/ catalã.</i>
	<p><b>APOIOS</b></p> <p><i>Sim, tive apoio familiar para ir para a Rússia, embora para eles tenha sido um pouco estranho porque eu estava na cadeira de rodas há 8 anos. Comecei a universidade com quase 30 anos e sempre me apoiaram em tudo porque sempre tive um estilo de vida muito independente.</i></p>
	<p><b>VONTADE DE RETORNAR À CASA</b></p> <p><i>Sim, eu queria voltar para o meu país. Quando você passa algum tempo fora, no final você sempre quer ir para casa. É aqui onde me sinto mais segura. Mas sinto que poderia ter me mudado para Los Angeles ou San Francisco se não tivesse essas responsabilidades familiares. Eu poderia morar lá porque conheço bem o lugar e o clima é melhor, é mais confortável que em Barcelona, não é tão frio, poderia ser ainda melhor que morar aqui. Se eu tivesse os meios financeiros e os meios de assistência médica que tenho aqui nos Estados Unidos, gostaria de tentar.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de março de 2022</i></p>	

## Dimensão 2- Orientação Sexual e Identidade de Género

Tabela 13- CATEROGIA IDENTIDADE ANTES DA MUDANÇA

EIDER	INFÂNCIA
	<p><i>Eu acho que quando eu tinha 7 ou 8 anos e minhas irmãs não estavam em casa, eu ia para seus quartos experimentar suas roupas. Me lembro disso sendo muito pequena, ali descobri que havia algo diferente em mim. Quando eu era pequena e adolescente, sabia que havia algo diferente, mas não conseguia expressar e mantive tudo em segredo. Me deixava feliz me vestir de mulher na infância, eu gostava, mas me sentia culpada. Mais tarde, na minha adolescência, percebi que não era heterossexual. Mas a Espanha naquela época estava sob uma ditadura e sair do armário ficou muito difícil, então sempre mantive tudo em segredo.</i></p>
	<p><b>IDENTIDADE ATUAL</b></p> <p><i>Percebi que em algumas coisas eu era uma pessoa ousada e atrevida, mas é verdade que quando se trata de assuntos pessoais e ser cross-dresser, eu tinha medo de exteriorizar. Agora sinto que não deveria ter tido tanto medo, isso condicionou muito minhas relações sentimentais com outras pessoas. Sobre minha orientação sexual ainda não tenho certeza se sou homossexual, talvez seja mais bissexual ou pansexual. Quando fui trabalhar como designer gráfico, descobri o mundo das pessoas travestidas. Basicamente, quando eu comecei minha vida sexual eu me relacionava com pessoas cross-dresser, eram as únicas pessoas com quem eu conseguia ter um certo prazer, pois minha sensibilidade física foi alterada pela lesão do acidente. Todas as minhas relações sexuais com mulheres cis também eram boas, mas não posso comparar com estar com uma cross-dresser ou com mulheres trans. Cheguei a ter uma relação de "amizade com direitos" com um homem gay, mas sentia que ele não me entendia, porque eu não era 100% gay e estava sempre procurando uma lógica para tentar me entender. No final, percebi que me sentia mulher.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de março de 2022</i></p>	

Tabela 14. CATEGORIA DIFICULDADES

<b>EIDER</b>	<b>INTERSECCIONALIDADE</b>
	<p><i>O acidente foi algo que marcou minha vida. Acho que quando você vivencia algo tão sério que te deixa em uma cadeira de rodas para o resto da vida, você percebe que não é só não poder andar ou tomar banho normal, mas também condiciona sua atividade sexual. Quando você passa por algo tão sério quando é muito jovem, só tem 2 opções: ou fica em casa ou sai, e se sair, sai mesmo, porque não existe um meio termo. As dificuldades são mistas. Da mesma forma que não consigo andar, minha atividade sexual é limitada, então meu prazer é muito mais mental do que físico. Se é bom na sua mente, está tudo bem. E o fato de eu não estar em nenhuma das siglas LGBTs desencadeou esse sentimento de insegurança e culpa, porque eu não conseguia e não consigo expressar o que realmente sinto. E isso é um sentimento constante.</i></p> <p><b>VIDA SOCIAL</b></p> <p><i>Tive muitas oportunidades de estar em relacionamentos românticos com outras pessoas, mas minha condição influenciou na maneira como eu sentia ou queria um relacionamento. Me questionava “como compartilho minha vida afetiva e sentimental com alguém se minha identidade de gênero é a de uma pessoa trans? Como a outra pessoa pode participar desse tipo de relacionamento?” Nem sempre consigo me comunicar como gostaria. E é pior quando alguém te faz comentários do tipo: “você gosta de jogar de se vestir de mulher” e não é assim, não é um jogo pra mim. Quando eu estava em um relacionamento com uma mulher cis eu sempre tinha que dar explicações, pedir desculpas por ser do jeito que eu era. Como eu participava de peças, sempre me maquiei e quando chegava em casa maquiada, me perguntavam: “e algum vizinho já viu você maquiada assim?” e eu dizia: “é por causa da peça de teatro”. Eu senti que realmente estava me auto enganando, não era para o vizinho que queria dar essa desculpa, era para mim mesma.</i></p> <p><b>INFLUÊNCIAS EM MINHA IDENTIDADE</b></p> <p><i>Eu sei que essa vida social acaba influenciando na minha identidade. Hoje já me sinto uma pessoa idosa, e por estar mais madura já deixei de pedir perdão. Hoje o mundo mudou, se pode viver livremente, se expressar mais, mas sinto que cheguei tarde. Foram muitos anos me limitando e é difícil pensar ao contrário. Como trocar este chip agora? Sinto que poderia ter feito tantas coisas e penso: “que pena que esta parte da minha vida não tenha conseguido administrá-la bem!”. É uma parte da minha vida que eu nunca soube resolver e continuo arrastando isso. Acho que se adotasse uma nova forma de pensar, com o tempo, poderia me sentir uma pessoa mais realizada.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de março de 2022</i></p>	

Eider comentou que manter relações sexuais com pessoas que praticam o *cross-dressing* ou mulheres trans, a deixava extremamente confusa e com um sentimento de culpa que nunca conseguia eliminar de sua cabeça. Um de seus relacionamentos foi com um homem homossexual e neste caso, sentia que não conseguia ser compreendida porque como não era 100% gay ou 100% um homem, depois de um tempo não alcançava se sentir bem, sempre com os mesmos sentimentos de que “*não é normal, é estranho, é incompreensível, não posso compartilhar, não posso dividir*”.

O sentimento de culpa, de se sentir uma pessoa estranha e com desejos sexuais não normativos, fazia com que fosse gerada uma sensação de não pertencimento a nada e nem ninguém, influenciando na sua vida afetiva de modo geral. Esse desconforto a acompanhava tanto antes quanto depois do seu acidente. Quando chegou a ter a oportunidade de relacionar-se seriamente com uma *cross-dresser* e não somente de forma sexual, mas sentimental e afetiva, teve medo e não conseguiu dizer o quanto queria estar ao lado dessa pessoa. Eider comenta que é algo que se arrepende até os dias atuais, porque teve a oportunidade de viver um amor, mas devido seus medos, incompreensões, preconceitos e julgamentos sofridos pelo resto da sociedade, não teve a valentia para enfrentar a situação.

Um dos momentos históricos que também pode ter influenciado na decisão de Eider, de não ter uma vida amorosa com uma *cross-dresser*, foi o fato de que o vírus do HIV estava em alta na Espanha, sem controle e com muitas mortes. Dentro do seu imaginário, lhe assustava a possibilidade de adquirir a doença.

Entre os sentimentos de culpabilidade atrelados a incompreensão de não conseguir encaixar em nenhuma sigla LGBT, e o medo das doenças sexualmente transmissíveis, a levaram a afastar-se dessa pessoa e “fazer o correto” que seria assumir uma expressão de gênero masculina, casar-se com uma mulher cis gênero. É curioso mencionar que essa mulher com a qual se casou possuía uma orientação homossexual. Sua ex-esposa via seu lado feminino e aceitava e conseguiram coincidir naquele momento. Foi a pessoa mais próxima de Eider por anos e que nutriu confiança para que pudessem compartilhar todas suas dúvidas e desejos. Hoje já estão separadas.

É perceptível que durante a entrevista e em vários momentos Eider tenta se justificar para todas as pessoas, como estar maquiada para uma obra de teatro, como estar com uma mulher que aceita seu lado feminino, ou simplesmente para si mesma quando acredita que por ser uma pessoa idosa, já não poderia se relacionar amorosamente com alguém. Ela mesma admite, durante a entrevista do dia 12 de março de 2022:

*“sempre estou me justificando, a aceitação social sempre me deu muita insegurança. Se pudesse, sempre me vestiria de mulher, embora hoje em dia me sinta confortável das duas formas. Tem dias que vou em feminino e outros em masculino, não estou me odiando na minha expressão de gênero masculina porque existe, não tenho nenhum problema com a minha parte masculina, tem a ver mais com a minha personalidade e o gosto por um certo grau de risco na vida”<sup>58</sup> (traduzido pela autora).*

Tabela 15. CATEGORIA VIVÊNCIA

<b>EIDER</b>	<b>PESSOAS QUE ME CONHECEM</b>
	<i>Acham que sou uma pessoa com alguma qualidade porque cada pessoa tem suas manias e suas características. Eu sei que me falta constância, perseverança em algumas coisas e falta de paciência, mas acho que em geral, o que percebo do meu entorno é que todos têm carinho por mim e me amam.</i>
	<b>PESSOAS QUE NÃO ME CONHECEM</b>
	<i>Acham que sou uma pessoa capaz e sociável. Tenho um caráter aberto, gosto de interagir com as pessoas e isso influencia em todas as minhas atividades, mesmo quando estava trabalhando, tinha facilidade em conversar com desconhecidos. Como faço fotografia e estou sempre conhecendo novas pessoas, não sinto nenhuma dificuldade.</i>
	<b>METÁFORA</b>
	<i>Ser cross-dresser é um trânsito, um caminho, uma viagem onde você nunca chega ao final, mas aproveita a jornada.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de março de 2022</i>	

<sup>58</sup> *“siempre me estoy justificando, la aceptación social siempre me ha dado mucha inseguridad. Si pudiera, siempre me vestiría como mujer, aunque hoy en día me siento a gusto de las dos formas. Hay días que voy en femenino y otros en masculino, no me estoy odiando en mi expresión de género masculina porque ella existe, no tengo ningún problema con mi parte masculina, tiene que ver más con mi personalidad y el gusto por cierto grado de riesgo en la vida”.*

### Dimensão 3- Mercado de Trabalho

Tabela 16. CATEGORIA CONDIÇÕES DE TRABALHO

<b>EIDER</b>	<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>
	<i>Tenho Licenciatura em História.</i>
	<b>PROFISSÃO E HISTÓRICO DE TRABALHO</b>
	<i>Eu costumava ser designer gráfico, mas agora minha atividade é apenas fotografia. Trabalhei a maior parte do tempo em gráfica e ainda tiro fotos, mas não trabalho faz muito tempo porque sou pensionista por deficiência física. Nunca trabalhei em nada relacionado ao que estudei, nada relacionado à história. Fui para Universidade de maiores de 25 anos, porque tinha tempo e depois do acidente tive vontade. Escolhi História pela simples razão de que gosto de história em geral.</i>
	<b>CONHECIMENTO SOBRE PROGRAMAS DO GOVERNO E ONGs PARA ENCONTRAR TRABALHO</b>
	<i>Conheço indiretamente organizações na Catalunha que ajudam pessoas LGTBQA+ a conseguir empregos. A nível administrativo, da Generalitat de Catalunya e a nível estatal, para pessoas trans e para pessoas com deficiência. Para pessoas com deficiência é mais difundido, existem muitos programas nas esferas municipal e estadual, e podes optar, tanto pela deficiência física quanto pela intelectual. Os programas não discriminam se você é hétero ou do coletivo. Mas pode acontecer que a empresa onde você se apresenta não queira te contratar por causa da sua deficiência ou porque você é LGTBQA+. Ser uma pessoa com deficiência física e ao mesmo tempo estar dentro da comunidade LGTB torna tudo um pouco mais complicado, não é fácil.</i>
	<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de março de 2022</i>

Tabela 17. CATEGORIA DISCRIMINAÇÃO LABORAL

<b>EIDER</b>	<b>ENTORNO LABORAL</b>
	<i>Por sorte não tive dificuldades, não sofri por estar em cadeira de rodas e por outro lado, como não exteriorizava minha identidade de género, não foi um problema.</i>
	<b>VIOLÊNCIA FÍSICA OU PSÍQUICA</b>
	<i>Não, física não, mas psíquica sim. Sofri violência psicológica por parte de alguns clientes que se afastaram de mim porque eu estava em cadeira de rodas, era como se tivessem medo. Existem pessoas que ainda se sentem desconfortáveis diante de uma pessoa com deficiência, porque não sabem o que fazer ou dizer, mas nunca foi uma rejeição violenta.</i>

	<b>FUTURO LABORAL</b>
	<i>Não trabalho e não vou trabalhar porque sou pensionista. Mas em termos de atividades, o que gosto é de me dedicar à fotografia, sou retratista. Eu costumava trabalhar como fotógrafo em editoriais fazendo trabalhos esporádicos, mas agora é apenas um hobby.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de março de 2022</i>	

#### Dimensão 4- COVID-19

Tabela 18. CATEGORIA SITUAÇÃO DE TRABALHO

<b>EIDER</b>	<b>EMPREGA OU DESEMPREGADA DURANTE A PANDEMIA</b>
	<i>Continuei recebendo minha pensão, mas não fiz atividades de fotografia. A pandemia destruiu tudo.</i>
	<b>PRESENCIAL</b>
	<i>O estilo das fotos que tirava não permitia que fosse online. Tudo foi finalizado da noite para o dia em termos de fotografia. O primeiro ano foi horrível. Como eu tirava fotos de obras de teatros, de dança, tudo isso parou por quase 2 anos.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de março de 2022</i>	

Tabela 19. CATEGORIA ACEITAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO

<b>EIDER</b>	<b>INSTITUIÇÕES SANITÁRIAS E/OU OUTRAS</b>
	<i>Não, mas tenho que ser honesta, temos sorte de estar em Barcelona capital, porque é muito aberta. Como cross-dresser não tive problemas, mas imagino que para uma pessoa transexual seja mais complexo. Comentei minha situação em centros hospitalares e durante exames médicos e nunca me disseram nada de ruim.</i>
	<b>FAMILIARES E AMIGOS</b>
	<i>Sobre minha orientação sexual, com minha família eu não toco no assunto, então teoricamente eles não sabem de nada. Mas eu tenho uma sobrinha lésbica e isso nunca foi um problema, então acho que comigo também não seria. Acredito que eles sabem ou suspeitam, mas nunca falamos sobre isso ou nunca me perguntaram diretamente.</i>
<i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de março de 2022</i>	

Tabela 20. CATEGORIA PANDEMIA

EIDER	CONVÍVIO DURANTE A PANDEMIA
	<p><i>Sempre morei sozinha, mas na pandemia foi muito diferente e me afetou muito. Percebi que uma coisa é morar sozinha e poder sair e socializar e outra coisa diferente foi o que vivemos no confinamento, onde só podíamos nos relacionar por telefone, ali me senti realmente sozinha. Foram 3 longos meses de não poder receber ninguém em casa, de não ter convívio social, mesmo com as pessoas mais próximas não havia contato por medo do contágio. Percebi que ter alguém em casa (parceiro) faz muita falta. Não foi nada agradável e me deixou com consequências psicológicas. Foi "tremendo" não ver ninguém na rua, só a polícia, as ambulâncias, sempre com medo.</i></p> <p><b>DESEJO A SOCIEDADE</b></p> <p><i>Peço empatia. É algo tão simples quanto o respeito. Me respeite como eu sou porque não te faço mal de nenhuma forma, eu não prejudico ninguém por ser quem eu sou, é a minha vida. Existem coisas óbvias que você pode fazer e prejudicar uma pessoa, como matar alguém, roubar ou ser violento, mas eu não fiz isso, então me respeite e tenha empatia comigo.</i></p>
<p><i>Estes dados foram obtidos pelo diário de campo no dia 12 de março de 2022</i></p>	

## Dimensão 5- CATALUNHA

### CATEGORIA HIPOCRISIAS

Ao perguntar onde está a hipocrisia na afirmação “Barcelona é LGTBI”, se tornou evidente no decorrer desta investigação que pode estar em muitos lugares.

Apesar de existirem alguns programas que visam ajudar mulheres trans, principalmente em um momento de vulnerabilidade como a pandemia, quando essas mulheres buscavam ajuda das assistentes sociais, se deparavam com inúmeras regras e exigências de documentação, como, por exemplo, um comprovativo de conta bancária que demonstrasse que não possuíam dinheiro e assim pudessem aceder a qualquer ajuda. É importante lembrar que os bancos não estavam funcionando normalmente, encontravam-se menos funcionários e o horário foi reduzido de forma considerável.

As palavras escolhidas pelas interlocutoras diante desses momentos de exigência por parte da assistência social devido estar sem trabalho, e em consequência sem dinheiro, foram “completa vulnerabilidade, incerteza, fragilidade e vergonha”.

Outra grande dificuldade que mulheres trans migradas ou refugiadas encontram ao chegar em Barcelona é principalmente a respeito do racismo imobiliário, da transfobia para encontrar um trabalho decente e assim poder adquirir uma casa digna. O custo de vida em Barcelona é alto. A saída é compartilhar um quarto e essa procura piora consideravelmente se a pessoa não possui as documentações exigidas.

A autora relata que, no dia 5 de abril de 2022, tentou realizar um trâmite na Espanha, para marcar uma consulta com alguns órgãos públicos por telefone e o que ocorreu foi que os cidadãos devem entrar em contato através do site que deseja, informar a necessidade do contato e um dos funcionários realizará uma chamada telefônica em três semanas. A espera pode acontecer até 40 dias depois do pedido realizado no site.

A interlocutora Ohana, em entrevista no dia 4 de março de 2022, relatou que quando compareceu ao escritório dessas entidades públicas, os funcionários estão todos presentes e sentados, mas nunca existem datas para o atendimento. E o dinheiro para pagamento de um aluguel, por exemplo, não é dado para as pessoas que o solicitam, aquelas que realizam o pedido devem fornecer os dados de quem está concedendo a casa para que se possa realizar o pagamento diretamente na conta bancária do proprietário.

É importante comentar também que há muitas notícias na mídia sobre como os brasileiros são bem-recebidos em Portugal, assim como a comunidade latino-americana na Espanha. A interlocutora Manu afirma que na realidade não há facilidade quando se tratam de burocracias, crimes e denúncias de xenofobia, crimes de ódio e violência contra pessoas trans e imigrantes.

Se um cidadão é portador de um fenótipo considerado "perigoso" para a sociedade (indígena, árabe, cigana, trans ou quaisquer traços faciais não brancos), a polícia tem a total liberdade para pedir sua documentação de maneira hostil e nada acontece com esses funcionários. Essas informações foram fornecidas pelas interlocutoras Ohana, Sara e Manu.

O sistema de polícia protege o patrimônio, não os cidadãos. O sistema penal não decide pelo crime cometido e sim segundo a pertença étnica racial. Um grupo étnico possui representação política, possui prestígio, a minoria étnica é discriminada e sub-representada. Afirmção proferida numa aula pública do professor Donizete Rodrigues, no dia 8 de abril de 2021.

Quando analisamos através da sociologia das emoções nos deparamos com a afirmação de Dores (2011, p. 43-54): “a manipulação do medo é parte evidente do trabalho político também no caso dos estados modernos”.

A sociedade em si impõe que cada mulher trans possua o máximo de *passing* possível, aquelas que não possuem são chamadas de “maricón”, “bichas”, “veadinhos”, são consideradas homens vestidos de mulher, nunca uma mulher trans. E não é com todas que isso acontece, é justamente com aquelas que são racializadas. Afirmações realizadas pelas interlocutoras Vida, em entrevista no dia 22 de abril de 2022, e Manu, em entrevista no dia 10 de março de 2022.

Uma das piores desvantagens de não constar o nome social nos documentos oficiais dessas mulheres imigrantes e refugiadas, se encontra no momento em que irão em busca de um trabalho. Sua identificação não condiz com seu currículo, o que gera mais discriminação. O sentimento de rejeição está sempre presente, principalmente quando sabem que mesmo possuindo conhecimentos e o melhor currículo, elas serão as últimas opções e as organizações irão sempre escolher uma pessoa cisgénera. Essa informação foi fornecida pela Interlocutora Ohana, no dia 4 de março de 2022. Segundo a interlocutora Liz, no dia 10 de março de 2022, e a interlocutora Kiara, no dia 12 de abril 2022, as esferas governamentais protegem algumas pessoas trans e LGBTQIA+ que se encaixam em certos requisitos ou que possuem certos tipos de status ou sofreram determinados crimes.

As mulheres trans imigrantes que enfrentam muitos problemas para estar legalmente em um país estrangeiro, quando estão sem os devidos documentos sempre vão recorrer aos trabalhos ilegais ou a prostituição. Se nada é feito por elas, se continuam a existir políticas que não facilitam a emissão de documentos e que as ajude a encontrar trabalhos dignos, esse continuará a ser um trabalho de sobrevivência para elas, afirmou a interlocutora Yolanda, no dia 12 de abril de 2022.

A ajuda que a própria comunidade trans realiza é essencial nesses casos. Normalmente, possuir uma rede de contatos LGTBQIA+ fornece ajuda, como, por exemplo, avisar quando precisam de uma cuidadora de idosas, cadastrar em aplicativos ou grupos de *WhatsApp* para que possam encontrar uma casa que esteja precisando de faxineira, cuidadora de crianças. São medidas que governo poderia fazer em larga escala, com meios verdadeiramente mais eficazes e isso não é feito e, quando realizado, somente alcança uma pequena parcela da comunidade e não sua totalidade. Mulheres migrantes ou refugiadas trans não são contratadas por serem menos competentes ou possuírem menos qualificações, não são contratadas porque são trans, essa é uma das verdades que parece

que os políticos ignoram, afirma a interlocutora Ohana, em entrevista no dia 4 de março de 2022.

Segundo Yolanda, em entrevista no dia 12 de abril de 2022, ela sentiu que sofreu maior discriminação por parte de imigrantes e refugiados com nacionalidades que não são latinas. Para ela, a sociedade espanhola e a população catalã não chegam a ser tão LGBTfóbica quanto as de outras nações. E que existem pessoas que estão dentro da sociedade em uma posição desfavorável e que sofre com a xenofobia por parte dos europeus, como o caso dos magrebinos, marroquinos, árabes, palestinos, ciganos. Estes para não se sentirem inferiores, necessitam sentir-se superiores a alguém. Paulo Freire, na obra *“A Pedagogia do Oprimido”*, afirmava que quando a educação presente em uma sociedade não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor; nesse caso, “superiores as mulheres trans”, manifestando a necessidade de reafirmar sua cultura machista, seja em forma de agressões verbais, com insultos e quando possível, fisicamente.

Acredita-se que alguns imigrantes do Oriente Médio esquecem que na Espanha não é crime ser uma pessoa LGBTQIA+ e que ali deveriam ser tratadas como iguais, principalmente porque se encontram na mesma condição de estrangeiros.

Barcelona como cidade cosmopolita, onde existem e convivem diferentes tipos de diversidades e onde são relativamente bem aceitas, a hipocrisia existe quando sabemos que internamente existem muitas coisas para resolver. Nas palavras da interlocutora Sara, em entrevista no dia 27 de abril de 2022:

*“não é tudo maravilhoso como aparece nos meios de comunicação e propaganda, provavelmente seja uma cidade mais tolerante e aberta em muitos aspectos, mas Barcelona continua a ter a mesma taxa de desemprego para mulheres trans como em qualquer outro lugar, são taxas de desemprego que atingem principalmente mulheres com 35 anos ou mais em torno de 80% delas”.*

Manu, em entrevista no dia 10 de março 2022, completa que o problema está na representação política, pois imigrantes não podem votar nas eleições e existem poucos representantes imigrantes ou racializados. Para Vida, em entrevista no dia 22 de abril de 2022, o sistema jurídico condena a vítima e fortalece o abuso de poder de autoridades, é extremamente injusto e ameaçador aos imigrantes. A mesma completa que sofrer discriminação por parte da própria comunidade é uma hipocrisia, principalmente por parte de homens gays brancos ou quando algumas mulheres feministas excluem mulheres trans das pautas e reproduzem os mesmos discursos opressores de homens cis géneros. Barcelona é super LGBTQIA+ friendly enquanto essa pessoa tenha dinheiro, é uma questão

de classe, de possuir padrões de beleza aceitáveis. Ser pobre, imigrante e trans, negro ou mestiço é estar a mercê da sorte.

## **CATEGORIA LEI TRANS**

Vive-se em uma sociedade plural, com pessoas de identidades distintas, géneros, com diferentes culturas, idiomas, religiões e costumes; fatores que muitas das vezes determinam a forma que esses indivíduos são tratados. Em 1998, o autor Alfredo Bruto Costa já se questionava a respeito do uso da forma que se aplica a expressão –Exclusão Social- que muitas vezes era utilizado pelas pessoas sem o correto entendimento sobre o significado desta. O termo é normalmente utilizado com aqueles grupos pouco ou quase nada favorecidos por políticas públicas e onde as leis não os alcança ou somente são cumpridas com rigorosidade quando se trata de deveres e o cumprimento delas (Costa, 1998).

Uma Lei Trans, por exemplo, aprovada por unanimidade nas Ilhas Canárias, reconheceu a autodeterminação da identidade de gênero, que protege as orientações de pessoas trans e intersexuais para receber atendimento integral com medidas adaptadas às suas necessidades. Esta Lei Trans de maio de 2021, em comparação com a anterior (Lei nº 8/2014 que entrou em vigor em 28 de outubro), incorpora medidas essenciais que garantem o pleno exercício e liberdade da autodeterminação de gênero sem discriminação em todas as áreas, como na vida política, cultural, social e econômica. A promulgação desta lei hoje serve como "modelo" para que grupos trans se expandam em todos os estados espanhóis, incluindo na Catalunha. Dados fornecidos por uma entrevista virtual com o Professor Marcos Araújo, no dia 24 de abril de 2021.

A Lei Trans Estatal é uma tentativa de não deixar o coletivo trans à margem. A lei traria a oportunidade de beneficiar através de políticas públicas e da concessão de direitos, a oportunidade de uma vida mais digna essa parcela tão excluída da comunidade LGBTQIA+.

A proposta inicial da lei era oficializar que essas pessoas possam decidir fazer sua redesignação sexual, como desejam e não por uma normativa médica. Cada pessoa possuiria o poder de escolha para mudar, seja através de terapias hormonais ou pela cirurgia ou somente de forma superficial, sem grandes mudanças corporais.

Lei que permitiria a mudança de gênero no Documento Nacional de Identificação (DNI-equivalente ao Cartão de Cidadão em Portugal) aos 16 anos, para que não seja necessário esperar até a maior idade. A proposta também quer retirar a obrigatoriedade de terapias

de conversão e a avaliação psicológica, médica, que considera as pessoas trans sofrem de um transtorno o disforia de género.

A interlocutora Sara comenta, em entrevista no dia 27 de abril de 2022, que enfrentou dificuldades quando estava em trâmite ter seu género e nome reconhecidos. Para ter o direito a mudança de seu nome em suas documentações, teve que aceitar que os médicos afirmassem que sofre de um transtorno e isso afeta não somente a ela, mas as suas companheiras e amigas trans, que passam pelas mesmas dificuldades.

Dar a possibilidade de decisão a essas pessoas, é algo que favorece essa comunidade. E tudo é um avanço. Só o feito de conseguir propor essa lei é um progresso, dado que existem grandes resistências e antes era algo indiscutível.

O projeto construído com a ministra Irene Monteiro como tal fracassou. Era um projeto que quando buscou a aprovação por parte dos outros chefes de governo, o Partido Socialista se recusou a aprovar. Em contrapartida, para que este partido não sofresse uma retaliação por parte da mídia, foi realizada uma Lei LGTBIQ+ que beneficia somente uma parcela da comunidade trans, deixando de fora as pessoas migradas, as pessoas menores de idade e as não binárias, o que não cumpriu com as expectativas das mulheres trans. Isso fez com que a Espanha deixasse de ser um país de vanguarda de direitos trans, afirma a interlocutora Sara, durante a entrevista no dia 27 de abril de 2022.

As interlocutoras Sara, Manu e Vida estão de acordo quando afirmam que na Catalunha, paralelamente a construção da Lei Trans Estatal, estão realizando um projeto de Lei Trans Catalana. As maiores barreiras encontradas pelas trans imigrantes e refugiadas são colocadas pelo serviço de *Extranjeria*, ao impor condições muito rígidas para ter uma permissão de residência e de trabalho. Sem essa permissão, essas mulheres se vêem em situações de ter que aguentar explorações, abusos e violências.

Afirma a interlocutora Vida, no dia 22 de abril de 2022:

*“Se já é difícil para uma imigrante que tem a nacionalidade espanhola, é duas vezes mais difícil para aquela que não possui e 3 vezes mais difícil para quem está em uma situação irregular e não pode denunciar”.*

Para Sara, isso ocorre porque não existem leis dignas e que amparem, que regulem a autodeterminação de género e precisam comprovar sua identidade de género passando por “*aros de patologización*”. Para Lei e para o Estado aceitarem a sua mudança de nome nos documentos de identidade, é preciso afirmar que sofrem um transtorno. Isso é algo que psicologicamente afeta o emocional dessas mulheres, porque sabem que não possuem

uma doença mental. Sara afirma que antes da transição sim, se sentia doente, principalmente quando tentava ser uma pessoa que não era.

Eider, em entrevista no dia 12 de março de 2022, reitera que é verdade que Barcelona é uma das referências de capitais LGTBI, de mais compreensão ao coletivo e com leis, mas a hipocrisia existe quando não são cumpridos esses direitos, essas leis e não somente a nível administrativo, mas empresarial. Eider comenta que uma pessoa pode querer ou não conceder a demanda de uma pessoa LGBTQIA+ e existem aquelas que não ajudam e mesmo com a legislação existente não contratam LGBTs e permitem atos discriminatórios por parte de clientes ou despedem as pessoas que realizaram a transição posteriormente a apresentação da expressão de gênero masculina - ao assumir sua identidade feminina são despedidas.

### **CATEGORÍA CONFLICTOS POLÍTICOS**

Existe um grande segmento dentro do governo por parte do partido PSOE (Partido Socialista Obrero Español) e do partido VOX (de ideologias ultraconservadoras e ultranacionalistas) que se opõe a Lei Trans Estatal.

De acordo com informações obtidas, durante uma entrevista virtual com o Professor Marcos Araújo, no dia 24 de abril de 2021, as atuais discussões que envolvem a tramitação da “Lei Trans” na Espanha são bastante emblemáticas: o próprio PSOE está dividido e uma de suas alas quer exigir mudanças cirúrgicas e não somente a autopercepção, para que uma pessoa trans possa ser juridicamente reconhecida como tal por esta lei que está em tramitação. O partido Vox, por sua vez, sempre alega que o “lobby trans” seria financiado por indústrias farmacêuticas e de cirurgias corporais e teria se unido com os “progressistas” para impor a “ideologia de gênero” na Espanha, “transexualizar as crianças” e assim “destruir as famílias” e a “nação” espanhola. Esta complexa realidade espanhola reflete bem a necessidade de leis que libertem as pessoas trans das instáveis coalizões governamentais e suas respectivas opressões e lhes empoderem, ou seja, que lhes concedam direitos constitucionais que serão preservados pelas esferas dos Estados e não dos governos.

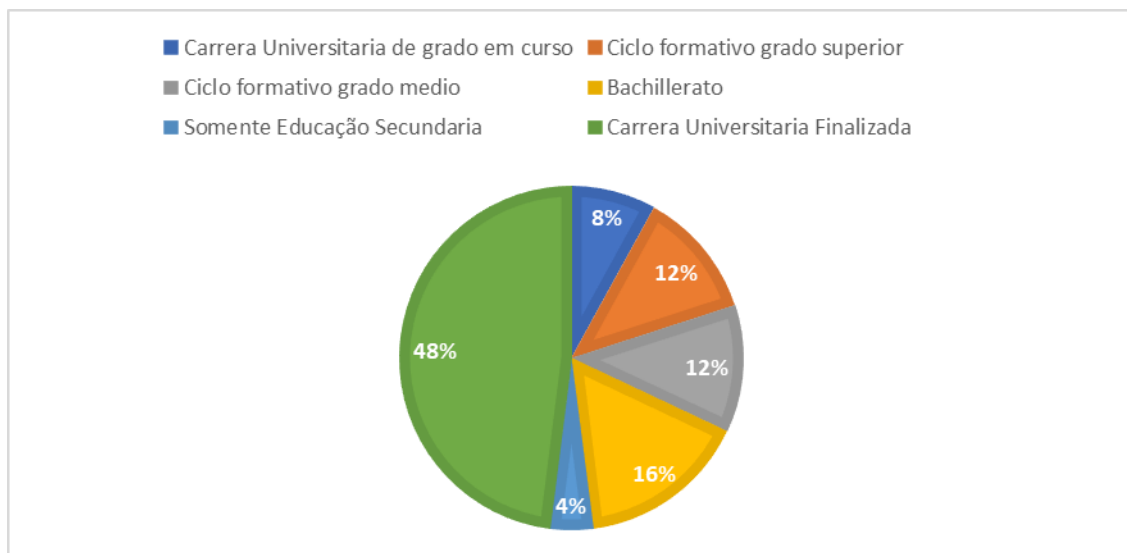
Existem também grupos de pessoas com ideias de ultradireita que agridem outros cidadãos nas ruas devido uma orientação sexual diferente ou uma identidade de gênero fora da normatividade. A interlocutora Manu afirma que houve “mortes e suicídios” que na realidade poderiam ser chamados de homicídios sociais, como um jovem adolescente trans que tirou sua própria vida, em 2019, devido os maus-tratos que sofria de todo seu entorno que não era favorável.

## CATEGORIA APOIOS

A interlocutora Eider, como pessoa descapacitada fisicamente, afirma, durante a entrevista, no dia 12 de março de 2022, que Barcelona está muito bem estruturada para receber pessoas com essas necessidades e que precisem utilizar a cadeira de rodas e em comparação com países como a Rússia, onde imigrou por 2 anos, era difícil conseguir locomover-se nesses ambientes e a mobilidade para todas as pessoas não era algo visado, diferente dos países da Europa ocidental e das Américas que possuem mais preocupações com esses cidadãos.

Quando falamos de apoio, Liz, durante a entrevista, no dia 10 de março de 2022, afirma que como em Barcelona o acesso a hormônios e medicamentos é muito mais fácil para realização do trânsito, essa foi uma das principais razões para sair da República Tcheca. Liz percebe a existência de uma preocupação com aparência que aquela pessoa trans irá mostrar a sociedade, então, quando uma pessoa quer realizar a transição, os serviços prestados em comparação com o resto da Europa são excelentes, principalmente se esses e essas pessoas já se encontram legalmente no país. Esse serviço é prestado por um órgão estatal que também fornece dez sessões com psicólogos.

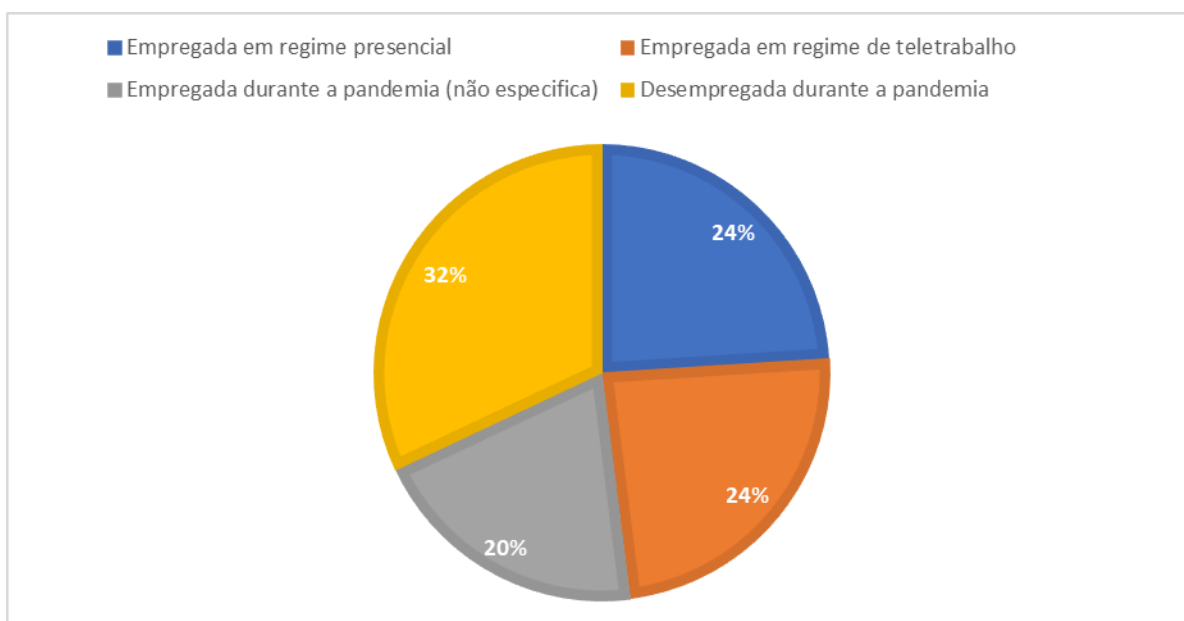
### 4.6.2 Apresentação dos resultados mais importantes coletados através do formulário



**Figura 11.** Gráfico 1. Grau de Escolaridade das Interlocutoras. Nota: Elaborado pela autora, com os dados fornecidos pelas interlocutoras em Barcelona, em 2022.

Tabela 21. Nível de Escolaridade.

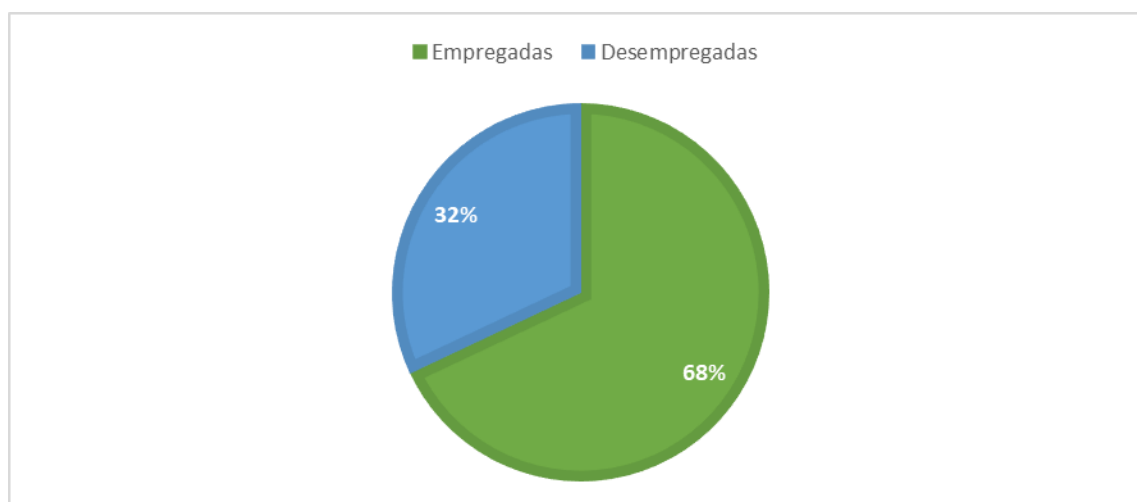
Grupo A	Carrera Universitária de grado em curso	2
Grupo B	Ciclo Formativo grado superior	3
Grupo C	Ciclo formativo grado médio	3
Grupo D	<i>Bachillerato</i>	4
Grupo E	Somente Educação Secundária	1
Grupo F	Carrera Universitária Finalizada	12



**Figura 12.** Gráfico 2. Emprego e Desemprego I. Nota: Elaborado pela autora com os dados fornecidos pelas interlocutoras em Barcelona, em 2022.

Tabela 22. Emprego e Desemprego.

Empregada em regime presencial	6
Empregada em regime de teletrabalho	6
Empregada durante a pandemia (não especifica)	5
Desempregada durante a pandemia	8

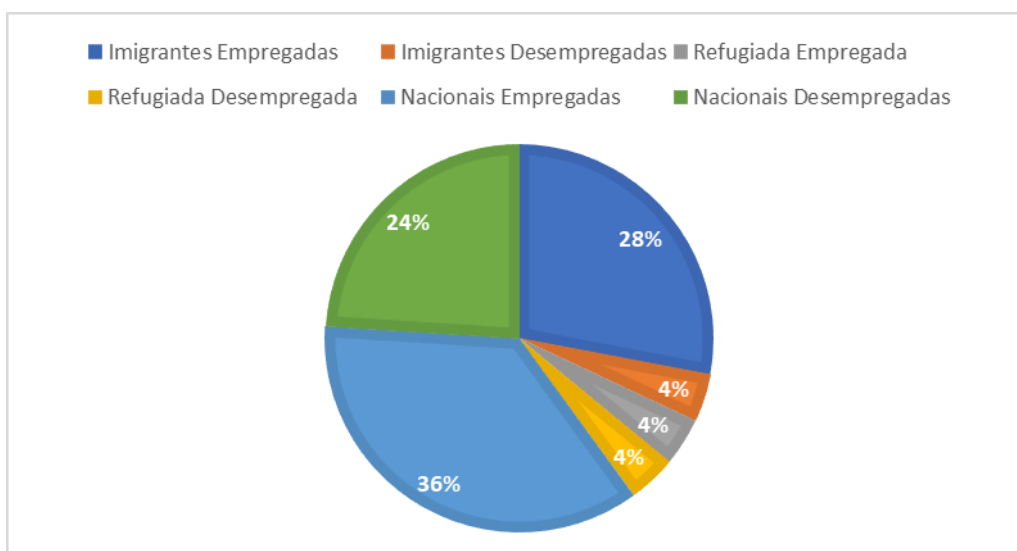


**Figura 13.** Gráfico 3. Emprego e Desemprego II. Nota: Elaborado pela autora, com os dados fornecidos pelas interlocutoras em Barcelona, em 2022.

Tabela 23. Relação entre Nível de Escolaridade x Emprego e Desemprego.

	Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D	Grupo E	Grupo F	Total
Empregadas	0	2	3	2	1	9	<b>17</b>
Desempregadas	2	1	0	2	0	3	<b>8</b>
Total	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>12</b>	<b>25</b>

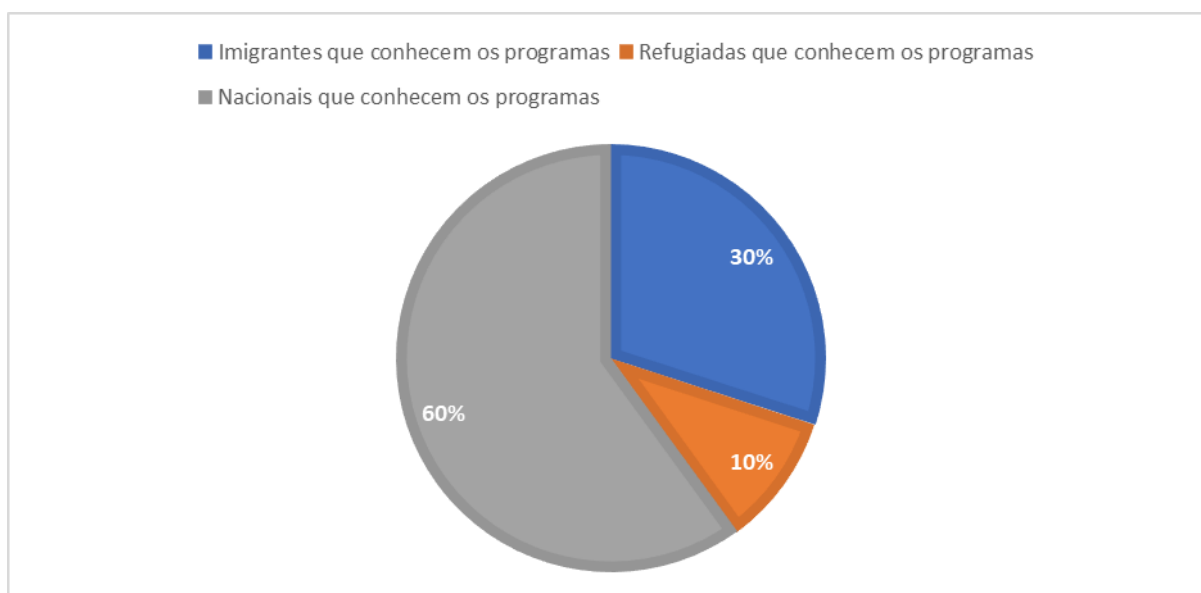
Dentro da porcentagem de mulheres empregadas (17 no total), não se pode ignorar a presença da interlocutora Yolanda, que se encontrava em um regime análogo a escravidão. Ela não se encaixaria nem como empregada nem como desempregada, estando à mercê de outras pessoas que a faziam realizar uma série de tarefas sem qualquer pagamento e sem contrato.



**Figura 14.** Gráfico 4. Emprega ou Desempregada na condição de Imigrante, Refugiada e Nacional. Nota: Elaborado pela autora com os dados fornecidos pelas interlocutoras em Barcelona, em 2022.

Tabela 24. Relação entre ser Nacional e Imigrante x Emprego e Desemprego.

	Imigrante	Refugiada	Nacional	Total
Empregadas	7	1	9	<b>17</b>
Desempregadas	1	1	6	<b>8</b>
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>15</b>	<b>25</b>



**Figura 15.** Gráfico 5. Imigrantes, Refugiadas e Nacionais que conhecem programas Governamentais de Emprego ou Trabalho. Nota: Elaborado pela autora com os dados fornecidos pelas interlocutoras em Barcelona, em 2022.

Tabela 25. Relação entre ser Nacional e Estrangeira x Conhecimento de programas governamentais que oferecem apoio para encontrar trabalho.

	Imigrante	Refugiada	Nacional	Total
Sim, conhecem	6	2	12	<b>20</b>
Não, não conhecem	2	0	3	<b>5</b>
Total	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>15</b>	<b>25</b>

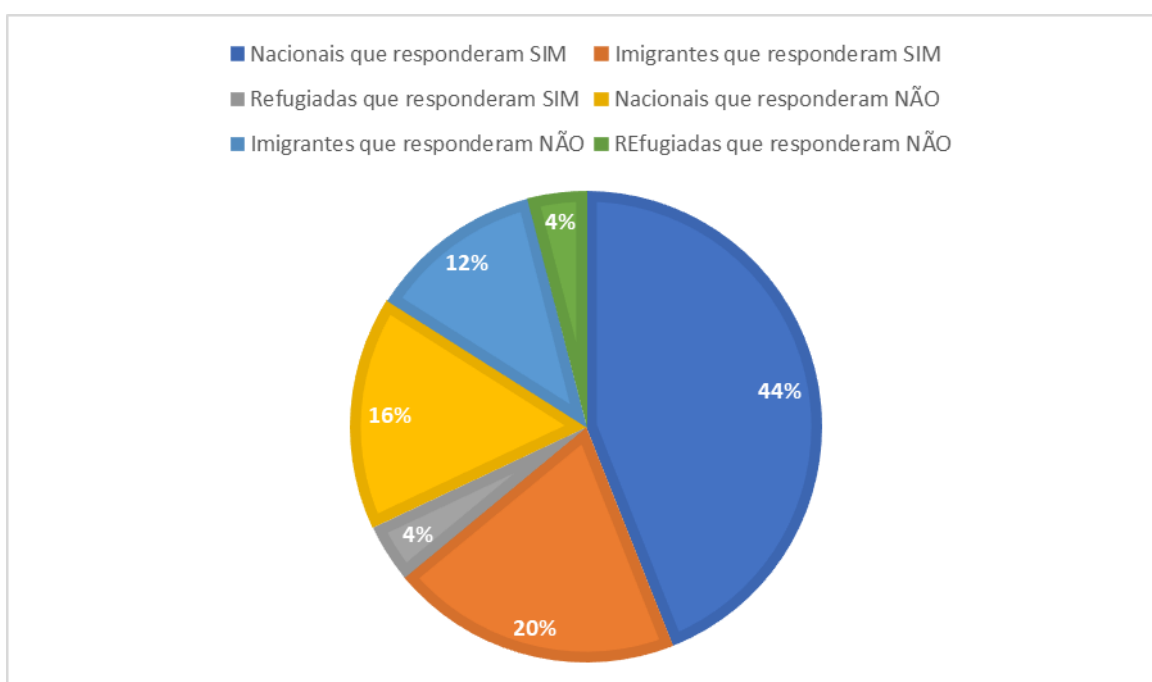
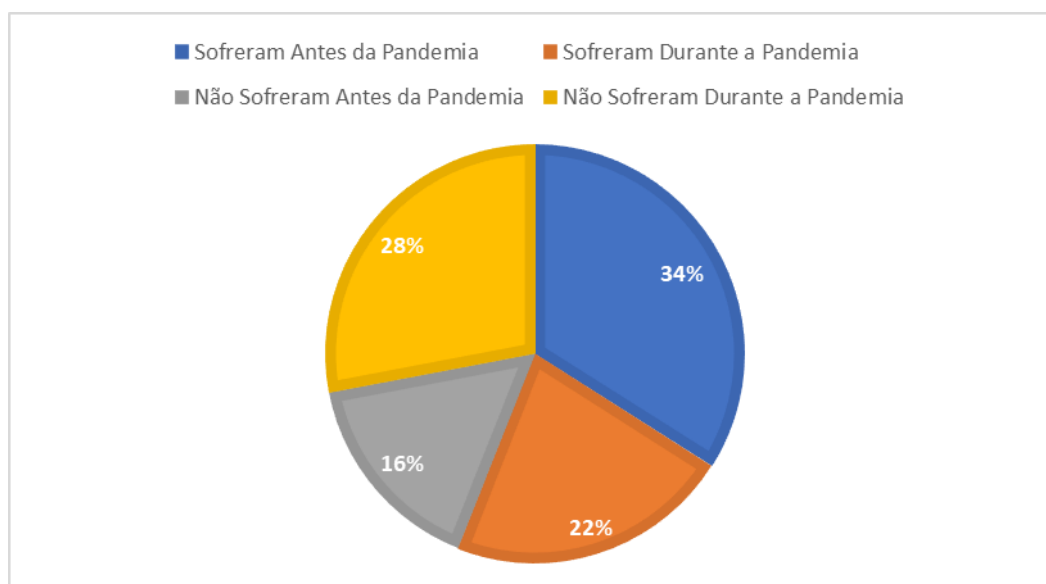


Figura 16. Gráfico 6. Sentimento de discriminação.

Tabela 26. Relação entre sentir discriminada por ser uma mulher trans x Imigrante, Refugiada e Nacionais.

	Sim	Não	Total
Nacionais (Espanholas/Catalanas)	11	4	<b>15</b>
Imigrantes	5	3	<b>8</b>
Refugiadas	1	1	<b>2</b>
Total	<b>17</b>	<b>8</b>	<b>25</b>



**Figura 17.** Gráfico 7. Discriminação antes e durante a Pandemia do Covid-19.

**Tabela 27.** Relação entre sofrer Discriminação antes e durante a Pandemia do Covid-19.

	Discriminação (Âmbito Laboral, Instituições de Saúde, Âmbito Familiar, Amigos).	Nenhuma	Total
Antes de pandemia	17	8	<b>25</b>
Durante a pandemia	11	14	<b>25</b>

A autora gostaria de destacar que, de acordo com os dados expostos, podemos considerar que esses números e essas porcentagens apresentadas são pessoas, são seres humanos, são mulheres trans cheias de sonhos, de esperanças e de frustrações e que mesmo imersas em tantas dificuldades e sentimentos negativos que causam o sofrimento delas, não desistem, seguindo seus caminhos e tentando construir uma sociedade melhor para as próximas gerações de pessoas trans. Não se trata de percentuais, trata-se de mostrar que através das informações coletadas existe um universo de possibilidades de resposta.

Considerando as reflexões feitas anteriormente, a autora versa que, ao iniciar esses estudos, se deparou com uma série de tensões suscitadas pelas dificuldades e burocracias que as imigrantes enfrentam ao chegar e permanecer em um país que não é o seu de origem. A autora também não sabia que iria se deparar com casos extremos de exploração e escravidão; com crimes bárbaros de agressão, como, por exemplo, o caso apresentado que deixou uma das interlocutoras surda; ou também os casos de abuso sexual, assédio moral e com o mais puro e triste racismo.

Um dos pontos em comum de todas as participantes (total de 25 entrevistadas) é que

todas passaram por algum momento de discriminação, seja no local de trabalho, saúde, família, amigos ou colegas de quarto, na rua, no país de origem e/ou em Barcelona. E deve ser salientada a pergunta, por quê são tão importantes esses dados numéricos? Será que não estão desumanizados e tornando ainda mais natural para sociedade que essas mulheres sejam discriminadas, violentadas, excluídas? Será que não está existindo a supervalorização dos algoritmos em relação as vidas humanas? Será que as estatísticas conseguem realmente mostrar as peculiaridades de uma realidade?

Essa é mais uma forma de refletir sobre o desenvolvimento da pesquisa, sobre os diálogos etnográficos estabelecidos, sobre as dificuldades de aproximação com as interlocutoras e no estabelecimento de laços de confiança com elas. É empatizar e perceber seus sentimentos e emoções durante a entrevista e a respeito da pandemia de covid-19.

Este trabalho foi construído a partir da perspectiva metodológica da horizontalidade, isto é, desde o princípio pretendeu-se realizar uma investigação não apenas “sobre” mulheres trans imigradas e refugiadas, mas uma investigação científica “com” a participação efetiva delas enquanto interlocutoras.

Concordamos com as interlocutoras quando algumas delas comentaram que suas trajetórias de vida não deveriam ser resumidas a simples dados numéricos ou estatísticos. Por isso, todas as informações apresentadas no decorrer desta dissertação de mestrado, na opinião da autora e das próprias interlocutoras, deveriam ser interpretadas como integrantes de uma conjuntura social e geopolítica mais ampla, na qual, infelizmente, as intolerâncias e os sentimentos de racismo, xenofobia e LGBTQIA+fobia estão cada vez mais presentes. Ou seja, este estudo pretende contribuir para que não apenas as particulares trajetórias de vida aqui apresentadas, mas também suas similaridades e convergências com as trajetórias de outros segmentos populacionais extremamente marginalizados e invisibilizados, sejam refletidas pelo viés da interseccionalidade e das mobilizações e lutas constantes por mais justiça e igualdade para todas as pessoas, independente de qualquer aspecto que possa (continuar a) ser usado para discriminar, oprimir ou restringir as liberdades individuais e os valores democráticos.

### **4.6.3 Informações posteriores a data de apresentação da Dissertação (13 de Dezembro de 2022)**

No dia 22 dezembro 2022 foi publicado por Isabel Valdés no jornal *El País*<sup>59</sup> que o projeto de lei para Igualdade real e efetiva das pessoas trans e para garantia de direitos das pessoas LGBTQIA+ foi aprovado com 188 votos a favor e 150 votos contra. A Câmara dos Deputados espanhola aprovou o projeto de Lei Trans como forma empoderar e dignificar a vida das pessoas trans, além de reconhecer o esforço de gerações de mulheres trans que enfrentaram o franquismo, as violências físicas e simbólicas sistemáticas e que deixaram assim um legado para novas gerações de mulheres trans que residem na Espanha.

É importante salientar que os movimentos das mulheres trans, permitiram que pessoas LGBTQIA+ tivessem hoje mais direitos e liberdades. A transexualidade desde janeiro de 2022 deixou de ser considerada um transtorno mental pela OMS (*Organización Mundial de la Salud*), ocorrendo a despatologização das identidades trans. O projeto de lei aprovado em 22 de dezembro de 2022, teve como base, essa importante decisão da OMS, possibilitando empoderar as e os transexuais e transgéneros imigradas, imigrados, refugiadas e refugiados. As medidas são destinadas a prevenção, correção e eliminação da discriminação nos ambientes públicos e privados, além de fomentar a participação das pessoas LGBTQIA+ em todos os ambientes da vida social. A autodeterminação de género também passa a vigorar. A mudança nos registros de nascimentos e o sexo no DNI (documento de identificação espanhol) passa a precisar de um aval judicial quando destinado a jovens entre os 12 e 14 anos. De 14 a 16 anos com consentimento dos pais e livre a partir dos 16 anos.

---

<sup>59</sup> Acesso em 30 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://elpais.com/sociedad/2022-12-22/el-congreso-aprueba-la-ley-trans.html>

## Capítulo 5- Conclusão

As pessoas que não se “encaixam” em certos padrões já estabelecidos pela sociedade acabam sofrendo com outras condicionantes interseccionalizadas com seus fatores identitários e culturais.

Partindo dessa premissa, a sociedade está marcada pela definição dos papéis e das expectativas sociais do que seria correto para um homem e mulher, definidos desde a infância e baseadas em uma diferença visível: a desigualdade de gênero. A partir do momento que se é diferente do estabelecido, principalmente referente a identidade de gênero, tudo se torna mais difícil para homens e mulheres transexuais, transgender e para aqueles que mesmo possuindo uma identidade de gênero correspondente ao seu aparato sexual, performam em algum momento de suas vidas o oposto ao esperado, como as pessoas que praticam o *cross-dressing*.

Existe também inúmeros problemas na exclusão de pessoas trans (termo definido por Bruto Costa e comentado anteriormente como o ato de deixar a margem, sem ajuda e sem a assistência de políticas públicas alguns indivíduos na sociedade). No mercado de trabalho, exemplificando, o problema em si não está nele e sim nas políticas públicas que não estão pautadas em diversidade, equidade, igualdade; em uma educação que não é neutra desde a infância e que seja capaz de auxiliar na construção social dos indivíduos; na não rejeição do feminino e supervalorização do masculino. O acesso à informação é fundamental para transexuais, transgêneros e *cross-dresser*, tanto na qualificação profissional, de cursos e ensino, quanto no desenvolvimento da área profissional que estas pessoas tenham interesse.

As pessoas trans não podem ser tratadas como ambíguas, como incertas. Cada pessoa possui seu espaço, sua orientação sexual e sua identidade de gênero. Imaginar que este coletivo causa perturbações ao desempenho da função de outros colaboradores, é alimentar o preconceito e a discriminação entre pessoas cis e pessoas trans, além de fortalecer um sistema desigual de oportunidades, de desenvolvimento e de verdadeira mudança para esses seres humanos.

Desse modo, os LGBTQIA+ precisam de representatividade, homens e mulheres trans binários e não binários, precisam de empatia em todos os ambientes. A necessidade de um recrutamento baseado em diversidade e solidariedade é imprescindível. Valores pessoais não deveriam ser levados em consideração. A comunicação é fundamental, não resistir a

contratação de uma pessoa trans, tendo respeito ao chamar pelo seu nome social, colocando-se no lugar desta pessoa, é essencial.

Ainda que existam organizações heteronormativas que estejam contratando e crescendo o número de colaboradores com diferentes perfis, é de suma importância que se compreenda as carências que a minoria LGBTQIA+ sofre; é relevante não criar um ambiente cercado de hostilidade, intolerância, preconceito e advertir todos os funcionários que pratiquem qualquer tipo de assédio moral e sexual. As pessoas trans podem e devem ser empregadas como qualquer outra, não merecendo ser tratadas de forma melhor ou pior; ou com remuneração mais baixa, acúmulo de funções e discriminação. Todas e todos e todes merecem respeito.

A utilização de linguagem inclusiva é um desafio para sociedade como um todo e se torna ainda mais difícil quando são poucos os estímulos oferecidos aos profissionais de saúde, de segurança pública, de migração e até recursos humanos, o que revelam-se substanciais para alcance do respeito e tolerância com pessoas trans, queer e não binárias.

Outra medida de extrema relevância é criação de ambientes inclusivos, respeituosos, tolerantes e acolhedores, sejam nos serviços de migração e refúgio, sejam nos serviços de saúde a este grupo. Políticas voltadas à habitação também são importantes para que essas mulheres não precisem estar sempre pendentes e em alerta com medo de serem expulsas de suas moradias, também é algo que deve ser colocado em evidência.

A autora completa com base nas entrevistas que deve ser realizado o desenvolvimento de projetos com pautas de respeito, dinâmicos e com mecanismos de expansão, com maiores possibilidades de integração e não somente no aspecto laboral, mas sim de envolver voluntariados, ócio, ação social e diferentes elementos que ajudem as mulheres trans a estarem integradas dentro da sociedade em que vivemos. O ativismo também deveria ser uma forma de autossustentar-se. Trabalhar sendo ativista e não somente em projetos que possuem uma curta duração.

Acreditamos que uma das razões para a ineficácia das políticas públicas, voltadas para as pessoas trans na cidade de Barcelona, é causada, principalmente, por falta de representatividade política e social. É algo que está evidente no decorrer desta dissertação, onde as interlocutoras afirmaram sobre a ineficácia das ajudas e até da falta e empatia e de reconhecimento por parte, por exemplo, do Centro LGBTQIA+ da Catalunha, que não consegue chegar a elas de uma maneira mais satisfatória.

Essa falta de representatividade interfere de forma significativa quando se trata de conseguir adquirir direitos. Se essas políticas públicas fossem construídas a partir de diálogos simétricos e com a participação efetiva dessas pessoas trans em suas elaborações, seria uma forma de empoderá-las, sendo essencial que essas pessoas participem politicamente. O empoderamento deveria ser algo realizado pelas esferas públicas, como forma de diminuir a transfobia.

De acordo com todos os dados que foram apresentados ao longo desse trabalho, podemos considerar que, a maioria dessas pessoas que elaboram políticas públicas para pessoas trans na cidade de Barcelona não conhecem em profundidade as realidades, as subjetividades e as emoções das pessoas trans, são pessoas cis gêneras que, por muito que empatizem, não conseguem verdadeiramente ajudar por terem dificuldade de se colocar no lugar dessas pessoas trans em situações de vulnerabilidade social e é algo presente em vários países do mundo ocidental, onde existe pouca ou quase nenhuma representação política trans nos parlamentos, nos senados, nas câmaras.

Encontram-se poucas pessoas trans na elaboração de políticas públicas direcionadas para pessoas trans. Algumas vezes são realizados encontros com a possibilidade de discussão e interlocuções de propostas, mas a maioria delas quando são colocadas em não conseguem obter os resultados esperados.

Uma outra forma de lutar em prol da dignidade das pessoas trans seria criando projetos para que nas escolas as crianças tivessem aulas sobre diversidade sexual e de gênero e assim pudessem compreender que a cisnormatividade é algo anacrônico. A realidade é plural do ponto de vista da diversidade sexual e de gênero.

Acreditamos que se houvesse uma maior representatividade social e política, nos meios de comunicação (tradicionais como tv, plataformas de *streaming* etc.) que abordasse as mulheres trans, transgender, *cross-dresser* e travestis em sua heterogeneidade, sem reforçar estereótipos e de forma respeitosa; outros segmentos da sociedade barcelonesa poderiam ter um maior contato e possivelmente uma maior empatia com essa realidade trans, *queer* e não binária. Essas pessoas não seriam vinculadas por telejornais sensacionalistas e perfis conservadores e transfóbicos presentes na redes sociais da *internet*, como as envolvidas no tráfico de drogas, no tráfico de seres humanos, no lenocínio e/ou na prostituição.

Este trabalho foi realizado também como forma de reivindicar a assistência anecessidades básicas de segurança para essas mulheres trans imigrantes e refugiadas, que estão fugindo de situações de violência física e/ou violências simbólicas (interinstitucionais,

interseccionais, como xenofobia e a misoginia). Todas merecem ter oportunidades e merecem ser escutadas. Nada é fácil para uma mulher na sociedade em que vivemos e o mínimo que deveria ser feito é oferecer equidade para que essas mulheres possam usufruir de uma vida digna, sejam elas trans ou cis.

Esse texto foi construído por e para essas mulheres, como forma de visibilização social. Pudemos, de acordo com os dados apresentados, considerar que se nutre as mais profundas esperanças de contribuição para existência de uma sociedade mais aberta, respeitosa, mais justa e que a promova a melhoria na qualidade de vida das futuras gerações de mulheres trans migrantes e refugiadas.

## Capítulo 6- Bibliografia

- Acadêmico, Projeto (2019). *Pesquisa Quali-Quantitativa*. Disponível em: <https://projetoacademico.com.br/pesquisa-quali-quantitativa/> (acedido em 29 de maio de 2022).
- Arendt, H. (1997). *Origens do Totalitarismo – Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. 3. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.
- Alastuey, Eduardo Bericat (2000). *La sociología de la emoción y la emoción en la sociología*. Universidad de Málaga. Departamento de Sociología. Papers 62, pp. 145-176. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/papers/02102862n62/02102862n62p145.pdf>.
- Barbalet, J.M. (2001). *Emotion, Social Theory, and Social Structure: A Macrosociological Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Barbalet, J.M. (2002). *Emotions and Sociology*. Oxford: Blackwell.
- Barreto, Beatriz Santos (2020). *Subcidadania LGBTQ e proteção social na pandemia de Covid-19*. Revista do NESEF. UFPR. V.9- n2- ago./dez.2020.
- Bastos, S. P., & Bastos J. G. P. (2006). *Filhos diferentes de deuses diferentes - Manejos da religião em processos de inserção social diferenciada: uma abordagem estrutural - dinâmica*. Observatório da Imigração: 17. ISBN 972-8000-17-0.
- Beauvoir, Simone (1949). *Segundo Sexo*. Editora Nova Fronteira. 2ª Edição. Maio de 2012. ISBN-10: 852092283X.
- Bendelow, G., & Williams, S. J. (1998). *Emotions in Social Life: Critical Themes and Contemporary Issues*. London: Routledge.
- Bento, B (2012). *Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova*. *Cienc Saude Colet*. 2012; 17(10):2655-64.

- Bordignon, D., & Rizzon, N. M (2021). *Capacitismo Cartilha para Organizações*. Mestrado Profissional em Psicologia. Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/capacitismo-mestrado-psicologia.pdf> (acesso em 1 de outubro de 2022).
- Bourdieu, Pierre (1999). *A dominação Masculina*. Editora Bertrand.
- Bourdieu, Pierre (dir.) (1993). *La misère du monde*. Éditions du Seuil.
- Buttler, Judith (1990). *Gender Troubles: Feminism and the Subversion of Identity*. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Cierco, Teresa (2010). *A Instituição de Asilo na União Europeia*. Coimbra: Almedina.
- Cierco, Teresa (2017). *Esclarecendo Conceitos: Refugiados, Asilados Políticos, Imigrantes Ilegais*. Fluxo Migratórios e Refugiados na Atualidade. Pdf.
- Costa, Alfredo Bruto (1998). *Exclusões Sociais*. Coleção Cadernos Democráticos - Fundação Mário Soares. Editora Gradativa.
- Connell, Raewyn., & Pearse, Rebecca (2015). *Gender in World Perspective*. Editora Polity Press, Cambridge, UK.
- Cromwell, Jason (1999). *Transmen and FTM - identities, bodies, genders and sexualities*. Chicago, University of Illinois, 1999.
- Crossley, Nick (1995). *Merleau-Ponty, the elusive body and carnal sociology, Body & Society*. Vol. 1, N<sup>o</sup>1, pp. 43-63.
- Coll Planas, Gerard (2012). *La Carne y la Metáfora: Una reflexión sobre el cuerpo en la Teoría Queer*. Barcelona. Editorial Egales, S.L.
- Coll Planas, Gerard (2013). *La Construcción social del género y la sexualidad: el caso de lesbianas, gays y trans*. Barcelona. Editorial Egales, S.L.
- Coll-Planas, Gerard., & Miquel Missé (2010). *El género desordenado*. Editorial Egales, S.L.

- Csordas, T.J. (1988). *Embodiment as a paradigm for anthropology*. Ethos. Vol. 18, p.5-47.
- Davidmann, Sara (2010). *Cap. 9 Beyond Borders: Lived Experiences of Atypically Gendered Transsexual People*. Transgender Identities. Towards a Social Analysis of Gender Diversity. Part III- Transforming Identities, pp.186. Edited: Sally Hines and Tam Sanger. Routledge, Taylor & Francis Group. London and New York.
- De Lauretis, Teresa (1991) “*Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities. An Introduction*”. Differences, Providence, v. 3, n. 2, p. 3-28, 1991.
- De Oliveira, Kris Herik (2021). *Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a Teoria Queer*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 29 (1). Universidade Estadual de Campinas. DOI:10.1590/1806-9584-2021v29n167637.
- Derrida, Jacques. (1994). *Fuerza de Ley: El fundamento místico de la autoridad*. Madrid: Tecnos.
- Dores, António Pedro (2011). *Medo e vergonha: emoções comunitárias e emoções sociais*. Revista Angolana de Sociologia (RAS). Disponível em: <https://doi.org/10.4000/ras.1174>.
- Duberman, M. B. (1993). *Stonewall*. Dutton. Editora Plume Books. Reprint Edição de 1994.
- Elias, Nobert (1994). *O Processo Civilizador*. Vol. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- Fausto- Sterling, A. (1993). *The five sexes*. The Sciences, p. 20–24.
- Fausto- Sterling, A. (2000). *The five sexes, revisited*. The Sciences.
- Fernandez, Bina (2014). *Essencial, mas Invisível: Trabalhadores Domésticos Migrantes*. GCC.
- Foucault, Michel (1984). *Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias*. Architecture/ Mouvement/ Continuité. Disponível em <https://web.mit.edu/allanmc/www/foucault1.pdf>.

- Foucault, Michel (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* 20. ed. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, Michel (2001). *História da sexualidade. Vol. 1: a vontade de saber*. 13.ed. Rio de Janeiro. Editora Graal.
- Freire, Paulo (1968). *A Pedagogia do Oprimido*. Editora Paz e Terra. 2020.
- Galán, J. I. P. (2003). *Migraciones y Opción Sexual*. Guasch, O. y Viñuales, O. Sexualidades, Diversidad y control social. Bellaterra, Barcelona, pp. 277-297.
- Giddens, Anthony (1989). *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giddens, Anthony (1991). *Consequências da modernidade*. 1ª. Ed. São Paulo: UNESP, 1991.
- Godoy, Arilda Schmidt (1995). *Pesquisa qualitativa: Tipos Fundamentais*. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v.35, n.3. p-20-29.
- Goffman, E. (1963). *Stigma*. London: Penguin. PdfDrive. Disponível em: <https://www.pdfdrive.com/goffman-erving1963-stigma-london-penguin-freelists-d6772893.html> (acedido a 11 de dezembro de 2020).
- Gómez, Carlos Moya (2016). *Una visión del género a través de la performance en la España actual*. Universitat Pompeu Fabra. Disponível em: [https://repositori.upf.edu/bitstream/handle/10230/27559/Moya\\_2016.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositori.upf.edu/bitstream/handle/10230/27559/Moya_2016.pdf?sequence=1&isAllowed=y) (Acedido a 20 de setembro de 2022).
- Gonçalves, R. C., Faleiro, J. H., & Malafaia, G (2013). *Educação Sexual no contexto Familiar e Escolar: Impasses e Desafios*. HOLOS, vol.5, pp. 251-263.
- Guimarães R. C. P. (2018). *Estigma e Diversidade Sexual nos Discursos dos (as) profissionais do SUS: Desafios para a saúde da população LGBT*. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva. Universidade de Brasília.

Hochschild, A. R (1975). *The Sociology of Feeling and Emotion: Selected Possibilities*». Em Millman N. M.; Kanter, R.M. (ed.). *Another Voice. Feminist perspectives on social Life and Social Science*. New York: Anchor Books, cap. 10, p. 280 - 307.

Hochschild, A. R. (1983). *The Managed Heart: Commercialization of human feeling*. Berkeley: University of California Press.

Instituto Federal do Paraná- IFPR (2018). *Anthony Giddens-agência e estrutura*. Sociologia Animada. [Video].YouTube. URL: <https://youtu.be/eYVlR3dmynY>.

Instituto Federal do Paraná -IFPR (2018). *Norbert Elias: Configuração e Civilização*. Sociologia Animada. [Video].YouTube. URL: <https://youtu.be/cnMAbPdTgcg?list=PLZ4Wu4UFPXZQqStNkbFY1PIAjz3TXCG3U>.

Jubilut, Liliana Lyra (2007). *O Direito internacional dos refugiados e sua aplicação no orçamento jurídico brasileiro*. São Paulo: Método.

Junior, Aurelio Lopes da Silva (2020). *Vartabedian, Julieta. 2018. Brazilian 'Travesti' Migrations: Gender, Sexualities and Embodiment Experiences*. Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana. ISSN : ISSN 1984-6487. n. 35, aug. 2020 - pp.317-323.

Kemper, T. D. (1978). *A Social Interactional Theory of Emotions*. New York: John Willey & Sons.

Kozinets, Robert. V (2014). *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 203p.

Proyecto de Ley para la igualdad real y efectiva de las personas trans y para garantía de los derechos de las personas LGTBI (121/000113, Art. 148 y Art. 93 del Reglamento a la Comisión de Igualdad de 8 de septiembre de 2022). Boletín Oficial de las Cortes Generales. Serie A: Proyectos de Ley. Nº 113-1. pp.1 de 12 de septiembre de 2022.

Igualdad social y no discriminación por razón de identidad de género, presión de género y características sexuales (Art. 47.1 del Estatuto de Autonomía de Canarias, Ley 2/2021, de 7 de junio). Boletín Oficial del Estado 163. Sec. I. pp.81817 de 9 de julio de 2021.

Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (Art. 1, A a2 da Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados). Convenção de Genebra (1951) *Estatuto dos Refugiados*. Disponível em [https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/convencao\\_relativa\\_estatuto\\_refugiados.pdf](https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/convencao_relativa_estatuto_refugiados.pdf).

Lupton, Deborah (1998). *The Emotional Self: A sociocultural exploration*. London: Sage.

Machado, Fernando Luís (2007). *Pierre Bourdieu e a Sociologia das migrações: uma relação inexistente?*. Capítulo 15. Livro: A Teoria da prática e a Construção da Sociologia em Portugal. José Madureira Pinto, Virgílio Borges Pereira (Orgs).

Mead, Margaret. (2009). *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. 4ª edição de janeiro de 2009. Editora: Perspectiva.

Merleau-Ponty, M. (2004). *Conversas: 1948*. São Paulo: Martins Fontes.

Miskolci, Richard (2009). *Teoria Queer e a Sociologia: O desafio de uma analítica da normalização*. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, p 150-182. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRjyv9GszMddwqpncrJvdn/?format=pdf&lang=pt> (acedido 20 de dezembro de 2021).

Missé, Miquel (2014). *Transexualidades: otras miradas posibles*. Barcelona. Editora Egales.

Missé, Miquel (2018). *A la conquista del cuerpo equivocado do autor*.

Moda, Ana Beatriz (2022). *Relatório mostra que em 2021, Brasil foi país em que mais se matou pessoas trans no mundo*. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/relatorio-mostra-que-em-2021-brasil-foi-pais-em-que-mais-se-matou-pessoas-trans-no-mundo-25370228> (acedido a 28 de janeiro de 2022).

Observatório Español del Racismo y la Xenofobia do Governo Espanhol Gobierno Español (2022). *La FRA lanza un cuestionario en diez Estados miembros para conocer las experiencias de las personas desplazadas desde Ucrania*. (OBEXARE). <https://www.inclusion.gob.es/oberaxe/es/destacados/index.htm>.

- Oliveira, Catarina (2022). *Observatório das Migrações. Requerentes e Beneficiários de Proteção Internacional em Portugal*. Relatório Estatístico do Asilo 2022. Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/1489887/Relat%C3%B3rio+Asilo+2022+OM.pdf/eba0bc61-c084-4407-b1c5-092229144248> (acedido em 20 de setembro de 2022).
- Onu News (2019). Número de migrantes internacionais no mundo chega a 272 milhões. Migrantes e Refugiados. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1696031> (acedido em 30 de setembro de 2022).
- Paganoto, Faber (2019). *Xenofobia e Migração* [Video]. YouTube. URL: <https://www.youtube.com/watch?v=JWBcbk4XMqI>.
- Pimentel, Alessandra (2001). *O Método da Análise Documental: Seu uso numa pesquisa Historiográfica*. Cadernos de Pesquisa n.114, p 179-195, nov.
- Quijano, Aníbal (2005). *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e America Latina*. Editora CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf) (acesso 20 de setembro de 2022).
- Rich, Adrienne (1986). *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Experience*. In: Snitow, Ann; Stansel, Christine and Thompson, Sharon. *Powers of Desire. The Politics of Sexuality*. New York: Monthly Review Press, 1983. P.177-205.
- Rocha, A.L.C; Eckert,C (2008). *Etnografia: Saberes e Práticas. Ciências Humanas: Pesquisa e Método*. Porto Alegre: Editora da Universidade.
- Rodrigues, D; Araújo, M (2022). *A tribo LGBTQIA+: Tentativa de caracterização sociológica (Parte I)*. Revista Visão. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/sociologia-do-quotidiano/2022-02-18-a-tribo-lgbtqia-tentativa-de-caracterizacao-sociologica-parte-i/> (acedido em 11 de abril de 2022).
- Rundall, Em; Vicchietti, Vicent (2010). *Cap. 6 (In) Visibility in the work place: The Experiences of Trans employees in the UK*. Transgender Identities. Towards a Social Analysis of Gender Diversity. Part II- Trans Governance. p-127. Edited: Sally Hines and Tam Sanger. Routledge, Taylor & Francis Group. London and New York.

- Sá-Silva, J.R.; Almeida, C. D.; Guindani, J.F. (2009). *Pesquisa Documental: Pistas teóricas e metodológicas*. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. ISSN:2175-3423.
- Santos, V. M. M., De Carvalho, G. D., Fávero, M., & Gomes, V. (2019). Capítulo: Terminologias Trans. Dicionário de Educação Sexual, Sexualidade, Gênero e Interseccionalidades. Editora: Udesc. P.297-307. ISBN: 978-85-8302-187-2. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/128304/2/411393.pdf> (acedeu em 21 de setembro de 2022).
- Scheff, T. J. (1990). *Microsociology: Emotion, Discourse, and Social Structure*. Univ. of Chicago Press.
- Seidman, Steve (1996). *Queer Theory/ Sociology*. Malden: Blackwell.
- Sennet, R.; Cobb, J. (1972). *The Hidden Injuries of Class*. New York: W.W. Norton & Company.
- Serra, Alba Barbé i (2015). *El cross-dressing en el contexto català del segle XXI*. Dept. Antropologia Cultural i Història d' Amèrica i Àfrica. Facultat de Geografia i Història. Universitat de Barcelona.
- Shilling C. (2003). *The body and social theory*. London: SAGE.
- Silva, Marcos de Araújo (2013). Dinâmicas da Migração Brasileira e Crise do Welfare State na UE Pós 2008: Uma etnografia a partir de Roma e Barcelona. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Silva, R.G.L.B; Bezerra, W.C.; Queiroz, S.B. (2015). *Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais*. Rev.Ter.Ocup. Universidade de São Paulo. Vol 26, nº 3: 364-72.
- Silva, Suelen de Aguiar (2015). *Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático*. Intercom – RBCC São Paulo, v.38, n.2, p. 339-342, jul./dez.

- Skeggs, Beverley (2010). *Class, Culture and Morality: Legacies and Logics in the Space for Identification*. A *The Sage Handbook of Identities*, editat per M. Wetherell i Ch.T. Mohanty, 339-360. London: Sage. Disponível em: <https://eprints.lancs.ac.uk/id/eprint/138170/>.
- Tamanini, Marlene (2020). Sociologia de género e da sexualidade: contextos, conceitos e desafios. In: FAZZI, Rita, LIMA, Jair Araújo de. "Temas e questões contemporâneos da Pós-Graduação em Ciências Sociais no Brasil." São Paulo: Vozes, 2020. P. 567-586.
- Tavares, Bruno; Mohr, Adriana; Ramos, Marina (2021). Anne FaustoSterling e o espectro de sexo/ género: contribuições para a educação em ciências e biologia”, *R. Ens. Biol.*, vol. 14, nº 1, p. 410-426, jun. 2021.
- Terreri, Guilherme (2021). *Masculinidade Tóxica*. [Video]. YouTube. URL: <https://www.youtube.com/watch?v=E-qOOTiNKcQ> (acedido a 20 de setembro de 2022).
- TNH, Gobierno (2022). *RNP permitirá el cambio de nombre a personas trans*. Canal 8. Disponível em: <https://tnh.gob.hn/gobierno/rnp-permitira-el-cambio-de-nombre-a-personas-trans-en-honduras/> (acedido em 30 de setembro de 2022).
- Turner J. H; Stets, J.E. (2005). *The Sociology of Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Turner J. H; Stets, J.E. (2006). *Handbook of the Sociology of Emotions*. New York: Springer.
- UBI Manual (2006). *Manual de Imagem Institucional Igualitária da UBI*. Projeto UBIgual - Plano de Igualdade de Género da UBI. Centro de Estudos Sociais. Universidade da Beira Interior. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19669834-Manual-de-imagem-institucional-igualitaria-da-ubi-projeto-ubigual-plano-de-igualdade-de-genero-da-ubi.html> (acedido em 30 de agosto de 2022).

- Vartabedian, Julieta (2008). *Transexualidad femenina en Barcelona: Notas sobre un trabajo de campo*. Universitat de Barcelona. Número 1. Maig de 2008. Pàgines 107-114. ISSN: 2013-0864. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/71525/1/2146-Text%20de%20l%27article-2418-1-10-20111025.pdf> (acedido em 22 de setembro de 2022).
- Vartabedian, Julieta (2018). *Brazilian 'Travesti' Migrations: Gender, Sexualities and Embodiment Experiences*. 1ª ed. Londres: Palgrave Macmillan. 246 p.
- Waner, Michael (1991). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press.
- Wouters, Cas (2007). *Informalization: Manners and emotions since 1890*. Thousand Oaks: Sage.

## ANEXOS

### ANEXO 1- ENTREVISTA SEMI ESTRUCTURADA UTILIZADA

Me llamo Herdene Vitória tengo 25 años, soy estudiante finalista del Máster en Sociología Exclusiones y Políticas Sociales de la Universidad da Beira Interior en Portugal. Mi investigación tiene como título “*Mujeres Transexuales, Transgender e Cross-dresser: Trayectorias de vida, emociones y resiliencias entre Inmigrantes y Refugiadas en Barcelona*” y me gustaría mucho su apoyo con esta entrevista para poder seguir avanzando con mi trabajo.

#### DIMENSIÓN 1- MIGRACIÓN Y REFUGIO

##### CATEGORÍA MOTIVACIÓN

- 1- ¿Por qué te planteaste emigrar?
- 2- ¿Cuáles fueron los hechos más importantes de tu vida, desde que te convertiste en inmigrante o refugiada aquí en Cataluña? ¿Cuál fue la mayor dificultad que tuviste cuando llegaste aquí? ¿Cómo es ser inmigrante? o/ ¿Cómo es ser una refugiada?
- 3- ¿Por qué España?

##### CATEGORÍA DIFICULTADES EN UN PAÍS EXTRANJERO

- 4- ¿Cuáles fueron tus mayores dificultades en tu país de origen?
- 5- ¿Tienes apoyo familiar para estar aquí?
- 6- ¿Quieres volver a tu país?

#### DIMENSIÓN 2- ORIENTACIÓN SEXUAL E IDENTIDADE DE GÉNERO

##### CATEGORÍA IDENTIDAD ANTES DEL CAMBIO

- 7- ¿Cómo defines tu niñez hasta el momento que descubriste tu transexualidad?
- 8- ¿Qué fue lo que te hizo descubrir tu identidad de género actual?

##### CATEGORÍA DIFICULTADES

- 9- ¿Cuáles fueron las principales dificultades que enfrentaste por tu orientación sexual o tu identidad de género? ¿Te ha afectado el hecho de ser una *cross-dresser* o de ser TRANS en tu vida social (sea en el trabajo, con amigos y/o familiares)? ¿Afecta eso a tu identidad de género? ¿Por qué?

##### CATEGORÍA VIVENCIA

- 10- ¿Qué crees que la gente piensa de ti? Las personas que te conocen y las que no.
- 11- ¿Puedes contarme un poco sobre tu historia?

12- Define con una metáfora lo que comprendes por travestismo/transexualidad (una frase “la transexualidad es como...”)

### **DIMENSIÓN 3- EL MERCADO LABORAL**

#### **CATEGORÍA CONDICIONES LABORALES**

13- ¿Cuál es tu formación académica o nivel de escolaridad?

14- ¿Cuál es tu profesión? ¿Siempre has trabajado en lo mismo?

15- ¿Conoces algún programa gubernamental u ONGs que ayuden a las mujeres trans a conseguir trabajo?

#### **CATEGORÍA DISCRIMINACIÓN LABORAL**

16- ¿Alguna vez te has sentido discriminada en tu entorno laboral?

17- ¿Has vivido algún momento de violencia física o psíquica?

18- ¿Cómo ves tu futuro laboral?

### **DIMENSIÓN 4- COVID-19**

#### **CATEGORÍA SITUACIÓN LABORAL**

19- ¿Estaba empleada durante la pandemia?

20- ¿Trabajaste de forma online (teletrabajo)? ¿O siempre presencial?

#### **CATEGORÍA ACEPTACIÓN Y DISCRIMINACIÓN**

21- ¿Alguna vez te has sentido discriminada por las instituciones sanitarias aquí en Barcelona?

22- ¿Has vivido algún momento de discriminación por parte de familiares durante esta pandemia?

#### **CATEGORÍA PANDEMIA**

23- ¿Viviste sola durante la pandemia o con amigos, familiares o compañeros de piso? ¿Fue agradable o te sentiste mal? ¿Crees que tienes alguna secuela psicológica por la pandemia?

24- Si pudieras pedir un deseo a la sociedad, ¿qué pedirías?

### **DIMENSIÓN 5- PREGUNTAS SOBRE CATALUÑA**

25- Dicen que Barcelona es una capital LGBT, me gustaría saber dónde crees tú que está la hipocresía en Barcelona.

26- ¿Participas en alguna organización u ONG que ayude mujeres trans? ¿Cuáles?

## **ANEXO 2- FORMULÁRIO ESTRUTURADO UTILIZADO**

Sentimientos y Vulnerabilidades de la comunidad Trans y Cross-dressing durante la pandemia del COVID-19. Este formulario se aplicará para identificar las características y vulnerabilidades de la comunidad Trans y Cross-dressing, sus sentimientos y opiniones con respecto a los servicios de salud, ambientes laborales y familiares; con fines puramente académicos donde la opinión de los y las participantes es el objeto de la investigación. En ningún caso se utilizarán datos personales de las entrevistadas ni datos que pudieran desvelar su identidad.

1- Nivel de escolaridad:

- A. Educación Primaria
- B. Educación Secundaria
- C. Bachillerato
- D. Ciclo Formativo de Grado Medio
- E. Ciclo Formativo Grado Superior
- F. Carrera Universitaria de grado en curso
- G. Carrera Universitaria finalizada
- H. Ninguno

2- Si has marcado Ciclo Formativo de Grado Superior o Carrera Universitaria:

- A. Conseguí trabajo en el área de mi formación.
- B. Intenté, pero nunca tuve oportunidades de trabajar en el área de mi formación.
- C. No se aplica

3- Estado Civil:

- A. Soltera
- B. Casada
- C. Viuda
- D. Relación Estable
- E. Relación Abierta o Poliafectiva

4- Te declaras:

- A. Negra
- B. Morena
- C. Blanca
- D. Mestiza
- E. Oriental
- F. Árabe
- G. Indígena
- H. Gitana
- I. Otra

5- Si pusiste OTRA en la pregunta anterior, por favor escribir: \_\_\_\_\_

6- Identidad de género:

- A. Transexual
- B. Transgénero
- C. Queer
- D. Género Fluido
- E. Binaria
- F. No binaria
- G. Otra

7- Si pusiste OTRA en la pregunta anterior, por favor escribir: \_\_\_\_\_

8- Orientación sexual:

- A. Homosexual
- B. Heterosexual
- C. Bisexual
- D. Pansexual
- E. Asexual
- F. Otra

9- Si pusiste OTRA en la pregunta anterior, por favor escribir: \_\_\_\_\_

10- Rango de edad:

- A. Menos de 18 años
- B. De 18 a 22 años
- C. De 23 a 27 años
- D. De 28 a 32 años
- E. De 33 a 37 años
- F. De 38 a 42 años
- G. De 43 a 47 años
- H. Más de 50 años

11-Hijos/as:

- A. Ninguno/a
- B. Uno/a
- C. Dos
- D. Tres
- E. Más de 3

12- Nacionalidad:

- A. Española
- B. Catalana Independentista
- C. Otra

13- Si pusiste OTRA en la pregunta anterior, por favor escribir cuál es su nacionalidad:

\_\_\_\_\_

14- ¿Eres Inmigrante?

- A. Sí
- B. No

15- ¿Eres refugiada?

- A. Sí
- B. No

16- ¿Vives en Europa desde hace cuánto tiempo?

- A. Menos de 3 meses
- B. Entre 3 meses y 1 año
- C. Más de 1 año
- D. Entre 2 y 5 años
- E. Entre 5 y 8 años
- F. Más de 10 años
- G. Más de 20 años

17- Trabajo:

- A. Estaba empleada durante la pandemia (no especifica)
- B. Estaba desempleada durante la pandemia
- C. Estaba empleada en régimen de teletrabajo
- D. Estaba empleada en régimen presencial

18- ¿Alguna vez has tenido COVID 19?

- A. Sí
- B. No
- C. No sé informar

19- ¿Tienes secuelas?

- A. Sí
- B. No
- C. No se aplica
- D. No sé informar

20- ¿Eres parte del grupo de riesgo? (diabéticos, cardíacos, obesos, entre otros).

- A. Sí
- B. No
- C. No sé informar

21- ¿Conoces a alguna persona de tu entorno que haya fallecido por complicaciones con el COVID-19?

- A. Sí
- B. No
- C. No sé informar

22- ¿Con quién viviste durante la pandemia?

- A. He vivido sola
- B. He vivido con padres/ familiares o pareja
- C. He vivido con amigos o compañeros de piso

23- ¿Con cuántas personas vives?

- A. Sola
- B. Yo y una persona más
- C. Yo y dos personas más
- D. Yo y tres personas más
- E. Yo y más de tres personas

24- Me resulta agradable haber vivido con mis padres, familiares durante la pandemia:

No se aplica 0 1 2 3 4 5 Muy agradable

25- Me resulta agradable haber vivido con mi pareja durante la pandemia:

No se aplica 0 1 2 3 4 5 Muy agradable

26- Me resulta agradable haber convivido con amigos o compañeros de piso durante la pandemia:

No se aplica 0 1 2 3 4 5 Muy agradable

27- Me resulta agradable vivir sola durante la pandemia:

No se aplica 0 1 2 3 4 5 Muy agradable

28- ¿Cómo te sientes al estar tanto tiempo en casa debido a la pandemia? (Marca todas con las que te identifiques)

- A. Tranquila
- B. Feliz
- C. Ansiosa
- D. Nerviosa
- E. Triste
- F. Confusa
- G. En pánico
- H. Indiferente
- I. Con rabia
- J. Preocupada
- K. Aburrida
- L. Otras

29- Me he sentido discriminada antes la pandemia:

- A. Ámbito laboral
- B. Instituciones de salud
- C. Ámbito familiar
- D. Amigos
- E. Ninguna

30- Me he sentido discriminada durante la pandemia:

- A. Ámbito laboral
- B. Instituciones de salud
- C. Ámbito familiar
- D. Amigos
- E. Ninguna

31- Me he sentido discriminada durante la pandemia:

- A. Sí
- B. No

32- Si ha respondido sí en la pregunta anterior, marque las alternativas:

- A. Ámbito laboral
- B. Instituciones de salud
- C. Ámbito familiar
- D. Amigos
- E. Ninguna

33- Sufrió malos tratos antes la pandemia:

- A. Sí, físicos
- B. Sí, psicológicos
- C. No

34- Sufrió malos tratos durante la pandemia:

- A. Sí, físicos
- B. Sí, psicológicos
- C. No

35- ¿Conoces redes de apoyo para encontrar trabajo y empleo (grupos de WhatsApp, Instagram, Facebook)?

- A. Tengo conocimiento
- B. No tengo conocimiento

36- ¿Conoces programas gubernamentales que ofrecen apoyo para encontrar trabajos?

- A. Tengo conocimiento
- B. No tengo conocimiento

37- ¿Conoces programas de ONGs y Asociaciones que ofrecen apoyo para encontrar trabajos?

- A. Tengo conocimiento
- B. No tengo conocimiento

38- ¿Conoces programas destinados específicamente a ayudar a personas LGBTQI+ a encontrar trabajo?

- A. Tengo conocimiento
- B. No tengo conocimiento

39- Actividad que realizó durante la pandemia:

- A. Estudiante
- B. Trabajo remunerado con o sin contrato (bares, restaurantes, hoteles, construcción civil, etc.)
- C. Cuidador de ancianos o niños
- D. Trabajadores domésticos
- E. Trabajadores sexuales de forma presencial o virtual
- F. Sin actividad



### **ANEXO 3- PERMISSÃO UTILIZADA PARA GRAVAÇÃO DE ÁUDIO**

#### **Carta de autorización para ser entrevistada y audio grabado**

Por medio de la presente

Yo \_\_\_\_\_, NIE/  
DNI o Pasaporte \_\_\_\_\_, acepto ser entrevistada para el trabajo de investigación que lleva por título “*Mulheres Transexuais, Transgender e Cross-dresser: Trajetórias de vida, emoções e resiliências entre Imigrantes e Refugiadas em Barcelona*” dirigido por los Profesores Donizete Aparecido Rodrigues y Marcos de Araújo Silva. La entrevista está realizada por Herdene Vitória Vital Ribeiro, pasaporte GA626014. Además, doy mi autorización para que los datos de esta entrevista se utilicen con fines puramente académicos. En ningún caso se utilizarán mis datos personales ni aquellos datos que puedan identificarme de alguna manera.

Nombre y firma: \_\_\_\_\_

En Barcelona, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022